

Carina Portugal
Carla Ribeiro



Os Passos do Destino

Carina Portugal – Carla Ribeiro

OS PASSOS DO DESTINO

Título: OS PASSOS DO DESTINO

Autor: Carina Portugal e Carla Ribeiro

Editor: Neolivros | www.neolivros.com

geral@neolivros.com

Paginação: João Carvalho (Neolivros)

Ano de edição: 2009

Capa: Carla Ribeiro

Obra com direitos de autor

Os direitos dos livros electrónicos publicados na Neolivros permanecem na posse dos respectivos autores, que autorizaram a disponibilização pública das suas criações. É permitida a reprodução caso o formato original do presente documento seja preservado. É proibida a venda, aluguer ou qualquer outro tipo de aproveitamento comercial, sem o consentimento do(s) autor(es).

ÍNDICE

A Mão do Destino	5
A Profecia	24
O Anjo do Abismo	56
Pluma Escarlate	77
 Breves Notas Biográficas	 110

A MÃO DO DESTINO

CARLA RIBEIRO

- Por favor, sê rápido... - murmurou a mulher, incapaz de evitar um estremecimento de terror ao vê-lo entrar na câmara sombria para onde havia sido arrastada.

Jazia caída de joelhos, demasiado fraca para se mover, molhada no sangue que jorrava dos seus ferimentos. A dor era excruciante, mas, mesmo assim, o tempo passava e a morte recusava-se a vir em seu auxílio. Mas talvez, agora que ele chegara, encontrasse finalmente um fim para o seu sofrimento.

Essa breve esperança, contudo, não durou mais que alguns segundos, pois, à medida que ele se aproximava, ela conseguiu ver o sorriso sádico que se espelhava no seu rosto enquanto observava o seu corpo nu e compreendeu que a sua agonia ainda mal começara.

Avançava lentamente, tirando prazer do medo que irradiava da mulher e desejando prolongar o seu sofrimento durante o máximo possível. Era, na verdade, muito menos do que merecia. Como se atrevera ela a traí-lo com um plebeu, a ele que era o príncipe herdeiro do reino? Quem julgava ela que era?

Aproximou-se mais, até se encontrar imediatamente atrás dela, e colocou as mãos sobre os seus ombros feridos, sentindo-a estremecer. Depois, bruscamente, ergueu-a pelos cabelos e, usando os braços para a manter junto ao seu corpo, murmurou ao seu ouvido:

- Rápido? Julgas, porventura, que mereces uma morte rápida, depois de me teres traído?

- Eu não... - balbuciou a mulher – Não...

- Não me traíste? – interrompeu ele – Então o que chamas a ir para a cama com um dos meus servos, como uma rameira vulgar? Disse-te, por acaso, que o podias fazer?

Sem lhe dar oportunidade de resposta, lançou-a bruscamente ao chão, imobilizando-a em seguida com o peso do seu corpo. Depois, as suas mãos começaram a deslizar pela pele dela, detendo-se longamente nos múltiplos golpes que lhe rasgavam a carne e tocando-os lentamente, de modo a infligir dor. Não havia dúvida de que os seus guardas haviam feito um bom trabalho, quando lhes ordenara que a capturassem em mau estado, pensava, enquanto estremecia de prazer ante os gemidos da mulher.

- Dói, não dói? – perguntou ele – E ainda mal comecei.

Subitamente, um punhal brilhava na sua mão e ele fez questão de o exhibir diante do olhar apavorado da sua vítima.

- Não... - implorou ela, desesperada – Por favor, não...

- Quando foi que te disse que podias falar? – respondeu ele, esbofeteando-a com violência – Eu vou fazer de ti aquilo que eu quiser e ninguém me vai impedir.

Nesse mesmo momento, contudo, a figura de um outro homem surgia à porta da masmorra e, num tom sombrio, dizia, com a voz imperativa de quem está habituado a ser obedecido:

- Sebastian... Queres ter a gentileza de largar essa mulher?

O príncipe dirigiu um olhar colérico à figura postada diante da porta, vestida de negro e com o rosto parcialmente oculto por um lenço de um vermelho cor de sangue.

- Ou o quê? – perguntou, irritado – Obrigas-me?

- Sim. – respondeu o outro, simplesmente.

Sebastian riu.

- E que poder tens tu para o fazer? – perguntou, enquanto forçava a mulher a erguer-se e lhe encostava o punhal à garganta.

- Ora, ora... - respondeu o outro, surpreendentemente calmo – Será possível que Sua Alteza o príncipe herdeiro nunca tenha ouvido falar de mim? Eu sou o Mago.

O rosto do príncipe transformou-se numa máscara de espanto. Como era possível que o maior inimigo da coroa tivesse conseguido ultrapassar todas as defesas e entrar nas catacumbas do palácio?

- Agora que já sabes quem eu sou, - prosseguiu o Mago – podes libertar essa mulher?

- Mas claro! – respondeu Sebastian – Do peso da vida. – acrescentou, enquanto, silenciosamente, o punhal deslizava pela garganta da sua vítima, rasgando-a de lado a lado.

No momento em que o corpo caía, percorrido pelo derradeiro estertor da morte, os olhares de ambos cruzaram-se, reflectindo o mesmo ódio ilimitado. Depois, sem quaisquer palavras, desembainharam as espadas e lançaram-se no combate.

Os golpes sucediam-se tão rapidamente que eram impossíveis de seguir. Eram ambos mestres na luta com espadas e o confronto não estava a favor de nenhum dos dois. Ambos recorriam a todas as suas forças na tentativa de derrubar o adversário e aquele combate poderia ter-se prolongado indefinidamente, não fosse o súbito aparecimento de uma outra mulher que, ao deparar com a ferocidade daquele duelo, não pôde evitar um grito, levando a que ambos os oponentes olhassem na sua direcção.

Aproveitando a distração, Sebastian investiu contra o seu inimigo, tentando apanhá-lo desprevenido, mas aquele a quem chamavam o Mago viu o seu gesto e evitou que o golpe se tornasse mortal, desviando-se a tempo de salvar a sua vida, mas incapaz de evitar que a lâmina lhe rasgasse o flanco. Ao mesmo tempo, na sua mão erguida ao alto, formava-se uma segunda lâmina, como se nascida da própria escuridão.

- És mesmo um mago... - murmurou Sebastian, estupefacto.

- Sou. – concordou o outro – E tu, maldito sádico, és um cadáver. – concluiu, enquanto avançava contra o príncipe, que, incapacitado pela estupefacção, não conseguiu defender-se do ataque do seu oponente.

No momento em que as lâminas atravessavam o seu corpo, contudo, Sebastian teve um último momento de lucidez e, tentando revelar à mulher que tudo observara

o nome do seu assassino, puxou o lenço que ocultava o rosto do Mago, descobrindo-lhe a face.

- Tu! – exclamou, ao reconhecer o homem. Depois, no momento em que este arrancava as lâminas de dentro de si, soltou um violento grito de agonia e caiu sem vida.

Nesse mesmo instante, o olhar do Mago voltou-se para a mulher que o fitava, diante da porta e, avançando na sua direcção, ordenou:

- Deixa-me passar, mulher, ou espera-te o mesmo destino do teu filho.

- Vai. – disse ela, afastando-se da entrada – Foge, enquanto podes, porque podes ter a certeza de que serás perseguido até ao fim do mundo. E, quando fores capturado, acredita que eu estarei na primeira fila para assistir à tua morte... Irmão.

- Gabriel... - chamou uma voz suave, enquanto uma mão pousava lentamente sobre o seu ombro – Acorda!

Lentamente, como se com relutância, o homem abriu os olhos, por momentos incapaz de se recordar de onde estava. Sentia uma dor aguda no flanco, evidente sinal de um ferimento recente. E foi esse latejar doloroso que lhe devolveu a memória, enquanto, com esforço, obrigava o seu corpo a sentar-se.

- Sarah... - murmurou, reconhecendo a voz que o chamara.

Olhou em volta, reconhecendo nas paredes brancas e no escasso mobiliário o interior da pequena casa onde a sua amiga e cúmplice de longa data vivia. Não se lembrava de ter ido até ali, mas, ainda assim, despertara na cama que, por mais de uma vez, partilhara com a jovem prostituta Sarah Burns.

- Estás bem? – perguntou ela, e havia na sua voz uma preocupação muito superior à simples gentileza para com um cliente.

Na verdade, através da sua profissão, Sarah conseguira trazer ao Mago inúmeras informações, algumas de valor incalculável, sobre o seu inimigo e, com o passar dos anos, a sua colaboração havia evoluído para uma estranha ligação, mais intensa, mais carnal.

- Sarah... - repetiu ele, como se o nome dela tivesse uma estranha magia – Como é que eu vim parar aqui?

- Encontrei-te ontem à noite. – esclareceu ela – Quando te cruzaste comigo, estavas em vias de desfalecer, por isso achei melhor trazer-te para aqui. O que te aconteceu? Quem foi capaz de ferir o Mago de tal forma?

O rosto de Gabriel tornou-se subitamente tenso, enquanto o restante das suas memórias regressava.

- Eu não devia estar aqui! – exclamou, subitamente, mas quando se tentou erguer, as suas pernas cederam e voltou a cair pesadamente sobre a cama.

- O que aconteceu, Gabriel? – insistiu Sarah.

- Lembras-te – perguntou ele – da última história que me contaste?

A história era a de Aline, a prostituta que ascendera à honra de amante exclusiva do príncipe herdeiro, mas que, cansada dos seus jogos de dor e de controlo, tentara fugir com um dos seus servos, ao qual se entregara em troca da liberdade.

- Aline morreu, - prosseguiu o mago, em resposta ao assentimento de Sarah – mas não no tormento que o príncipe lhe reservara. Sebastian Mordhast também morreu... mas não sem luta. Fui ferido, ainda que, no momento, mal o tenha sentido, e a minha digna e nobre irmã reconheceu-me durante o combate.

Sarah soltou uma exclamação de espanto.

- Mas, Gabriel... - murmurou.

- Estou condenado. – interrompeu ele – Neste momento, o próprio rei deve conhecer já a identidade do Mago, o homem responsável por inúmeros actos de revolta e, agora, pela morte do seu querido filho. E, ainda que seja minha irmã, Caitlín Raleigh Mordhast daria anos da sua vida pela oportunidade de me ver morrer. A nobreza de sangue não me salvará, quando me encontrarem e não pretendo que morras por mim. Não deverão demorar muito, antes de começarem a procurar-me pelas casas do reino.

- Mas tu não podes sair daqui! – exclamou Sarah – Estás demasiado fraco!

- Acredita... Os Mordhast não se preocuparão com isso, se me encontrarem.

Sarah sorriu.

- Tens um plano... - disse.

Gabriel assentiu. Podia ser conhecido, aos olhos do reino, como nada mais que Lorde Gabriel Raleigh, nobre da antiga linhagem, mas a verdade é que havia muito mais em si. Durante cinco anos, retirados à sua juventude, viajara até aos mais remotos lugares e, aí, onde o reino conhecia as suas fronteiras, descobrira poderes superiores à imaginação humana, forças que aprendera a controlar e a dominar. Assim, abandonara a parte fútil da sua existência como homem e tornara-se a lenda. Tornara-se o Mago.

- O Mago é mais que um disfarce. – disse, fixando em Sarah um olhar intenso – Eu tenho o poder necessário para regenerar o meu corpo, se me deixares ficar por mais alguns momentos.

- A minha casa é tua. – respondeu ela – Mas para onde irás depois?

- Dá-me um instante. – pediu ele, fechando levemente as pálpebras sobre a luminosidade dos seus claros olhos verdes.

Atentamente, Sarah observou-o enquanto murmurava palavras imperceptíveis, ao mesmo tempo que a debilidade parecia desaparecer daquele corpo pálido e soberbo. Sabia que, quando ele terminasse, o seu corpo estaria completamente regenerado, mas também que ele deveria partir para longe, talvez para nunca mais regressar.

Pensava que, possivelmente, não voltaria a ver o seu anjo de cabelos negros, quando os olhos dele se abriram e encontraram os seus. Compreendeu, então, que o amava e que não se sabia capaz de sobreviver sem ele.

- Para onde vais? – perguntou, tentando afastar a emoção.

- O reino sabe quem é o Mago, - respondeu ele, sem desviar o olhar do profundo azul dos olhos da mulher, intenso como o dourado dos seus longos cabelos – e, por isso, devo procurar um lugar onde o meu nome não seja maldito. Um lugar fora do reino. Mas a minha missão aqui ainda não está terminada e voltarei a ver-te, um dia, quando voltar para colher a vida dos tiranos desta terra.

» Sebastian Mordhast está morto. A rainha e o rei em breve o seguirão. E, quando isso acontecer, poderás, enfim, ter de volta a tua liberdade, conquistada no sangue do homem que roubou a tua pureza.

Sarah sorriu. Naquele momento, Gabriel prometia-lhe tudo quanto alguma vez desejara, a morte do rei que a violara e a abandonara, a sua vingança e a sua liberdade. Não era essa, contudo, a promessa que a animava, mas sim o juramento de um regresso, a esperança de que, ainda que muito tempo passasse, um dia voltaria a ver o seu amigo, o seu amado.

- Volta, Gabriel. – disse – Acima de tudo, cuida de ti e assegura-te de que voltas para mim, que vou estar à tua espera, que te quero... Que te amo.

- Voltarei. – respondeu ele, e os seus lábios uniram-se aos da mulher, plenos de um ardor tão intenso que todo o mundo se tornava ínfimo perante a imensidão de um tal sentimento. Depois, afastou-se um pouco, contemplou-a brevemente e, antes de partir, murmurou, como se toda a sua vida estivesse naquelas palavras:

- Também te amo.

Sabia que a sua vida se encontrava em constante risco e que assim continuaria a ser enquanto prosseguisse pelas estradas do reino, mas, apesar disso, o caminho oculto que o guiaria até ao seu destino estava ainda demasiado distante, pelo que não tinha outra alternativa que não aceitar o risco e manter-se alerta.

Cortara o seu cabelo bastante curto e trocara o lenço vermelho que lhe ocultava o rosto pelo capuz de um negro manto de viagem, mas recusara-se a abandonar as vestes negras que, mais que a imagem do Mago, eram o símbolo da sua iniciação nos segredos da magia. Sabia, pois, que o seu disfarce não sobreviveria a uma observação mais atenta e que eram inúmeros aqueles que o procuravam, em busca da gratidão e da recompensa de Sua Majestade, o rei Caesar Mordhast.

Nesse momento, como se em resposta ao seu pensamento, deparou-se com uma barreira de cinco homens que, contra a luz do pôr-do-sol, bloqueavam a estrada. Ninguém mais se encontrava no caminho àquela hora, como se, estranhamente, todos

os viajantes houvessem sido afastados do lugar onde, fortemente armadas, as cinco figuras vigiavam.

Estavam evidentemente à sua espera, mas Gabriel não pretendia cair-lhe indefeso nas mãos, pelo que avançou mais alguns passos, antes de se deter para perguntar:

- Quem sois?

- Quem somos não interessa. – respondeu um dos homens – Sois vós quem importa nesta situação, Lorde Raleigh.

Gabriel sorriu, enquanto, lentamente, desembainhava a espada.

- Vejo que sabeis quem eu sou. – observou.

- Entregai-vos pacificamente. – ordenou o mesmo homem, que parecia ser, para os restantes, uma espécie de líder. – Ninguém precisa de se magoar.

- Excepto eu, que seria condenado à morte. – notou o Mago, com um sorriso sarcástico – Não! - declarou – Se quereis capturar-me, tereis que me vir buscar.

- Pois que assim seja. – replicou o homem, enquanto, numa perfeita sincronização, todos eles desembainhavam as espadas.

Antes, contudo, que tivessem tempo de avançar um único passo, sentiram os seus corpos imobilizados por uma teia de fios invisíveis que se enrolavam em volta dos seus membros e pescoço, apertando cada vez mais, roubando-lhes o fôlego e a vida... a todos, excepto a um, aquele que o desafiara.

- Cinco contra um? – disse Gabriel, enquanto os quatro corpos caíam mortos diante do olhar estupefacto do seu líder – Queres vencer-me pela cobardia? Não creio que possa permitir isso. O meu adversário serás tu apenas...

O sobrevivente, contudo, estava demasiado assustado para responder adequadamente ao poder e à perícia do Mago e, quando este atacou, fulminante como um raio, a defesa do seu adversário foi tão débil que, poucos instantes depois, caía morto, um profundo golpe de espada rasgando-lhe o peito.

- Tão fraco... - murmurou Gabriel, limpando a espada ao manto de um dos mortos.

Nesse momento, contudo, ouviu um gemido vindo de entre as árvores e, ao seguir o som, deparou com um jovem amarrado e amordaçado... Um jovem que, não pôde deixar de reparar, usava as mesmas vestes que ele próprio.

Cautelosamente, Gabriel aproximou-se e retirou-lhe a mordaça. Imediatamente, o prisioneiro desfez-se em louvores e agradecimentos ao seu salvador, murmurando palavras imperceptíveis que, lentamente, se iam transformando num discurso coerente.

- Obrigado, senhor. – dizia – Eles iam... Eles iam matar-me!

- Acalma-te. – ordenou Gabriel, secamente – Quem és tu?

- Chamo-me Seth. – respondeu o jovem – Seth Craven.

- Sabes quem eu sou?

Seth assentiu.

- Os... Aqueles homens - respondeu – tomaram-me por vós. Não compreendo como, sendo eu mais jovem, mas... Tentaram obter informações sobre as artes mágicas, mas...

- És um iniciado? – perguntou Gabriel, alimentando uma certa empatia pelo jovem que fora vitimizado em seu nome.

- Não. – respondeu Seth, aparentemente confuso – Eu não sei nada sobre magia. Apenas... Fui expulso da minha aldeia no dia em que a minha casa ardeu misteriosamente, comigo lá dentro, sem que nada me acontecesse. Acusaram-me de feitiçaria e vestiram-me assim... Como se fosse um estigma.

Gabriel sorriu levemente.

- Um incêndio incompreensível... - murmurou – Talvez saibas, afinal, mais do que julgas sobre as forças da magia.

- Oh, não, senhor! – exclamou Seth, assustado – Eu não... Eu nunca...

- Não precisas de ter medo. – respondeu Gabriel, enquanto o desamarrava – A tua vida é tua. És livre de ir.

Quando o Mago começou a afastar-se, contudo, o jovem lançou-se a seus pés e, chorando violentamente, pediu:

- Não me abandoneis, por favor! Eu... Eu não tenho para onde ir... Eles...
Eles matam-me!

- Esses homens – replicou Gabriel – nunca mais serão ameaça para ninguém. Mas, - acrescentou, apiedado – e ainda que julgue que estarias mais seguro longe de mim, se existe alguma magia no teu corpo, então talvez tenhas um lugar no meu destino.

» Vem. – ordenou – Segue-me.

Deixara Seth com os guardiães da entrada do santuário Norte, o mais próximo refúgio dos portadores da magia, situado, como o nome indicava, na fronteira superior do reino. Contara-lhes, resumidamente, a história do rapaz e eles seriam, agora, capazes de lhe dar o destino adequado. Ele, contudo, tinha uma tarefa a cumprir, uma humilhante súplica a proferir, se pretendia continuar a ter um lugar ali e a encontrar abrigo nas grutas do santuário onde, em tempos, se transformara no Mago.

Sabia que o modo como vivera a sua vida e os fins para os quais aplicara o conhecimento ali adquirido o tornavam indigno aos olhos dos seus iguais. Os magos dos santuários professavam que o poder do seu conhecimento secreto deveria ser usado unicamente com o objectivo de criar um mundo melhor e nunca para tirar uma vida, mas ele, Gabriel, que, na sua juventude, alcançara o domínio da magia com a sua mente cheia de ideais, regressava em fuga, culpado de inúmeros crimes e alimentado pelo desejo de vingança.

Temia o momento em que se veria confrontado com os seus actos e sabia que poderia ser condenado pelos seus, mas não tinha forma de se evadir a esse julgamento, a não ser aceitando a morte pelas mãos do rei que desprezava e da irmã que casara com o assassino do seu pai. Avançou, por isso, tenso, mas movido pela coragem, em direcção à câmara onde o seu futuro seria decidido e, quando a porta se abriu, precipitou-se para o interior da sala e prostrou-se por terra, diante dos pés do ancião que, num silêncio severo que se estendia aos conselheiros que o rodeavam, o fitava.

- Meu mestre... - murmurou.

- Raleigh. – respondeu o homem, gélido – Tantos anos passaram desde que nos rejeitaste! O que te traz até aqui?

- Eu não vos rejeitei. – argumentou Gabriel – Simplesmente, não podia prosseguir a minha vida no isolamento, enquanto o mundo agonizava sob o peso da tirania.

- Vês os teus actos como entenderes. – comentou o mestre – Mas evitas a minha pergunta. Porque vieste?

- Estou aqui – respondeu Raleigh – porque o reino me procura por alta traição e pelo assassinio do príncipe herdeiro.

- Que não são os teus únicos crimes. – acrescentou o mestre.

- É verdade. Não são.

- Julgas, contudo, que apesar de teres violado todas as nossas leis, nós te aceitaremos e protegeremos.

- Não mestre. – respondeu Gabriel – Julgo que agireis segundo a vossa justiça e submeto-me à vossa vontade.

Um breve sorriso rasgou o rosto do ancião.

- Vens até nós – disse – para fugir à morte, no entanto, aceitas calmamente a possibilidade de morrer às nossas mãos. Porquê?

- Eu... - Gabriel hesitou – Não tenho outro lugar para onde ir.

O mestre assentiu.

- Mas porquê – perguntou – morrer aqui e não no reino?

- Porque a vós – esclareceu o Mago – eu reconheço a autoridade para me julgar.

- Pois serás julgado. – proferiu o mestre, solenemente – De joelhos! – ordenou.

Silencioso, Gabriel obedeceu, permanecendo imóvel enquanto uma venda lhe era colocada e, na escuridão, sentia a leve pressão de uma lâmina encostada à sua garganta. Depois, tão gélida como se viesse de outro mundo, a voz do mestre falou:

- Gabriel Raleigh, vens perante nós acusado de perverter os nossos princípios e de usar o poder que te confiámos para fins indevidos. Usaste o nosso conhecimento

para tirar a vida de outros homens e agora vens, foragido, em busca de refúgio. O que respondes aos crimes de que és acusado?

- Sou culpado. – respondeu Gabriel – Submeto-me à vossa justiça.

- O que tens a dizer em tua defesa? – insistiu o ancião.

- Se traí os princípios do conhecimento que me confiastes, julgo que o fiz por uma causa justa, a causa que me condena a morrer, se me poupardes a vida, mas me negardes a misericórdia do vosso perdão. Sou um homem condenado, mas não me arrependo do caminho que escolhi. A minha vida é vossa. Fazei dela o que quiserdes.

Um breve silêncio sucedeu às palavras do Mago, quase como se os seus juízes meditassem nas suas palavras. Depois, a voz do mestre rasgou a opressão do silêncio, dizendo, enquanto a venda era retirada dos olhos de Gabriel e a lâmina era afastada da sua garganta exposta:

- Receber-te-emos entre nós mais uma vez e encontrarás abrigo neste santuário enquanto dele precisares, mas, uma vez que não sentes arrependimento pelos passos que a tua vida seguiu e que não terminaram ainda, sabe que, quando voltares a abandonar o nosso mundo, também nós te abandonaremos à tua sorte. Até lá, uma vez que a tua causa é justa, encontra em nós aquilo de que precisas.

- Obrigado, mestre. – respondeu Gabriel, aliviado para além dos limites do definível.

- Levanta-te. – concluiu o ancião – E, mesmo na guerra que tu escolheste, que a paz esteja contigo.

A paz, contudo, estava destinada a permanecer longe, pois, nesse mesmo dia, o jovem Seth Craven, que, num impulso de misericórdia, Gabriel trouxera consigo, fugira do santuário, em direcção ao coração do reino.

- Eu devia ter suspeitado. – comentou Gabriel com o mestre – Uma emboscada tão bem organizada não me confundiria com um rapaz. Maldição! – exclamou, exasperado – Trouxe um espião até vós...

- Não te preocupes connosco. – replicou o ancião – Nenhum exército conseguirá transpor as barreiras que nos separam do reino. Podem saber que estás aqui, mas não conseguirão ultrapassar o nosso poder para te vir buscar.

Gabriel hesitou por um momento. Conhecia a dimensão do poder daquela irmandade, mas o reino não desistiria enquanto não encontrasse uma forma de o alcançar e a guerra prolongar-se-ia interminavelmente. Quantos não sofreriam com isso? Quantos morreriam a tentar capturá-lo?

- Mestre, - perguntou, subitamente – compreendeis-me? Entendeis porque entrei em guerra com o rei que assassinou o meu pai para levar a minha irmã ao casamento? É mais que uma questão de vingança! Olhai para o reino! O povo agoniza sobre a crueldade dos seus senhores. Não é pela vingança a minha luta! É por justiça para todos aqueles que sofrem e sofrerão aquilo que eu já sofri. Compreendeis-me?

O mestre assentiu.

- Tenho que terminar o que comecei, - prosseguiu Gabriel, mas vejo agora como fui arrogante. Não posso vencer sozinho. Nunca conseguirei alcançar toda a família Mordhast e derrubá-los um a um, não agora que todos sabem o verdadeiro nome do Mago. Mas se os oprimidos conhecessem uma voz capaz de dar força à sua revolta...

- A nossa força. – completou o mestre.

- Sim. – concordou Gabriel – Sozinho, tornei-me um símbolo de luta para as vítimas dos Mordhast. A lenda do Mago foi, para eles, uma esperança de futuro. Dai-lhes um mártir, uma lenda... e, depois, oferecei-lhes o poder com que lutar contra os seus opressores. Se o fizerdes, o reino cairá.

» A vossa força, sozinha, será vista como não mais que outra forma de opressão. Eles não vos conhecem. Mas, se derdes voz à revolta do povo, se lutardes lado a lado com eles, então eles verão em vós a salvação e a liberdade que eu lhes prometi, mas que só vós podeis cumprir. Está nas vossas mãos acabar com a tirania e criar o mundo melhor que a nossa fé professa.

- Isso será a tua morte. – murmurou o ancião.

- Sim. – assentiu Gabriel, sereno – Mas, se os Mordhast caírem, não será também a imortalidade?

Por um momento, o seu olhar fixou-se na distância.

- Ei-los que chegam. – murmurou. Depois, voltando um olhar desesperado para o seu mestre, pediu:

- Mestre, sei que jurastes que, quando eu voltasse a partir, me abandonaríeis à minha sorte, mas pensai que não é de mim que se trata. Se aquilo que vivi teve algum sentido... Se a minha causa valeu mais que uma quimera, então perpetuai o meu legado. Salvai esta gente.

Depois, sem qualquer outra palavra, afastou-se e, para lá da barreira que afastava o santuário do resto do mundo, o mestre viu, ainda, o seu discípulo preferido entregar-se, sem resistência, nas mãos dos seus inimigos e ser por eles amarrado e arrastado para longe.

Levaram-no perante o rei, despido, amarrado e amordaçado, uma precaução no sentido de lhe impedir, através do silêncio, o recurso à magia. Brilhava no seu olhar, contudo, uma serenidade quase revoltante, a certeza confiante de que, ainda que morresse, a sua queda não seria em vão.

- Gabriel Raleigh. – falou o rei, fitando o prisioneiro com um olhar de repulsa – Eis o homem que derrubaria o meu reino... Eis o Mago... Vencido.

Com um gesto, indicou aos guardas que retirassem a mordaça, enquanto prosseguia:

- Como foi, Mago, que a tua força invencível caiu, desta forma, nas minhas mãos?

- Deves sabê-lo. – respondeu Gabriel – Pela traição.

Caesar riu.

- Traição? – perguntou – Serás assim tão ingénuo que nem sequer viste as semelhanças? Seth, - chamou – aproxima-te.

Saiu, então, das sombras onde se ocultara, o vulto do rapaz que Gabriel conhecera como Seth Craven, mas que, adornado com a púrpura real, surgia, com o

mesmo cabelo ruivo e os mesmos olhos violáceos, como imagem exacta do seu pai, Caesar Mordhast, que, vendo o espanto reflectido no olhar do prisioneiro, comentou, sorrindo:

- Perguntava-me qual era o teu plano ao caíres tão facilmente na minha armadilha, mas vejo agora que a tua ingenuidade foi tanta que nem sequer suspeitaste. Este é o meu filho e, graças a ti, o meu único herdeiro.

- Ilusões e subterfúgios... - observou o Mago – É, sem dúvida, teu filho.

- Mas basta de conversa. – continuou o rei – Assassinate o meu filho e desafiaste a minha autoridade e, por isso, vais sofrer. Ainda assim, a minha natureza é compassiva e posso ser misericordioso... Se te mostrares arrependido.

- Nunca! – exclamou Gabriel.

- Pois que seja...

A um gesto do rei, os guardas aproximaram-se do prisioneiro e, ante a sua resistência, arrastaram-no para o que parecia ser uma espécie de altar de pedra, não fossem as correntes que dele partiam e que rapidamente foram utilizadas para imobilizar o Mago.

- Nada a dizer, Raleigh? – perguntou o rei, mas não obteve resposta. – Muito bem. – prosseguiu – Diverte-te, Seth.

Foi com um sorriso sádico estampado no rosto que o jovem príncipe se aproximou e, retirando do braseiro a seu lado um estilete ao rubro, o encostou ao peito do prisioneiro, arrancando-lhe um violento grito de dor. Depois, meticulosamente, sorrindo ante a agonia da sua vítima, prosseguiu, traçando na carne do Mago uma rede de sucessivos cortes, indiferente ao facto de que a sua vítima gritava com toda a violência do tormento.

- Ainda nada a dizer? – inquiriu Caesar.

- Nada. – respondeu Gabriel.

Mais uma vez, os guardas aproximaram-se e arrastaram o prisioneiro até uma coluna, à qual lhe prenderam os pulsos, deixando-lhe as costas completamente expostas. Depois, um deles tomou nas mãos um bastão de madeira, de onde saíam as extremidades de vários pregos, e esperou pacientemente a ordem do seu senhor.

- Vejo – disse este – que estás disposto a suportar a dor até ao fim. Mas talvez seja melhor que saibas que temos em nosso poder uma amiga tua e que, também ela, como cúmplice, sofrerá as consequências dos teus actos. A não ser, claro, que professes arrependimento.

- Não te atreverias... - murmurou Gabriel, secretamente abalado – O reino inteiro se revoltaria contra a sua morte.

- A morte de uma prostituta? – escarneceu Caesar – Não creio! A única salvação dessa mulher és tu. Pede perdão pelos teus crimes e eu pouparei a sua vida.

Gabriel, contudo, não podia ceder. Era aquilo em que acreditava que estava em causa e não poderia negar tudo aquilo por que vivera. Além disso, não acreditava que Caesar cumprisse com a sua ameaça. Remeteu-se, por isso, a um silêncio doloroso, mas irredutível.

- Avança! – ordenou o rei, e, ante a violência do seu tormento, os gritos do prisioneiro encheram o ar... para não se silenciarem senão muitas horas depois.

- Boas noites, irmão. – disse a rainha, enquanto, ao entrar na cela escura, a luz da vela que trazia consigo iluminava o corpo ferido e acorrentado de Gabriel.

Estava já de tal forma debilitado que o seu poder deixara de ser fonte de preocupação para os seus carcereiros e, por isso, a mordaça não havia sido recolocada, mas, ainda assim, as correntes que o prendiam à parede não lhe permitiam qualquer espécie de movimento abaixo do pescoço.

- Vieste tomar a tua parte na diversão? – perguntou Gabriel, num murmúrio débil.

- Porque não? – respondeu Caitlín – Afinal, ter-me-ias morto se pudesses...

- A única diferença aqui – observou Gabriel – é que tu podes fazê-lo e eu não.

- Verdade. – concordou ela – De qualquer forma, vim avisar-te de que amanhã ao amanhecer serás executado.

Gabriel sorriu levemente, um sorriso em tudo semelhante a um esgar de sofrimento.

- Deves estar feliz. – disse.

- Ignoraste as nossas ameaças – prosseguiu a rainha, ignorando o comentário – e julgas que, na morte, encontrarás a paz, mas, se julgas que permitiremos que partas de consciência tranquila, estás errado. Observa...

Cuidadosamente, Caitlín colocou no chão a caixa que transportara sob o braço direito. Depois, com um sorriso leve, abriu-a, enquanto os seus olhos se fixavam na expressão de horror espelhada no rosto do irmão ao reconhecer na cabeça decepada os traços faciais de Sarah Burns, ainda contraídos no ricto da agonia derradeira, o rosto que jurara voltar a ver, mas que nunca imaginara reencontrar daquela forma cruel.

- Não! – gritou Gabriel, enlouquecido pela dor, enquanto as lágrimas deslizavam pelo seu rosto ferido – Não, não, não... Como pudeste...?

- Com muita facilidade. – respondeu a rainha, com um sorriso cruel – Com a mesma facilidade com que amanhã te verei morrer. E, agora que sabes do que somos capazes, ouve a tua última oportunidade. Confessa os teus crimes perante a multidão e professa arrependimento. Faz isso e nós teremos a misericórdia de te dar uma morte rápida. Não o faças e prepara-te para sofrer até ao teu último sopro de vida.

» Estas são as tuas hipóteses, irmão. Faz a tua escolha.

Era, de facto, enorme a multidão que esperava para assistir à sua execução, enquanto, seminu e fortemente acorrentado, Gabriel era conduzido ao seu local de morte.

Tudo estava preparado. A sua irmã e o seu real esposo repousavam nos tronos que para ali haviam sido deslocados, uma expressão de indiferença cuidadosamente moldada nos seus rostos. Alguns passos ao lado, uma cruz lançava a sua sombra sob a multidão em baixo, enquanto, a seu lado, um machado repousava sobre um cepo.

Todo o cenário fora planeado para provocar horror, mas o condenado estava já para além da dor e do medo e limitava-se a olhar em frente, ligado apenas ao seu pensamento.

- Gabriel Raleigh, - falou o rei, aproximando-se, enquanto fitava a multidão – traidor do reino e assassino do meu amado filho e herdeiro, foste trazido até aqui para enfrentar o justo castigo dos teus crimes. Tens alguma coisa a dizer?

Depois, num murmúrio que apenas Gabriel conseguiria escutar, prosseguiu:

- Clemência ou sofrimento. A escolha é tua...

Lentamente, Gabriel anuiu. O seu rosto estava voltado para a multidão e via, entre o povo, as figuras de vários homens envergando as vestes do santuário dos magos. Sabia, agora, que eles estavam ali. Apesar das suas escolhas, eles haviam compreendido a sua causa e não o haviam abandonado. Podia vê-los a falar com o povo, encorajando-os discretamente à revolta.

- Sou – disse Gabriel, forçando a sua voz a erguer-se em todo o poder do seu corpo torturado – Gabriel Raleigh, também chamado o Mago, assassino do príncipe herdeiro e culpado de todos os crimes de que me acusam. Confesso e lamento...

Por um momento, hesitou, como se tomasse fôlego para o último esforço da sua já curta vida.

- Lamento – concluiu – não ter tido a força necessária para libertar este povo da tirania dos Mordhast!

Sabia que não conseguiria dizer mais nada e, de facto, foi imediatamente obrigado pela violência dos guardas a um silêncio doloroso. Depois, movido por uma cólera que já nem sequer tentava ocultar, o rei falou:

- Culpado, confesso e sem vontade de remissão. Teria sido misericordioso para contigo, se tivesses manifestado qualquer laivo de arrependimento, mas tu escolheste sofrer. Gabriel Raleigh, traidor e assassino, condeno-te à cruz!

Um murmúrio de piedade percorreu a multidão, exaltada pelas palavras que os magos lhe sussurravam, falando de Gabriel como mártir e sacrificado. Mas já o corpo do Mago era erguido na cruz, enquanto, através de escadas, vários soldados executavam a ordem do seu rei.

Gabriel deixara há muito de oferecer resistência e não gritou senão quando os pregos lhe rasgaram os pés e os pulsos, fazendo com que o sangue corresse do seu corpo atormentado. Limitava-se, pois, a fitar a multidão, sacrifício digno de piedade, a

sua respiração entrecortada pela dor recordando aos presentes o sofrimento que suportava por eles, derradeiro gesto de quem já fizera muito.

Mas, apesar da agonia que lhe consumia as entranhas, o olhar do Mago, sempre triste e melancólico, estava calmo como nunca antes, pois, apesar de saber que o tormento seria longo e que a morte tardaria, tinha agora consciência de que a sua missão estava, enfim, cumprida.

Ainda pendia da cruz o corpo morto de Gabriel Raleigh, o herói mártir, quando, vindo dos quatro cantos do reino e mais além, um exército se reuniu diante da cruz do morto. Vinham armados com o poder das suas mãos e com a magia daqueles que, donos do mesmo conhecimento de que Raleigh dispusera, chegavam para terminar a sua missão. E vinham sob a liderança do ancião que, entre a multidão, vira morrer o seu discípulo preferido e jurara tornar reais os seus ideais de liberdade.

Nenhum sangue haveria de correr, pois, dominados pelo pânico face ao número avassalador dos seus inimigos, os mesmos que, em tempos, haviam sido os seus súbditos, os Mordhast acabariam por se render, cumprindo no cárcere o restante dos seus dias.

Quanto a Raleigh, o seu corpo viria a repousar num túmulo construído no exacto local onde morrera e sobre o qual uma estátua de bronze com a sua imagem perpetuava a sua lenda: a lenda do homem que vivera pela causa dos fracos e que, na morte, se tornara a mão do destino, erguida para derrubar os fortes. A lenda, enfim, do Mago que, na cruz, instituía a liberdade.

A PROFECIA

CARINA PORTUGAL



Legenda:
As Sete Regiões Sagradas

Era já manhã. Julian subia ao verde cume intemporal, dobrando os joelhos custosamente. Aqui e acolá, sorriam-lhe pequenos pontos coloridos, doadores de força à juventude que implicava constantemente com o seu estilo de vida. Apesar de magro, o exercício nunca se lhe revelara construtivo. A sua pequena casa estava repleta de livros e antigos manuscritos que os tão amáveis antepassados lhe deixaram. Estudar era o seu passatempo favorito.

O druida ergueu o olhar e viu, ao longe, o que o esperava, no cimo do pequeno monte. Sete pedras formavam uma circunferência irregular, sobre a relva alta. Erguiam-se bem acima do seu metro e oitenta, num cinzento que se amenizava sob a luz fresca do Sol. Porém, nem sempre assim era. A calma que agora acalentavam era substituída por atmosferas mais que pesadas, mais que tenebrosas, quando a noite chegava.

Chamavam-lhe o Círculo dos Espíritos.

Estacou ao chegar ao cume, arquejando pelo esforço a que fora acometido. Do cimo, conseguia ver a sua pequena aldeia, as casinhas que se juntavam em volta da estrada tristemente calcetada que seguia até ao deserto, onde se perdia sob as areias. Gostaria que os seus habitantes amassem aquele local tanto quanto ele, e não temessem os seus volúveis e tempestuosos moradores.

Entrou para dentro do círculo com passadas calmas. Algo que não se vislumbrava da ladeira insinuava-se agora perante os seus olhos. Uma pequena pedra brotava do solo, apenas alguns centímetros. O que a população incrédula desconhecia era que aquela aparente vulgar rocha crescia todos os anos.

Ajoelhou-se junto dela, enquanto um pequeno pardal esvoaçou por cima do seu cabelo comprido, indo pousar sobre um dos sete colossos. Não chilreou, como os seus amigos normalmente faziam sob o Sol de primavera. Este observava-o, e Julian sabia-o.

- Arossan – disse, sem se voltar para trás, sem mesmo desviar a atenção da pedra, como se para ela falasse. – A tua chegada foi demorada. O que te atrasou?

Não foi escutada resposta, contudo o druida sorriu para si, num esgar irónico que pouco primava em simpatia.

- Tiveste problemas com o senhor dos espíritos? Oh! Diz-me algo que já não saiba, meu pequeno amigo.

Pouco depois deste pedido, o seu cenho franziu-se, formando uma sombra tremeluzente que por nada se afastou. Voltou a cabeça para o pardal acastanhado.

- O que dizes?

O passarito abriu o bico, todavia não foi um piar que se soltou, quando notoriamente a pedra se ergueu um centímetro mais, fazendo a terra tremer levemente em seu redor.

- Chegou o momento.

Na pequena aldeia de Vora, algures nas caves de uma estalagem abandonada, dois olhos abriram-se por entre a escuridão putrefacta. O vermelho dominava-os, num renascido apetite voraz. E sobre ele, duas negras pupilas fendidas dilatavam-se de crueldade. *Chegara o momento da profecia se cumprir.*

Julian estremeceu e voltou-se para trás repentinamente. Pouco mais passara que dois dias, desde que Arossan dera o sinal do começo do fim. E ali estava ele, mirando-o com o seu escarlata olhar assassino, talvez louco, porém vazio de qualquer sentimento bom. Era esguio, mas não muito alto e parecia fraco, apesar do druida saber que na verdade não o era.

O ser retirou as luvas com um sorriso ostentoso. As suas mãos eram cinzentas e as unhas negras de apodrecimento. *O que poderia fazer para o deter?* Perguntava-se, sem se mover. Mas a resposta era crua: *Nada.*

O estranho caminhou em volta do círculo, tocando em cada uma das enormes pedras, como se as admirasse, fazendo com que as suas unhas deslizassem sobre elas, num chiar fino que parecia querer romper-lhe a alma. Os seus olhos vermelhos maravilhavam-se com aquele ruído insuportável.

Inesperadamente, o pardal, que o via agora aproximar-se da sua pedra, atacou-o em picado, mas o seu ataque foi vão. A mão livre de tom acinzentado agarrou-o a meio do voo. Julian viu-o a ser esmagado. Os ossos do animalzinho possuído por Arossan estalaram, enquanto se partiam, e o sangue começou a escorrer da mão postulante daquele monstro. Por último, levou-o à boca e mastigou-o, engolindo carne, ossos e penas. Os dentes eram tão negros quanto as unhas e acabavam de forma pontiaguda – lâminas assassinas. Dos cantos da boca escorria o sangue do pobre bicho. Supostamente, Arossan não morreria, no entanto não sentia a sua alma vaguear... era mesmo *ele*.

Voltou, então, a sua atenção, novamente, para as pedras. A sua boca abriu-se, começando a entoar uma ladainha bem audível e conhecida do druida. Vinha em alguns dos mais antigos manuscritos. Era o *Canto do Renascer*. Mas quantas mortes não implicaria esse renascer?

“A besta erguer-se-á do repouso eterno e devorará os mundos que sem guarda prosperam, até enfrentar Salamir. O grande ancião cederá e o mundo antigo ruirá sob o seu jugo negro”.

A sua voz era gutural, vinda dos confins dos mais profundos infernos. Disse isto sete vezes, enquanto executava sete voltas em torno das pedras sagradas.

Por fim parou, assim como o seu conjuro. Mal o fez, um estalar gradual repercutiu-se no ar, tal como o fracturar de um glaciário. O seu trabalho terminara.

Virou-lhes as costas, iniciando a descida, com as suas negras roupas de mendigo a ondular ao vento. Uma rabanada soprou mais forte, de Noroeste para Sudeste, um vento fétido e agoirento. Com o impulso, as pedras desmancharam-se em areia granulosa, só sobrando Julian e o pequeno rochedo que se erguera um centímetro mais. O segundo dos sete. Faltavam ainda cinco regiões. A próxima seria Sherin e seguir-se-lhe-ia a cidade de Hen-Farair. Alguém teria de detê-lo. Mas quem seria capaz de fazê-lo?

Mohal disparou a sua última flecha contra o ogre que fugia com um medo de morte dos dois companheiros que os tinham dizimado. A flecha perfurou-lhe o crânio, certeira, empurrando-o de imediato para a lama acinzentada do bosque.

- Fantástico, meu caro aprendiz – aprovou Ehlianna batendo palmas com um vagar de divertimento, a sua espada repousava na bainha. – Quinze flechas para vinte ogres! Em poupar é que está o ganho.

Ehlianna era uma mulher já com trinta anos. As rugas da passagem do tempo marcavam-se-lhe no rosto, mas não o suficiente para lhe retirar a beleza felina. O seu cabelo, curto mas com algumas farripas a caírem junto às orelhas, era loiro, e a íris dos olhos castanha-clara, com pequenos pontos pretos. O seu aluno, Mohal, tinha o cabelo negro, preso por um cordão. O seu olhar azul lembrava o de um sagaz falcão e os lábios formavam um esgar de prazer devido à sua nova façanha.

Retirando um punhal do bolso, o rapaz avançou por entre os corpos asquerosos. Queria examinar o trabalho que fizera e certificar-se dos estragos. Para seu desprazer, um dos monstros ainda gorgolejava sonoramente. Com um golpe seco abriu-lhe a garganta, fazendo com que um jorro de sangue se espalhasse pela lâmina prateada, tornando-a escarlate e viscosa. A criatura não voltou a respirar.

- Podemos ir – declarou. Precisavam de voltar a Hen-Farair para comprar mais munições. Aquela fora a última incursão antes de o fazerem.

Estavam num bosque perto da grande cidade costeira das Terras de Saolan. O trabalho levava-os a percorrerem centenas de quilómetros de terra em terra, e por vezes chegavam a ir a lugares inóspitos onde quase ninguém vivia. Alguns chamavam-lhes mercenários, mas simplesmente executavam uns quantos seres indesejáveis, normalmente monstros imundos como os ogres que não se importavam de decapitar quem lhes surgisse no caminho.

Caminharam num passo apressado até à cidade que àquelas horas palpitava de movimento. Era dia de mercado, o que se resumia a uma enorme confusão, um aparato dispensável e sangue, pois as grandes reuniões populacionais não eram reuniões se não ocorressem feridos graves em desavenças sem sentido.

Ehlianna continuou até à estalagem, atribuindo a Mohal a tarefa de comprar flechas e deixar a sua espada num ferreiro competente. Por acaso, conhecia um por ali, e não muito caro. Deixou a espada da sua mestre, garantindo que voltaria para a buscar.

Enquanto se deixava ir com a multidão, observou quem o rodeava: um rapaz com os seus oito anos corria de um lado para o outro aos empurrões aos transeuntes – um ladrãozeco, possivelmente; uma mulher regateava com um merceeiro, acusando-o de a roubar com preços tão elevados – sempre a mesma conversa; a um canto, dois homens segredavam, mostrando algo que não lhe foi possível identificar – negócios ilícitos, porventura; e, por fim, os mendigos e deficientes espalhavam-se por todo o lado pedindo esmolas. Inclusive, um deles passou a seu lado. As roupas negras tapavam-no quase por completo e trazia uma venda na mesma cor sobre os olhos – cego e leproso, quiçá. Porém, caminhava como se nada tivesse, não necessitando de bengala ou qualquer género de rústico cajado. O hábito deveria ser já grande e as doenças tinham que ser suportadas, até que a morte fizesse a gentileza de as levar.

Mohal comprou as flechas ao seu armeiro de confiança: um vigarista que em nada se importava de enganar os seus compradores. Porém o rapaz conhecia-o e não se deixava ludibriar, e, na verdade, Estovan nunca se atreveria a fazê-lo, temendo perder a cabeça em resultado da trifulhice.

Transportou as flechas embrulhadas num papel desgastado pelo tempo e totalmente acastanhado, debaixo do braço, até à estalagem onde estavam hospedados. Aquela confusão não era a sua terra.

A estalagem era um lugar comum, frequentado por gente comum que entrava e saía constantemente, munidas dos mais diferentes assuntos que iriam ser tratados na “Grande Cidade”. Subiu as escadas semi-decrépitadas que o guiavam até ao primeiro andar e arremeteu pelo corredor até ao seu quarto. Porém, antes de lá chegar, uma voz chamou-o, detectando a sua presença. Vinha do quarto de Ehlianna.

Entrou, sem bater, nos aposentos da companheira e deparou-se com algo no mínimo suspeito. Sentado numa cadeira, encontrava-se um homem pouco mais velho que ele, de cabelo comprido e túnica cinzenta. Em pé, junto à janela, Ehlianna mirava

o quarto sem personalidade, insensível aos seus pormenores. Simplesmente meditava à sua maneira.

- O que se passa?

A sua pergunta pareceu ecoar no vazio, e foram precisos alguns segundos para que lhe dissessem algo que não perguntara.

- Este senhor chama-se Julian, é druida da vila de Ezian.

Mohal lançou um novo olhar ao homem sentado na cadeira desconfortável e semi-devorada por térmitas esfomeadas e voltou-o novamente para Ehlianna. Parecia suposto aquilo interessar-lhe, mas não percebia porquê.

- Veio pedir-nos ajuda, para que detenhamos um *monstro* – informou. – A troca de nada.

O jovem continuava a não perceber. Se o homem queria que trabalhassem sem remuneração, porque não o expulsara já?

- Inclusive, este senhor diz que este *monstro* devora almas e acordou das trevas com o intuito de trazer Veshcor ao nosso mundo.

- Asgaroth... – murmurou, sentindo que a sua boca se abria de espanto, inadvertidamente, mas depressa essa expressão deu lugar a um sorriso. – Não. Isso não passa de uma lenda.

- Cristaron também é uma lenda, mas engoliu parte dos navios que navegaram no Mar Safir – declarou o druida, erguendo-se em toda a sua altura. – Eu vi-o a destruir as pedras sagradas de Ezian. Estava lá, em toda a sua maldade, mas não em todo o seu poder. É por essa razão que necessito do vosso auxílio. Ele não pode chegar a Rocvall, não pode destruir o último altar dos espíritos.

- Como sabe que Rocvall é o último? – Quis saber Ehlianna, franzindo as sobrancelhas de desconfiança.

- Existe também uma ordem para a destruição e essa ordem corresponde às seguintes localidades: Vora, Ezian, Sherin, Hen-Farair, Cassarni, Orolar e Rocvall. A primeira letra de cada palavra...

- Forma o nome da besta... – murmurou Mohal mais para si que para os outros dois, rodando sobre si, como se indeciso no caminho a seguir. – E do seu santuário amaldiçoado.

Julian deixou que o silêncio se propagasse alguns segundos para que os dois companheiros digerissem toda a catástrofe que pendia sobre as suas cabeças.

- Isso é impossível, o senhor está a mentir. Para que precisa de nós?! – Mohal perdera a paciência com todo aquele disparate junto. Era a história mais inverosímil que alguma vez ouvira! As lendas antigas não se erguiam dos túmulos só porque um homem maluco o afirmava.

- Eu falo com os espíritos, sei a verdade. Ou acreditam ou vivem na ignorância uns dias mais, até que Veshcor se revele e acabe com o mundo. Não necessita de servos, para além do Devorador de Almas. E talvez até dele se livre, mais cedo ou mais tarde.

- *As lendas murmuram que a besta destruiu o mundo parcialmente, uma vez, até que Salamir a deteve e enviou para as Portas das Almas Profundas, o grande portão que separa o mundo das almas do mundo negro. Salamir perdeu-se entre as fendas do tempo e é-lhe impossível regressar, diz-se...* – elucidou Ehlianna, espreitando para o movimento da cidade pela janela um pouco baça de sujidade. – Sabe onde se localizam as pedras de Hen-Farair?

Desencostou-se da janela. Estava decidida e parecia querer tratar da saúde não só a Asgaroth mas ao próprio Veshcor, e o mais depressa possível.

- Não, mas posso descobrir com facilidade. Normalmente é um local pouco frequentado por humanos, e um ponto de atracção para os espíritos que vagueiam entre nós, pois pertence a uma zona ténue entre o mundo humano e das almas. É a fonte de alimento do *monstro*, atraí-lo-á, também.

- Dizem que a floresta, do lado Norte, está assombrada – informou Mohal com alguma cautela. – Mas nem sempre o que se ouve é fiável.

Julian não o escutou. De momento, estava embrenhado em complicados gestos que executava com os dedos, formando figuras que se sucediam numa ordem clara. Os seus lábios moviam-se imperceptivelmente, dando um nome a cada figura desenhada no ar.

Ao finalizar, um vento forte abalou o quarto da pequena estalagem “Pé de Ouro”. Uma jarra foi derrubada e estilhaçou-se no chão ruidosamente, enquanto as cortinas se retorciam, tentando escapar do seu suporte e voarem livres.

Aos poucos, o vendaval inexplicável parou.

- Ele está aqui? – Perguntou a mulher, correndo os olhos pelo quarto, apesar de ser do seu conhecimento que seria impossível ver o ser a que se referia.

- Está – confirmou o druida, simplesmente. O seu olhar fitava um ponto junto às grandes vigas do tecto. – Agora não temos tempo a perder. Podemos partir já?

- Só tenho de ir buscar a minha espada e selar os cavalos. Presumo que tenha vindo de cavalo, certo? – A voz de Ehlianna não era muito crente.

- Não, vim numa mula. Muito confortável, garanto-vos – declarou, honradamente, o druida.

- Mas lenta. Vai ter que arranjar outro transporte se quer mesmo deter o fim do mundo – disse, virando-lhe as costas e abrindo a porta do quarto.

Julian exibia um esgar contrariado. Seria um crime deixar o seu honrado corcel naquela cidade. Porém não havia escolha possível.

Foram então resgatar a espada da guerreira que estava já eficientemente pronta, resplandecendo de mortalidade. Partiram poucos minutos depois, ao terem comprado uma égua forte para o druida montar em detrimento da pobre mula que ficaria na cavalaria da estalagem até voltarem. Isto é, se voltassem.

Tinham que se apressar e, para o fazerem, enveredaram por ruelas pouco movimentadas onde alguns ébrios, ainda agarrados às suas amadas garrafas, dormitavam refastelados. Mohal e Ehlianna seguiam Julian e agradeciam pelo facto da alma ser bastante mais prática que o seu invocador.

Rapidamente deixaram a parte mais populacional para entrarem numa zona de terra batida onde começavam a surgir campos de cultivo e pequenas casas de camponeses explorados. O bosque era já visível a pouco mais de três quilómetros de distância.

Subitamente, Julian puxou as rédeas da sua montada e fê-la parar. Com o olhar, correu as redondezas, perturbado. Algo de estranho se passava.

- Porque parámos? – Quis saber Ehlianna, colocando-se lado a lado com o jovem sábio.

- O espírito desorientou-se, alguma coisa o assustou. Ou alguém.

- O que é que pode assustar um espírito? – Mohal usava o seu tom céptico, senão irónico, para demonstrar o quão patético considerava tudo aquilo.

No entanto, não foi o druida que respondeu.

- Um espírito superior ou Asgaroth – a voz de Ehlianna soou soturna, o que o levou a revirar os olhos. Tudo aquilo não passava de um drama excessivo. Porque levava ela aquilo tão a sério? O druida devia ser paranóico!

- Não é um espírito superior, senti-lo-ia se assim fosse. Isso deixa-nos uma única hipótese. Não se esqueçam que, apesar de poderoso, Asgaroth é de carne e osso, pode ser morto. Mas não o subestimem, nem se deixem ludibriar. É um monstro antigo e sabe o que faz.

- Ao contrário de nós – alvitrou Mohal causticamente.

- Noto cobardia na tua voz, meu aprendiz?

Os sérios olhos castanhos de Ehlianna penetraram os do rapaz numa censura grave.

No entanto a sua pequena divergência foi interrompida por um grito que soou, não se sabia se de dor, se de horror. Foi longo e infiltrou-se como farpas nos seus corações.

Ao longe, vindo das árvores, surgiu um homenzinho a correr naquela direcção. O alívio que o seu rosto denotava era pouco visível, pois estava distorcido e as lágrimas corriam por ele abaixo. Mas não foi isso que os impressionou. O camponês vinha agarrado ao que parecia ser o resto ensanguentado do seu braço. Como ganhara forças para fugir, era um enigma.

Julian desceu da égua para auxiliar o pobre homem. Estava horrorizado, como se tivesse visto a própria morte à frente. E a verdade era essa, vira mesmo e fora atacado por ela. Quando se aproximou do druida, deixou-se cair de joelhos, ainda agarrado ao coto sangrento que outrora fora o seu braço.

- O que lhe aconteceu?

- Um demónio... um demónio! Ele atacou-me!

Mohal olhou de lado para Ehlianna. A mulher fitava o pobre camponês atentamente. Esperava que alguma coisa acontecesse.

O druida premiu os lábios. Se Asgaroth o mordera, não haveria salvação possível. Nas veias correr-lhe-ia um veneno demoníaco destilado do mal que o monstro possuía em estado bruto.

Examinou o braço do infeliz, ou o que restava do membro, tentando ver para além do sangue que cada vez escorria mais. Por baixo dele, uma marca negra alastrava-se em direcção ao peito. Depressa lhe atingiria o coração, mas este não deixaria de bater, muito pelo contrário. O ritmo aumentaria rápida e gradualmente como se o órgão quisesse, furiosamente, saltar do seu lugar e, por fim, explodiria, levando consigo pulmões e todos os tecidos que se encontravam próximos. As dores só cessariam nesse momento, depois do seu espírito ter sido estrangulado.

Nada havia a fazer, os efeitos começavam a ser sentidos. Julian não o queria deixar ali, mas a pressa forçava-o a fazê-lo.

Quando o druida se afastou e voltou a subir para a sua égua, o enfermo nem deu conta. As dores assolavam-no sem piedade, enquanto os três se afastavam num cavalgar célere de angústia que temia a impotência.

- As pedras encontram-se numa pequena clareira – informou Mohal. Parecia mais crente quanto à essência da criatura que perseguiam, agora que vira o camponês retorcer-se em dores.

Pequenos ramos caídos partiram-se à passagem dos cavalos, num ruído que parecia não perturbar o druida. Não planeava o factor surpresa, pois o monstro não os temia, nem a qualquer mortal. Seguiram o rasto deixado pelo homem na sua corrida infrutífera pela vida. O sangue brilhava no seu tom escuro, guiando-os para um ponto mais afastado, coberto pelas sombras que se tornavam mais densas à medida que avançavam. Uma luz começou a infiltrar-se por entre os troncos, na direcção contrária que o sangue seguia. Deveria ser a clareira. Amarraram os cavalos nesse mesmo local e continuaram a pé.

Ao desembocarem junto às pedras, não tão altas quanto as de Ezian, mas mais largas e espaçadas, Mohal retirou uma flecha da aljava e retesou o arco, tendo como mira as costas de um indivíduo que se encontrava no centro do círculo a observar algo que lhe era impossível distinguir. Não pareceu notar nas suas presenças acabadas de chegar.

- É ele? – Quis saber Ehlianna, segurando o punho da sua espada com firmeza.

- É – o tom sombrio do druida não acalentava grandes esperanças.

- Mohal, dispara – ordenou com frieza, não deixando que Asgaroth fugisse ao seu olhar.

A flecha saiu disparada de entre os dedos que a seguravam, tendo como destino um ponto sob a omoplata esquerda do monstro. Porém, todos os três duvidavam que ele possuísse coração. Era um corpo morto que deixara a sua decomposição a meio e ganhara vida.

Instantes antes da flecha o perfurar, o monstro desviou-se, apanhando-a em pleno ar, assim como fizera a Arossan. Mohal sentiu a sua boca a abrir-se sem conseguir evitar. Asgaroth voltou-se então para eles, lentamente. Na sua boca ostentava um sorriso escarninho e os olhos vermelhos brilhavam com algum divertimento. Inesperadamente, a sua mão atirou a flecha de regresso ao remetente com uma força e precisão tremenda. Mohal mal teve tempo de se atirar ao chão para evitar ser trespassado de lado a lado, como aconteceu com a árvore que se encontrava atrás de si.

Os seus olhos chocados recaíram sobre o druida, pedindo uma explicação. Mas nada havia a dizer. Era aquele o ser que os incumbira de destruir, era aquela a mão direita da besta.

Ehlianna desembainhou a espada, rodando-a na mão, sem deixar de fitar Asgaroth. Os seus olhos corriam o corpo do monstro, tentando encontrar falhas, pontos fracos sob a armadura inexistente. Era fácil, aparentemente. Contudo os sentidos da “coisa” ultrapassavam os seus em muitas vezes. Dar um passo em falso seria suicídio.

Enquanto Ehlianna somava e subtraía as suas hipóteses contra Asgaroth, Julian perscrutava o espaço em redor, principalmente o céu. As nuvens cinzentas dominavam-no, agoirentas. Subitamente, de entre elas rompeu um relâmpago que se abateu certeira sobre a pedra central. Ao embater, fez ricochete, separando-se em sete relâmpagos que se projectaram, violentamente, contra as sete pedras sagradas.

Instintivamente, os três baixaram-se, levando as mãos à cabeça para se defenderem da chuva de pedras que se arremessou contra eles. Quando voltaram a olhar em volta, as pedras jaziam despedaçadas pela clareira. E pior, Asgaroth desaparecera.

- Não... – a desilusão marcava a face do druida ao ver a devastação e a falta do Devorador de Almas. – Temos de segui-lo! Se ele chegar a Cassarni...

- Nós chegaremos a Orolar – declarou Ehlianna, embainhando a espada. Não estava minimamente abalada, como se a fuga do monstro fosse apenas um pequeno contra-tempo. – Apanhamo-lo lá. Não é correndo de um lado para o outro que organizamos um plano decente.

Quando se aproximaram do local onde deixaram os cavalos, viram que Asgaroth lhes preparara uma surpresa. Deparam-se com os três corcéis mortos. Degolados e sem alma. Parecia que o monstro não queria que lhe atrasassem o trabalho.

- Interessante... – murmurou Ehlianna ironicamente. – Talvez até nos tema. Senão, porque haveria de matar os cavalos em vez de nós? Podia tê-lo feito há minutos atrás.

Julian meditou nas suas palavras, mas simplesmente pareciam não fazer sentido. Porém a mulher tinha razão. Por algum motivo ele não os atacara.

Os três companheiros foram obrigados a regressar à cidade para comprarem novos cavalos e mantimentos, antes de partirem para nordeste, em direcção a Orolar. Iriam percorrer trezentos quilómetros, menos de metade do caminho que Asgaroth faria até Cassarni. O melhor que tinham a fazer era aproveitar a vantagem que os Deuses lhes concediam.

Galoparam com pouco ou nenhum descanso até Orolar, uma das mais pequenas aldeias das Terras de Saolan, no entanto marcada no mapa pela sua importância estratégica durante a primeira guerra de Veshcor.

Chegaram já a noite ia alta. Ponderaram sobre a ideia de pedirem abrigo às casas mais próximas, mas colocaram-na de parte. Àquela hora da noite e da forma como Mohal e Ehlianna vinham armados, poderiam pensar que não passavam de bandidos e escorraça-los-iam.

Acamparam então a um quilómetro da aldeia, entre as árvores de um pequeno bosque. O rapaz apanhou alguma caruma e ramos secos e fez uma pequena fogueira para os aquecer. O frio sentia-se junto às montanhas de Razanar.

Sentaram-se no chão de pernas cruzadas, comendo pão com pedaços de carne seca e bebendo água de um cantil, enquanto observavam as labaredas a enrolarem-se sobre si, numa dança suave.

- Agora que chegámos, necessitamos do tal plano ainda por formar – notou Mohal, abocanhando o seu pão com pouca vontade. – Quanto tempo acha que vai demorar a “coisa” a cá chegar?

O druida baixou o olhar para o solo, deixando que o seu dedo fizesse desenhos esguios e sem sentido.

- Na madrugada de amanhã chegará, vindo de Oeste. Ele é incansável e o seu alimento quase que se lhe apresenta de braços abertos para o receber. Quantas mais almas devorar mais forte se tornará. E se abandonaram já a forma corpórea, melhor, estão livres em toda a sua essência, não mais enclausuradas nas fraquezas humanas.

Ehlianna atçou o fogo com um pau comprido. Um sorriso formara-se-lhe no rosto.

- Conseguiria invocar um grande número de espíritos e mantê-los presos num único local?

- Sim, com algum esforço – declarou Julian, não percebendo onde a guerreira queria chegar.

- Ótimo! – O sorriso da mulher alargou-se. – Então penso que temos realmente um plano formado – disse para Mohal. Nenhum dos dois percebeu de imediato ao que ela se referia.

As suas garras perfuraram o peito do pobre infeliz que se dignara a enfrentá-lo. Sem esforço algum, arrancou-lhe o coração da caixa torácica, fazendo rebentar vários vasos sanguíneos que se desfizeram em sangue. Preso ao coração, como se por um cordão umbilical, vinha um ténue espectro só aos seus olhos visível, que tentava, a todo o custo, agarrar-se ao corpo assolado por convulsões. No entanto, a sua força e tenacidade eram vãs.

Asgaroth espremeu o coração, fazendo com que repuxos de sangue voassem sem direcção. O espírito contorceu-se também, marejado em dores. Um guincho mudo soltou-se quando o cordão que o prendia ao órgão vital se rompeu. O monstro atirou o coração para a relva manchada de vermelho e agarrou a alma que se tentava escapar às suas fatais mandíbulas. Rasgou-lhe as entranhas com as lâminas assassinas que eram os seus dentes. Os gritos do espírito propagaram-se por todo o vale, levando muitos a encolherem-se sob os lençóis. As estrelas tremeluziram como se se quisessem apagar. A morte simplesmente deliciava-o.

Voltou-se para trás e mirou as pedras desfeitas com os seus aprovadores olhos vermelhos. Pequenas poças de água rodeavam o que restava delas. Eram as suas lágrimas desesperadas que previam o fim inevitável. Cada pedra daquelas não mais aprisionaria o seu amo. Salamir só atrasara o seu regresso.

Lançou um olhar trocista para os corpos caídos junto das sete pedras. Sete druidas jaziam mortos no vale. Sete almas consumira ele numa só noite para seu prazer. Tinham feito melhor em fugir, pois nada deteria o seu grande intento.

Ao amanhecer, naquele mesmo sitio onde acamparam, Julian caminhava sob uma área demarcada por sete pequenas pedras que Ehlianna e Mohal tinham disposto num círculo de razoável diâmetro. Caminhava de olhos fechados, recitando um

cântico numa língua desconhecida. Demarcava os limites donde os espíritos não poderiam escapar, após a invocação.

Ehlianna observava-o, encostada ao tronco de uma velha árvore. Os seus olhos seguiam cada gesto do jovem sábio, os seus ouvidos escutavam cada palavra murmurada. Ficara de guarda para que nada, nem ninguém, o perturbasse, enquanto Mohal procurava as verdadeiras pedras sagradas.

Naquele preciso momento, Asgaroth deveria encaminhar-se para Orolar a uma velocidade sobrenatural. O druida tinha que se apressar com os seus feitiços.

Deixou-se escorregar pelo tronco áspero do pinheiro e sentou-se no chão de pernas cruzadas. Os cavalos comiam erva a pouco metros do local onde se encontravam. Não poderia permitir que fossem novamente assassinados.

Ao fim de algum tempo, Julian parou as suas andanças dentro do círculo e dirigiu-se para o centro deste. Sorriu-lhe, entretanto, e Ehlianna retribuiu, num encorajamento para que continuasse. Então, o homem começou a gesticular e desenhar no ar, tal como fizera na estalagem, mas com mais intensidade e vigor. Observando com mais atenção, a guerreira notou que os dedos do druida pareciam abrir frestas brilhantes no ar. A passagem para o mundo dos espíritos! Definitivamente, aquilo chamava-lhe em muito a atenção. Conseguiria ela aprender a fazê-lo? Ou teria já que nascer com um dom para comunicar com o mundo das almas?

Da fenda brilhou uma luz mais forte e Ehlianna era capaz de jurar que vira uma ténue forma a escapar-se do seu interior, imiscuindo-se com o ar do interior do círculo. A seguir, o fenómeno repetiu-se inúmeras vezes. O círculo deveria estar a transbordar de almas.

Julian deu o seu trabalho por acabado e saiu do círculo, cambaleante. Estivera durante três horas a invocar espíritos, sem descanso. Despendera imensa energia. Assim, a guerreira aproximou-se e ajudou-o a sentar-se. O homem estava tonto.

Mohal regressara há uma hora atrás com a informação de que precisavam: as pedras sagradas situavam-se a oeste da aldeia. Dissera-lhe o druida da própria.

- Era melhor que as pedras não tivessem guardião – lamentou Julian. – Se fizer frente ao Devorador de Almas, perecerá.

- Ele não chegará a entrar em Orolar, quanto mais percorrer a aldeia de ponta a ponta. A armadilha está montada e é impossível escapar.

- Nada é impossível para Asgaroth – contrariou Ehlianna, fitando o círculo, seriamente.

Dirigiu-se à sua mochila e retirou do seu interior um estojo negro. Abriu-o e observou o seu conteúdo. Dez punhais de gume mortal descansavam enfaixados, esperando cravar-se em cada centímetro do corpo imundo do monstro. As suas vestes tinham um local próprio para cada arma que esperava ansiosa no estojo. Raramente as utilizava, mas aquele seria o momento certo.

Quando a noite chegou, cada um recuou para o seu esconderijo. A decisão de ficarem sozinhos fora debatida durante vários minutos, tendo em conta que Julian tinha a capacidade de sentir a chegada de Asgaroth. No entanto, prometera avisá-los da sua proximidade com sinais sonoros. O druida tinha uma enorme capacidade para imitar o canto das aves.

O arrulhar de uma rola fez-se ouvir por três vezes. Era o sinal de que ele se aproximava, e pelo lado de Ehlianna. A guerreira deixou que as pontas dos seus dedos afagassem o punho de cada punhal, familiarizando-se com a posição de cada um no colete, no cinto e nas botas. O silêncio da noite desaparecera e fora substituído pelo silêncio do vazio. Os seres sentiam a presença do mal e fugiam, mesmo que a sua sensação não tivesse nenhuma razão visível. No entanto, a intuição gritava para que se escondessem.

O estalar da caruma seca fez os ouvidos de Ehlianna apurarem-se ainda mais. Ele estava perto. Retirou dois punhais do colete e rodou-os entre os dedos com destreza, para se concentrar o mais possível no alvo que se aproximava e deixar de lado a sensação de ânsia que lhe atormentava o fundo do estômago.

O arrulhar voltou a soar, por necessidade, o que levou Ehlianna a franzir as sobrancelhas. Asgaroth tinha mudado de direcção e dirigia-se para Mohal. Conteve

um rosnar de fúria que se queria escapar. Não poderia deixar o seu aprendiz às mãos daquele monstro! Ele era demasiado inexperiente.

Ao contrário do plano, tomou uma decisão. Com passos rápidos mas silenciosos, avançou em direcção ao local onde Mohal possivelmente tentaria defrontar a besta.

Assim, foi a guerreira a primeira a ver Asgaroth. Avançava directamente para o local onde Mohal se encontrava, não para o círculo repleto de espíritos. O plano que o monstro possuía na sua mente retorcida era óbvio: acabar com o elo mais fraco. Caminhava como se matar alguém e devorar-lhe a alma fosse a coisa mais normal do mundo, e para ele era, realmente.

Apesar dos seus pés não terem emitido ruído algum, a cabeça de Asgaroth voltou-se instantaneamente para Ehlianna. Sentira a aproximação da sua alma. Os seus olhos chisparam-se e brilharam na noite, perfurando a mulher com um olhar que, se fosse possível, matá-la-ia.

O som gutural saiu da garganta de Asgaroth como uma lufada putrefacta que lhe causou um arrepio pela espinha acima.

- És tão idiota quanto Salamir, não és? – Os seus dentes negros sorriam-lhe com ironia.

- E tu és tão covarde quanto Veshcor, não és? – Perguntou, mantendo os punhais em riste e os olhos atentos para que não fosse apanhada desprevenida.

O monstro limitou-se a manter aquele sorriso diabólico de escárnio. Deu um passo na direcção de Ehlianna e a mulher notou que à medida que avançava as suas negras unhas cresciam, até alcançarem o tamanho de uma espada de pequeno porte. Não duvidava da letalidade do gume que cada uma teria. Eram estiletos perigosos e envenenados.

Numa rapidez assustadora, Asgaroth investiu contra si, obrigando-a a um desvio rápido e, felizmente, ileso. Os seus olhares cruzaram-se, tentando cada um penetrar nas fortalezas inexpugnáveis da mente. Sem esperar, Asgaroth partiu para um novo ataque. As suas negras armas cortavam o ar, clamando pelo sangue de Ehlianna.

A sua defesa meramente enfraquecia cada golpe desferido. Os punhais pareciam bocados de madeira, comparados com as lâminas infernais que a tentavam alcançar.

Quando o monstro lhe desferiu uma estocada dirigida ao pescoço, Ehlianna baixou-se e a sua perna deslizou pelo solo, embatendo com força nas pernas de Asgaroth, enquanto um dos punhais desferia um corte superficial no abdómen.

O monstro silvou, mais por surpresa que por dor, enquanto caía. Os seus olhos coriscavam quando, com um salto, se ergueu e fitou a guerreira, enraivecida. Ehlianna afastara-se três metros dele e esperava um novo ataque. Se não se mantivesse na defensiva, Asgaroth matá-la-ia, certamente.

Desviou o olhar fugazmente para o punhal com que o esfaqueara. Na noite não conseguia ter conta da substância que o cobria, mas o que quer que fosse faria questão de não lhe tocar.

Contudo, no vital segundo em que o seu olhar se prendeu momentaneamente na lâmina, Asgaroth não perdeu tempo e lançou-se numa pequena corrida. Quando Ehlianna notou, quase que fora trespassada. Mas, algo detera a besta, que se voltou para trás, com a fúria a crescer desmesuradamente.

Atrás de si, Mohal apontava-lhe duas novas flechas, enquanto que as outras duas se encontravam cravadas profundamente nas costas. Porém, parecia-lhes insensível. Eram aquelas duas almas que o estavam a irritar. E pensar que as adorava devorar e sentir a sua essência fortalecê-lo! Aquelas térmitas estavam a corroer-lhe a paciência.

Voltou-se novamente para a guerreira, mas no preciso momento em que o fez, um punhal cravou-se no seu globo ocular e desta vez sim, Asgaroth rugiu de dor, uma inclemente dor que o fez dobrar agarrado à cabeça. Mohal disparou mais duas flechas, dirigidas à perna esquerda que foram certeiras.

Ehlianna aproveitou o momento para lhe cravar o punhal por baixo da nuca. Não gostava de se aproveitar da vulnerabilidade dos seus inimigos, mas aquela não era a altura para desperdícios de oportunidade. Assim, a lâmina tentou alcançar o monstro, porém a sorte não estava do seu lado. Este ergueu-se no momento final, o que fez com que a arma lhe rasgasse as costas. Asgaroth virou-se para trás, tentando

atacar Ehlianna com o seu próprio punhal que arrancara, com o olho escarlate vindo atrás, e a guerreira escapou por uma unha negra ao ataque, ficando apenas com um rasgão na roupa.

A besta olhou de um para o outro, com o seu agora único olho e tomou uma decisão. Não podia perder mais tempo.

Apesar da reação de ambos os companheiros ser rápida, nada vencia a velocidade daquela criatura. Quando chegaram ao círculo que montaram, o druida estava ajoelhado, a recolher terra, enquanto que, de Asgaroth, não havia sinal.

- Ele dirige-se para as pedras sagradas! Detenham-no! – Pediu com urgência, observando-os, desesperado.

Num gesto súbito, pegou na terra que juntara e atirou-a ao ar. O que prepararia agora? Todavia, não havia tempo para perguntas. Desamarraram os três cavalos e o próprio druida seguiu-os, deixando a terra em paz.

- O que esteve a fazer? – Quis saber Ehlianna, enquanto incentivava o cavalo a galopar.

- Estive a pedir ajuda – limitou-se Julian a responder. Esperava que essa ajuda lhes valesse.

Atravessaram a cidade à maior velocidade que os cavalos conseguiam alcançar e a meio dela conseguiram vê-lo. Apesar de Mohal lhe ter acertado com duas flechas numa das pernas, Asgaroth corria tão velozmente quanto os cavalos.

Súbita e enigmaticamente, um uivo repercutiu-se na noite. Os dois guerreiros entreolharam-se indecisos. Seguiram-se mais uivos ao primeiro, o que levou Ehlianna a olhar para trás. Uma alcateia inteira perseguia-os! Era só o que lhes faltava, serem atacados por lobos!

- Não se preocupem com eles! – Declarou o druida em voz alta. – Não nos perseguem, mas sim a ele.

A mulher abriu os olhos, espantada. Com que então era aquela a ajuda a que ele se referia. Conseguira surpreendê-la.

Apesar de inverosímil, os lobos ultrapassaram os cavalos que começavam a fatigar-se.

Ao fim de um minuto, o primeiro lobo alcançou Asgaroth, abocanhando-lhe o braço direito. O Servo do Mal sacudiu-o e um ganido de dor ouviu-se na noite, quando as garras do monstro lhe rasgaram a garganta e o corpo caiu morto. A restante alcateia não se desmoralizou com a perda do companheiro, mas Asgaroth não se impediu de matar um a um, mesmo quando três enormes lobos lhe caíram em cima com a ferocidade de três feras.

Mohal gostaria de saber porque razão nem os lobos nem os cavalos recuavam perante o perigo que enfrentavam.

O barulho nas ruas fez inevitavelmente com que várias pessoas saíssem das suas casas. Asgaroth, vendo-se impossibilitado de escapar dos três companheiros, aproveitou-se disso, como qualquer fugitivo culpado faria. Aproximou-se, sem hesitar, de uma casa e as suas mãos agarraram uma mulher pelos cabelos, arrastando-a até si.

Os três foram obrigados a parar os cavalos, enquanto gritos histéricos começavam a espalhar-se por Orolar. Asgaroth detinha um refém, os seus cuidados teriam que aumentar consideravelmente. A vida de um humano inocente estava em risco.

- Não se atrevam a seguir-me, ou arranco-lhe o coração – ameaçou num rosnar que fez a mulher debulhar-se em lágrimas e quem sabe que mais. Tinha razões para isso. A ameaça não podia ser mais real.

- E agora? – Perguntou Mohal.

- Agora só nos sobra uma hipótese – declarou Ehlianna contrariada. – Deixá-lo destruir as malditas pedras.

Regressaram ao acampamento, recolheram os seus pertences e partiram para Ezian, de imediato. Precisariam de um barco para a viagem até Rocvall, a ilha deserta. A razão de ser desabitada não era mistério algum. O arquipélago a que a ilha pertencia situava-se no Mar Safir, a Sul de Sherin, e era guardado por uma temível e gigantesca criatura, Cristaron. Os poucos que escaparam aos encontros fatais afirmavam que o monstro possuía presas colossais e cuspiam fogo. No entanto, sanidade era algo que tinham perdido. Assim, quem poderia confirmar ou desdizer?

O pior era que, na verdade, teriam que enfrentá-lo. Contratar uma tripulação que possuísse coragem suficiente para combater o temível monstro marinho seria uma proeza. Ehlianna começava a ficar convencida de que estavam rodeados de monstros.

Desta forma, regressou Julian à sua aldeia, através do inóspito Deserto Banir.

O Sol ia já alto e o calor começava a sentir-se, penetrando nas suas vestes e ferindo-lhes as costas.

- Isto é de doidos! – Manifestou-se Mohal, saltando do seu cavalo e começando a pontapear a areia, furioso. – Asgaroth já deve ter desfeito as pedras e nós para aqui a preocupar-nos em chegarmos vivos à aldeia!

- Oh! Ele vai ter tantas dificuldades quanto nós a lá chegar.

- Basta-lhe ir a nado! – Argumentou o jovem erguendo os braços, exasperado.

- Asgaroth não pode tocar em água corrente – elucidou Julian. – Agora, por favor, sigamos. Não falta muito para o nosso destino final e, com sorte, talvez consigamos que Cristaron o destrua de vez.

- Ou nos destrua a nós. Penso que não seja esquisito nas refeições, ou nos escolha mesmo, tendo em conta que todos fogem daquela “coisa”! – Ehlianna revirou os olhos ao ouvir as palavras do seu aprendiz. Sempre fora um rapaz bastante complicado, apesar da sua imensa perícia para o combate. Encontrara-o há anos atrás, quando um grupo de rapazes de rua o espancara quase até à morte. Salvara-o e acolhera-o, ensinando-lhe tudo o que sabia. No entanto faltara algo... talvez uma figura maternal em vez de uma guerreira.

Ezian esperava-os com uma atmosfera pesada. O céu apresentava-se cinzento em demasia para um final de tarde e um vento varria as folhas secas que se espalhavam pela calçada, misturadas com a areia que descia do deserto. O entardecer parecia querer devorar a aldeia e cobri-la com trevas que ultrapassavam qualquer noite já vista.

- Ele está cá? – Quis saber Ehlianna, olhando de um lado para o outro.

- Está...

Mohal avançou por entre as pessoas que ainda vagueavam pela rua. Muitas olhavam-nos, curiosas, reconhecendo o simpático druida e estranhando a companhia dos dois guerreiros armados. Aquela era uma terra pacífica.

- É capaz de precisar onde? – Ehlianna gostaria de ter Asgaroth debaixo de olho e, se possível, cortar-lhe a cabeça o mais depressa possível.

O jovem escutava a conversa dos dois, enquanto dava alas à sua curiosidade. Ao seu lado passou um mendigo envolvido em roupas negras que deixava sair de si um cheiro pestilento. Mohal levou a mão ao nariz, impedindo-se de respirar, enquanto os seus olhos corriam o mendigo de cima a baixo. Apesar de estar vendado, conseguia orientar-se perfeitamente pela rua sem qualquer auxílio. Achava que já o tinha visto, algures em Hen-Farair. Inesperadamente, apercebeu-se o que se passava e voltou-se para a sua mestra rapidamente.

- Ehlianna – disse, tocando-lhe no braço para lhe chamar a atenção.

A mulher fitou-o, espantada pela interrupção, mas após seguir a direcção que o dedo de Mohal apontava, franziu as sobrancelhas e, inconscientemente, a sua mão afagou o punho da espada.

- Vamos – declarou, sem desviar o olhar das costas de Asgaroth.

- Não! É melhor arranjarmos primeiro o barco e mantermos o porto sob vigia. É o único local donde ele poderá partir. Persegui-lo poderá causar o caos e mais mortes.

Tinha que admitir que o druida estava certo, mas revoltava-a deixar um monstro assassino passear-se por entre pessoas inocentes.

O cais de Ezian era talvez o local mais arquitectónico da aldeia. Dois pilares em granito branco ladeavam uma ampla escadaria de degraus baixos e compridos que os convidavam a molhar os pés no mar fresco, ou convidariam, caso este não estivesse tão bravo, devido ao forte vento. Alguns barcos balanceavam-se sobre a maré-baixa, no entanto todos eles ostentavam um tamanho relativamente pequeno, pois eram típicos barcos de pesca que raramente se afastavam da costa.

O praguejar de Ehlianna foi bastante audível e muitos foram os que a olharam com má cara.

- Nem tudo está perdido – declarou Julian. O seu olhar fitava um ponto afastado para Oeste, onde um grande navio esperava, ancorado, a metros da praia. – A quem pertence aquele belo navio, meu bom homem?

A pergunta dirigia-se a um marinheiro próximo deles que desenrolava a rede de pesca para, na manhã seguinte, partir para os seus afazeres.

- A um nobre de Hen-Farair chamado Gerian, senhor Julian, e muito rico, ouvi dizer. Mas maluco, totalmente desvairado!

- O que o faz dizer isso?

- Imagine que o homem embarcou com a tripulação com a missão de matar Cristaron! É completamente doido! Oh! Não se ria, senhor Julian – disse o marinheiro interpretando mal o sorriso do druida. – Quantas embarcações já não despedaçou com os seus dentes de diamante assassino?! Doidos, é o que lhe digo!

- Tem toda a razão – confirmou o sábio para lhe fazer a vontade. – Sabe onde poderei encontrar o capitão do navio? Talvez o consiga persuadir a deixar a sua demanda de lado – explicou rapidamente, sob o olhar desconfiado do homem do mar.

- O capitão deve estar no seu navio, mas corre a informação de que o nobre em questão se hospedou na estalagem da aldeia. Eles partirão esta noite em busca do monstro, segundo se diz.

Julian agradeceu a informação com toda a sinceridade. Não precisariam de pagar a uma tripulação, nem mesmo convencê-los! Salamir estava realmente do seu lado.

A estalagem era um local pacato, muito diferente da de Hen-Farair. As pessoas eram simpáticas e, na taberna, conviviam com a alegria de uma aldeia sem problemas. Os três aproximaram-se do balcão e perguntaram pelo senhor do navio. O estalajadeiro, um homem já com certa idade e alguns quilos a mais, indicou-lhes uma mesa a um canto, onde dois homens conversavam.

Agradeceram a informação e caminharam na direcção deles com um passo regular, apesar da pressa. Foi Ehlianna quem primeiro se dirigiu ao homem. Nada como uma mulher armada para chamar a atenção.

- Desculpe interromper – disse, sem parecer lamentar minimamente. – Mas precisamos de falar consigo, Lord Gerian.

O nobre, um homem alto e elegante, olhou-a com um sincero espanto.

- Bem, se assim é, sentem-se – convidou, fazendo um gesto para as cadeiras livres. O homem que o acompanhava limitou-se a levantar e sair da estalagem. – O que desejam de mim? – Quis saber, olhando um a um com dois olhos intensa e profundamente cinzentos.

- Viemos oferecer os nossos préstimos contra Cristaron – declarou Ehlianna sem esperar.

- Hum... obviamente que sim – murmurou o nobre, pensativamente. – A questão é, a que preço?

- A preço nenhum – respondeu a guerreira, o que levou Lord Gerian a franzir as sobrancelhas.

- Está a dizer-me que quer pôr a sua vida em risco sem qualquer recompensa? Desculpe se a ofendo, mas não creio nas suas palavras.

Ehlianna abriu a boca para protestar mas Julian colocou a mão à frente, pedindo para que ela não o fizesse, o que levou o nobre a fitá-lo com um sorriso, como se quisesse uma desculpa melhor.

- O senhor parece-me honesto, tendo em conta a sua arriscada demanda, e por isso serei sincero para consigo. Tal como o senhor, tentamos fervorosamente deter um monstro. Ele tentará a todo o custo alcançar Rocvall e isso não poderá acontecer.

- E que monstro é esse de que falais?

- O seu nome é Asgaroth, mas muitos lhe chamam de Devorador de Almas...

- Aquele que trará Veshcor de volta ao nosso mundo! – O espanto do homem só poderia ser superado pelo dos três companheiros. Não esperavam aquela resposta, e muito menos o que se seguiria. – Mas... isso significa que ele já destruiu seis dos sete locais sagrados!

- Exactamente, Lord Gerian. Estimo que perceba a urgência do assunto. É por essa razão que necessitamos de partir consigo.

- Assim sendo, serão muito bem-vindos ao meu navio, caros senhores e senhora – finalizou, enquanto se erguia da sua cadeira, pronto para partir.

As águas que banhavam a praia continuavam bravas, o que os levou a molharem-se quase até à cintura. Quando se viram dentro do bote, deram graças aos deuses, no entanto continuavam e continuariam incomodamente encharcados. Os dois marinheiros que esperavam Gerian miraram-nos pelo canto dos olhos, mas não se manifestaram e remaram até ao navio.

Quando embarcaram, levantaram âncora, enquanto o nobre os guiava até ao camarote para poderem acertar os pormenores a sós.

- Como o irão capturar? – Quis saber, agora num tom mais sério.

- Pensámos que Cristaron o pudesse fazer por nós, com uma pequena ajuda dos espíritos em redor.

- O senhor é um necromante?

- Não, sou um simples pastor da Natureza que, no seu grande amor, aprendeu a comunicar com a sua essência.

- É um druida – concluiu Gerian. – Mas por o que percebi, vai tentar controlar a alma de Cristaron, para que seja ele a destruir o Devorador de Almas.

- Controlar não será a palavra certa – observou Julian, mostrando o seu desagrado. – Mas é essa a ideia.

- E como encontraremos o monstro de Veshcor?

Ehlianna sorriu.

- Quantos barcos mais se aventuram até Rocvall? – Perguntou, num tom sarcástico. O próximo barco que vissem em alto-mar transportaria Asgaroth, com toda a certeza.

Uma hora após a saída de Lord Gerian da estalagem, a porta desta voltou a abrir-se e um homem totalmente coberto de farrapos negros e com uma venda sobre os olhos, entrou num passo lento. De imediato, um fedor a podridão encheu a sala de convívio, o que levou um dos homens a erguer-se e a dirigir-se-lhe.

- Não o queria expulsar, mas o senhor está a contaminar o ar.

Antes do homem lhe ordenar para que saísse, a sua mão voou para o pescoço do indivíduo e atirou-o contra uma mesa ali perto, partindo-a pelo meio. Muitos dos homens levantaram-se do seu lugar, apesar do receio os começar a consumir. A falta de alma de Asgaroth arrefeceu o ar, como se o Inverno chegasse antecipadamente. Sentiam que havia alguma coisa de errada com aquele ser, mas a consciência impedia-os de fugir. Pior para eles.

- Quero alguém que me leve até Rocvall – declarou, causando arrepios com a sua rouquidão gutural que parecia querer rasgar alma atrás de alma. – Existe alguém disponível?

Ninguém respondeu.

- Vou repetir – informou Asgaroth, avançando até ao homem que continuava caído e bastante magoado. Agarrou-o brutalmente pela camisola e a sua mão livre trespassou-lhe o peito como se não passasse de um velho pergaminho, causando o horror dos presentes. – Existe alguém disponível?

A dor do homem cessou quando, ao sair, a sua mão trouxe o coração atrás, rebentando veias e artérias.

Segundo o homem do leme, estavam a meio caminho de Rocvall, o melhor local para, com sorte ou azar, encontrarem Cristaron e avistarem o navio que transportaria Asgaroth. Esperariam ali.

O barco flutuava do mesmo sítio há duas horas, quando sentiram um e viram outro, como se ambas as bestas tivessem sincronizado a sua hora de chegada. Primeiramente, o marinheiro da gávea afirmou ter visto uma Anilia (espécie de barco não muito grande de duas velas triangulares) a cerca de quatro milhas de distância e, de seguida, outro, que se debruçara na amurada, com uma excitação quase histérica pouco digna de um marujo, jurara a pés juntos que vira uma enorme sombra nadar para debaixo do barco.

A reacção foi imediata. Julian subiu até à proa e inspirou profundamente, como se tentasse reunir a energia que chegava do Sol. Abriu os braços e fechou os olhos. Nesse preciso momento, um forte abanão abordou o barco, contudo o druida não

perdeu o equilíbrio. Os seus braços esticaram-se em direcção ao mar, como se chamasse por ele. Um vento súbito ergueu-se, rodopiando à sua volta e mergulhando dentro das águas profundas. Os abanões agressivos da enorme serpente marinha terminaram, mas todos esperavam que regressassem mais cedo ou mais tarde.

Enquanto isso, o outro barco aproximara-se com incrível, senão impossível, rapidez. Apesar de não o ter visto, ainda, Ehlianna sentia o olhar de Asgaroth preso em si. Não o desviava, como se imaginasse que a mulher se atiraria ao mar e nadasse três quilómetros na sua direcção. A vontade era grande, porém desta vez seria ele a vir ter consigo. A sua espada ansiava-o.

- Acha que poderemos salvar os pobres homens que vão naquele navio? – Perguntou Julian, descendo apressado até ao convés, onde Gerian organizava os seus homens.

- Se Cristaron não os devorar junto com Asgaroth...

Novos gritos fizeram com que a frase de Gerian se perdesse a meio, mas desta vez vindos da Anilia. O barco balançava-se perigosamente, ameaçando virar-se.

- O seu plano resultará? – Murmurou Ehlianna para si. No entanto pairava a dúvida, sempre agoirenta.

Um rosnar soltou-se da boca de Asgaroth, quando o primeiro balanço atacou o seu transporte. As unhas pútridas cravaram-se na amurada, enquanto o seu único olho se fitou à distância em cada uma das três baratas que o importunavam. Malditos fossem aqueles humanos metediços!

Debruçou-se sobre a amurada, insensível à turbulência e mirou o seu atacante com os olhos semicerrados. As lendas ficavam aquém da realidade, mas a serpente tinha potencial para assustar qualquer humano. De tom verde-marinho e espinhosa barbatana dorsal, media por volta de trinta metros. Os seus olhos comparavam-se a duas esmeraldas estriadas a negro e as suas fatais e compridas presas curvavam-se dentro da boca.

Sem explicação, Cristaron afundou, fugindo da sua já tão apurada visão. A sua alma estava a tramar alguma, sentia-o. Olhou para trás. Aqueles malditos camponeses tremiam como varas verdes... incompetentes!

Com passadas largas avançou pelo convés, dirigindo-se para a popa do barco, mas foi obrigado a parar repentinamente. A serpente aproximava-se, vinda dos recônditos do mar, a uma velocidade estrondosa. Ia destruir o barco!

A água espalhou-se em volta quando o enorme animal saltou de dentro do mar, tapando por momentos o Sol, ao virar-se, de forma a cair sobre a Anilia. Os homens gritaram de pânico, correndo para onde podiam, outros atirando-se ao mar sem pensar.

Com um estrondo, Cristaron caiu na Anilia, quebrando um dos mastros e voltou o seu intenso olhar para Asgaroth que o enfrentou. Não tinha outra saída. As suas unhas cresceram, tornando-se nas lâminas mortais que por pouco não assassinaram Ehlianna. A alma daquele monstro seria sua.

Cristaron ergueu-se e, de boca descomunalmente aberta, investiu contra si como só uma serpente saberia fazer. Falhou por pouco, pois a sua rapidez tinha vantagens inconcebíveis, contudo, a cauda da besta atacou também, apanhando-o desprevenido. Embateu-lhe na cabeça, disparando-o alguns metros contra o mastro principal que, por pouco, não se partiu pela base.

Levantou-se do chão. Sentiu os ossos a estalarem, enquanto se recolavam no devido lugar. A serpente não lhe deu tempo para muito mais. Acometeu contra ele, abocanhando-lhe uma perna, fazendo-o rosnar. Depois começou a abaná-lo, até Asgaroth sentir a espinha deslocar-se. Por fim, atirou-o ao chão. O seu corpo tremia, assaltado por convulsões. Tentava a todo o custo voltar a pôr todos os ossos no lugar, senão não conseguiria lutar. Cristaron, rápido como uma mortal flecha, voltou a atacar, mas desta vez Asgaroth teve agilidade suficiente para agir. Voltou-se velozmente e agarrou em cada dente da besta, impedindo-a de avançar mais. O hálito de Cristaron conseguia ser quase tão asqueroso quanto o seu...

Subitamente, a serpente lançou a cabeça para cima, atirando-o ao ar e trespassou-o com uma das presas, fazendo saltar sangue negro para todos os lados. O

corpo de Asgaroth deslizou imóvel para o convés e Cristaron deu o seu trabalho por concluído, engolindo o cadáver de uma só vez.

No outro navio, eram muitos os que observavam esta batalha. Ehlianna tinha subido à gávea e, com um óculo, observara toda a cena, até Asgaroth ter sido engolido pela besta. Preferia ter sido ela a acabar com aquele demónio, mas pelo menos fora destruído.

Desceu com agilidade até ao convés e deu a agradável notícia.

- Ainda assim, gostaria de ir até Rocvall – declarou o druida, o que levou todos os outros a fitá-lo, espantados. – Quero certificar-me de que as pedras estão seguras.

- Se Cristaron não nos atacar até lá, levá-lo-emos – observou Lord Gerian, com um sorriso de gratidão na face. Apesar de aquele não ser o monstro que se comprometera a matar, a sua destruição era mil vezes mais louvável que a da serpente marinha.

- Não atacará – garantiu Julian.

Após terem salvo todos os camponeses, navegaram até Rocvall, onde fundearam. A ilha era um lugar árido com pouca vegetação e uma quantidade inigualável de pedras. Segundo se sabia, as pedras sagradas diferiam-se de todas aquelas por terem um tom incomum. Eram avermelhadas, peçadas de pequenos cristais rúbeos.

Ehlianna e Mohal seguiram o druida por entre os calhaus durante cerca de uma hora, até chegarem a um ponto, a oeste donde tinham ancorado. Viram-nas, brilhando sobre o Sol. Os cristais davam-lhes a sensação de que as pedras sangravam. No entanto, seria somente uma sensação?

Julian ultrapassou a distância que o separava das pedras, numa pequena corrida, e deixou-se ficar a olhar, como que horrorizado. Os guerreiros aproximaram-se também, fitando, estupefactos, o fenómeno que se lhes revelava. Todas as sete pedras pareciam chorar sangue de cada poro que possuíam, criando uma poça à volta de cada uma, que avançava para o centro do círculo.

- Que significa isto? – Perguntou Mohal tocando no sangue, sem mesmo pensar que este poderia esconder algum perigo. O líquido estava quente, como se saísse de um corpo vivo ou acabado de morrer.

- Significa que a profecia não foi quebrada. Significa que... – contudo deteve-se, incapaz acreditar no latente significado que aquele sangue deixava escapar.

- Asgaroth... – murmurou Ehlianna, voltando-se repentinamente para trás como se alguém a electrocutasse. E lá estava ele, como se invocado pelo pronunciar do seu nome. Contudo apresentava-se irreconhecível. O que sobrava da sua roupa estava lavado num líquido negro que emanava um cheiro pestilento e parte da carne apodrecida tinha desaparecido, dando-lhe um aspecto de cadáver semi-devorado por bichos. Um buraco não muito pequeno trespassava-o de lado a lado. E o olho vermelho ainda se encontrava na órbita onde já não existia carne e por onde se via o crânio branco. Teria algum dia aquela criatura sido humana?

- Idiotas! – Acusou o monstro, fitando-os com um ódio mortal. Da sua boca brotou mais sangue negro. – Pensavam que me derrotavam, era? Não! Eu sou imortal!!!

Avançou um passo na direcção deles. Na mão direita segurava uma das enormes presas de Cristaron.

- Sim – declarou, ao ver que os olhares dos três se detiam no dente. – Matei-o e devorei-lhe a alma, se não o tivesse feito nunca teria conseguido nadar até aqui. Mas sobrevivi, e voltei para vos matar!

Ao proferir estas palavras, lançou-se sobre a pessoa que se encontrava mais perto de si, Ehlianna. Apesar do seu adiantado estado de decomposição, não perdera a rapidez e, antes que a guerreira desembainhasse a espada, o dente da serpente marinha perfurou-lhe o ombro.

- Aahhh! – O grito da mulher foi excruciante, desequilibrando-se e caindo sob o peso do monstro. As suas garras dirigiram-se de imediato ao peito de Ehlianna e, com pouca precisão, talvez por a sua força estar praticamente esgotada, começou a rasgá-lo com as unhas. A guerreira via-se assolada pelas dores que os rudes cortes provocavam e incapaz de se livrar da besta.

Mohal agiu o mais depressa que lhe foi possível perante um espectáculo tão desprezível. Desferiu um forte pontapé no local onde o dente tinha perfurado Asgaroth, o que fez o monstro encolher-se e cair para o lado, libertando Ehlianna. O olhar vermelho foi, por sua vez, voltado para o rapaz que se apressou a tirar uma pequena adaga do cinto.

Asgaroth levantou-se e avançou sobre Mohal, que se desviou do primeiro golpe mas que não se atreveu a tentar atacá-lo, limitando-se a recuar. E isso foi um erro, pois não teve em conta o terreno onde decorria o combate. Torceu o pé e caiu para trás, deixando com que a adaga escorregasse para fora do seu alcance. Um esgar de ironia formou-se na boca deformada do monstro. O rapaz tentou arrastar-se, mas não iria longe. Asgaroth caminhava plenamente e, inclusive, conseguira encontrá-los sem darem conta.

Os seus olhos abriram-se de medo, quando viu o demónio erguer a presa de Cristaron sobre a sua cabeça. Tentou pontapeá-lo com a outra perna mas não conseguia alcançá-lo.

A espada surgiu do nada, cortando carne, tendões, traqueia e ossos. Mohal viu-a entrar de um lado e sair do outro. A cabeça de Asgaroth não se aguentou equilibrada, sem os seus alicerces, e rolou para o chão. O corpo manteve-se hirto, como se ainda se estivesse a preparar para atacar o jovem, mas acabou por cair para o lado, dando a revelar o seu salvador. Julian segurava a pesada espada de Ehlianna com ambas as mãos, enquanto a sua dona o olhava com um sorriso sofrido, tentando estancar o sangue dos cortes.

Por fim, a besta fora destruída e a profecia quebrada. Veshcor jamais voltaria.

Algures no bosque de Orolar, um globo ocular mutilado rebolou para uma toca entre as raízes de uma árvore. Enquanto qualquer pedaço de si estivesse intacto ele viveria e esperaria até estar reconstituído. Vingá-lo-ia, pois ele era Asgaroth, o Devorador de Almas, aquele que encaminharia o venerado Mal para o Mundo.

O ANJO DO ABISMO

CARLA RIBEIRO

A chuva escorria sobre o seu corpo de pedra, rígido e frio como as paredes do templo que pretendia guardar. Grossas gotas caíam das extremidades das suas asas cor de cinza, eternamente imobilizadas num voo interrompido, enquanto, no mesmo estóico olhar que habitava o seu rosto resignado, firme como a pedra em que fora moldado, parecia pairar toda a paciência dos séculos.

Contava-se, na verdade, por séculos o tempo que decorrera desde que ali fora aprisionado, condenado à eterna imobilidade para expiação da sua traição, e, ainda que nunca o seu rosto fosse capaz de se moldar num ricto de agonia nem o seu olhar de derramar uma única lágrima, o seu tormento permanecia, interminável, na consciência do que fora e daquilo em que se tornara.

Perdido no ruidoso silêncio da chuva torrencial, fitava as ruas através da semi-obscuridade do final da tarde, observando os poucos passantes que se atreviam a caminhar sob a sombra da tempestade. Para os humanos, aquele era apenas mais um dia de temporal, um momento aborrecido, mas que acabaria por passar. Para ele, contudo, era a mais próxima memória que guardava da vida antes da condenação, do dia chuvoso em que, perante o abismo daqueles altos muros, fora arrancado do seu corpo cada ínfimo sopro de poder.

Talvez fosse verdade que o merecera, mas, perante a sombra dos séculos, a eterna indiferença do seu corpo de pedra era uma punição demasiado terrível para conseguir suportar. E, em todos os séculos do seu tormento, era em noites como a que se aproximava, quando a chuva afastava das redondezas todos os eventuais

curiosos, que os seus antigos irmãos o vinham visitar, torturando-o com a visão das suas asas esplendorosas e com a sublime graciosidade dos seus movimentos.

“Por favor, não os deixes vir.”, pensava o anjo de pedra, numa dolorosa prece a um qualquer ente desconhecido. Ainda que o seu corpo se tivesse convertido naquele rígido monumento, continuava a viver dentro de si um coração de anjo, que sentia, que sofria.

- Boas noites, Amiel. – saudou, subitamente, uma voz irónica, rasgando o céu nocturno.

“Samael.”, pensou o anjo, limitado aos seus pensamentos, enquanto observava a esbelta figura de negras asas abertas ao mesmo vento que fazia dançar os seus sedosos cabelos negros, sombrios como a escuridão do seu olhar. Via o anjo caído avançar na sua direcção, enquanto os movimentos do seu manto negro desvendavam sinais das vestes vermelho-sangue que cobriam o seu corpo alto e imponente. Pertencia, pois, naquela noite, aos habitantes do reino das trevas o direito de o atormentar.

- Calculo que não fiques muito feliz por me ver. – observou Samael – Não temos sido propriamente a melhor das companhias para ti. Mas, no fundo, a verdade é que tu sabes que tens o que mereces.

Por um momento, o anjo negro deteve-se, quase como se esperasse uma resposta. De pois, como se subitamente recordasse algo que distraidamente esquecera, acrescentou:

- O príncipe Lúcifer decidiu conceder-te uma benesse por bom comportamento. – Samael esboçou um sorriso irónico – Devo dizer que não concordo com esta decisão, - prosseguiu – mas o príncipe decidiu e não me assiste o direito de o contrariar, pelo que, enquanto eu estiver aqui contigo, ser-te-á permitido falar.

Um breve silêncio sucedeu às palavras do anjo caído, antes que, suave e enrouquecida, como se debilitada pela falta de uso, uma voz frágil brotasse dos lábios do anjo de pedra, perguntando, hesitante:

- Porquê?

Samael sorriu.

- Há quanto tempo estás aqui, Amiel? – perguntou – Imóvel e silencioso...
Quinhentos anos?

- Seiscentos. – esclareceu o anjo de pedra.

- Isso. – concordou Samael – Bem, o príncipe julga que tiveste tempo mais que suficiente para reflectir sobre o passado e, por isso, quer saber o que terás a dizer sobre as tuas... escolhas, depois de todo este tempo, depois de rebuscada toda a tua vida.

- Por favor, Samael... - pediu Amiel – Vai embora. Eu já passei por isto demasiadas vezes. Vai! Não me tortures mais...

- Receio – disse, subitamente, uma voz desconhecida – que devas percorrer esse caminho ainda uma última vez.

Ao lado de Samael, um vulto luminescente acabava de surgir, abrindo ao vento umas asas tão brancas como as suas vestes imaculadas, enquanto, com uma expressão benevolente no seu rosto alvo, fixava em Amiel toda a beleza dos seus olhos cor de âmbar.

- Gabriel. – murmurou este, perturbado.

- Vejo – observou o anjo, dirigindo a sua atenção ao anjo caído – que o pensamento de Lúcifer corresponde aos desígnios do Divino.

Samael assentiu.

- O que quereis de mim? – perguntou Amiel, perturbado – Ainda não sofri o suficiente? Não basta já de tormento?

- Amiel, - esclareceu o anjo, num tom conciliador – muitas verdades ficaram por dizer, quando foste condenado pela tua ligação aos humanos. Àquela humana. E, agora, seiscentos anos passados, o conhecimento que tu lhe revelaste, mas que persististe em esconder de nós, repousa nas mãos dos seus herdeiros e, aparentemente, constitui uma ameaça aos poderes imortais.

- E o que não disseste antes, – prosseguiu Samael – a tua persistente insubordinação não pode já ser tolerada. Precisamos de saber o que tu sabes, Amiel, e obteremos esse conhecimento a bem ou a mal. Agora, cabe-te a ti decidir se queres

persistir na teimosia ou se desejas avançar um passo em direcção à remissão dos teus pecados.

- Eu... - respondeu Amiel, hesitante – Eu não tenho forças...

- Tu não tens alternativas. – contrapôs Samael – A tua escolha é somente entre colaborar de livre vontade ou sofrer as consequências.

- Não! – exclamou Amiel, assustado – Eu... Eu faço o que quiserdes...

- Nesse caso, - concluiu Gabriel – voltemos ao passado.

Como todos os outros anjos, Amiel nascera no início da eternidade, da primeira grandiosa obra criadora do Divino. No florescer da sua vida, não conhecera senão os reinos celestes, pois, nesses tempos de paz e de serenidade, Lúcifer não havia ainda tomado para si o domínio das trevas.

Nunca fora ninguém em especial, apenas mais um anjo entre muitos outros anjos, mas, ao longo da sua vida imortal, Amiel nunca deixara de colocar em tudo o que fazia a mais ínfima centelha da sua dedicação. Mesmo quando a revolta de Lúcifer e dos seus seguidores fizera com que todas as tensões explodissem nos reinos imortais, Amiel ficara no seu lugar, limitando-se a executar o seu trabalho com resignação.

Sabia, contudo, que não era naquele lugar de plácida candura que pertencia. Não... Ainda que apenas pelos seus cabelos de fogo, pelos seus olhos de profunda negrura e pelas soberbas asas negras que lhe brotavam das costas, Amiel era demasiado semelhante aos anjos que haviam partido para o reino das trevas, concedido a Lúcifer pelo Divino com o objectivo de pôr um fim ao confronto.

Durante muito tempo, Amiel suportara a troça dos anjos face ao seu aspecto e nunca deixara de responder com um sorriso resignado às mais terríveis humilhações. Mas agora existia uma alternativa... Não tinha dúvidas de que Lúcifer abriria as portas das trevas a qualquer anjo que desejasse cair para o seu mundo e, ainda que nada mais encontrasse, Amiel sabia que ali não seria humilhado e enxovalhado pelo facto de ser diferente.

Havia, contudo, um pequeno problema. Amiel era demasiado fiel para se limitar a fugir, abandonando sem qualquer espécie de aviso as responsabilidades que em si eram delegadas. Foi por isso que, apesar de determinado na sua decisão, Amiel esperou durante três dias, até que uma audiência com o Divino lhe fosse concedida.

- Fala, Amiel. – ordenou a voz do seu senhor, enquanto o anjo se prostrava diante do trono, onde, serena e majestosa, a etérea figura de um homem de névoa o fitava.

- Meu senhor... - balbuciou Amiel, atemorizado – Eu... Eu desejo partir.

O rosto do Divino pareceu moldar-se num sorriso.

- Para os domínios de Lúcifer? – perguntou.

Amiel assentiu.

- Não tenho nada a objectar. – declarou o Divino, com uma serenidade impenetrável – Mas diz-me. O que te garante que serás recebido pelo príncipe das trevas?

- Nada, meu senhor. – respondeu o anjo – Mas preciso de tentar.

- Pois que seja como desejas. – concluiu a figura de névoa – Mas lembra-te disto. A partir do momento em que partires, deixa de haver caminhos de volta. Os portões do reino celeste estarão eternamente fechados para ti.

- Tenho consciência disso. – assentiu Amiel.

- Nesse caso, - respondeu o Divino – vai em paz.

Na verdade, Lúcifer recebera-o de braços abertos, satisfeito por ver que um dos servos do Divino o abandonava para se alistar nas suas fileiras. O que Amiel, o silencioso e introvertido anjo de cabelos de fogo, não sabia, era que os desígnios do príncipe das trevas eram tão pouco adequados ao seu temperamento como o haviam sido os do seu antigo senhor.

Ainda assim, servira e, tendo sido, como muitos mais anjos caídos, designado para recrutar almas humanas para o reino das trevas, fora isso mesmo que fizera, ainda que cada alma conquistada ao longo dos anos fosse uma nova cicatriz traçada na negrura do seu coração atormentado.

Não esquecera sequer uma única entre as almas que depositara nos domínios do seu senhor. Passo a passo, recordava tudo aquilo que fizera e como o fizera. Naquela noite, por exemplo, lembrava a mulher de olhos de mar e cabelos da cor do deserto, que, logo ao amanhecer, vira passar sobre uma ponte, chorando convulsivamente. Não havia ninguém por perto, já que o sol acabava de nascer, e a tristeza daquela mulher era de tal forma imensa que parecia invadir todo o espaço em seu redor.

- Bom dia. – disse, suave, a voz de Amiel, junto ao seu ouvido.

Inicialmente, a mulher sobressaltou-se, olhando em volta para tentar compreender a origem do som. Amiel, contudo, fizera com que as suas asas desaparecessem e, diante dos olhos daquela humana, parecia apenas um simples mortal. Um mortal particularmente belo, mas, ainda assim, humano.

Apressadamente, a mulher limpou as lágrimas, como se tentasse esconder a sua tristeza. Amiel, contudo, conseguia sentir as suas fraquezas e sabia como conquistar aquela mulher. Disse-lhe, pois, num murmúrio tão leve que se confundia por entre as brisas de passagem:

- Parece que a vida foi cruel contigo.

Surpreendida pela invulgar familiaridade com que aquele homem se lhe dirigia, a mulher tentou interrompê-lo, mas, como se em nada tivesse reparado, Amiel prosseguiu, com uma serenidade inabalável:

- É sempre assim, não é? – imperceptivelmente, Amiel voltara a aproximar-se e os seus braços enlaçaram o corpo da mulher – Quando julgas que sofreste o derradeiro golpe, há sempre uma mão que se ergue para te derrubar, uma espada pronta para te dilacerar o coração um pouco mais. E tu e eu sabemos que as vozes que te dizem que a dor acabará por passar estão a mentir. A dor continua, sempre, cada vez mais forte, cada vez mais insuportável.

As mãos de Amiel deslizaram pelo rosto da mulher, como se tentassem remover um véu que a cegasse, enquanto, abalada e sem reacção, ela o fitava com uma expressão de incredulidade espelhada no rosto.

- Posso libertar-te, sabes? – prosseguiu o anjo caído – Dizem que a morte é uma senhora bem mais benevolente. Bastam dois passos e a tua dor desaparece. Posso libertar-te das correntes da vida...

- Ajuda-me. – murmurou ela, aturdida.

- Sim... - respondeu Amiel, num murmúrio sedutor, enquanto, sentindo repulsa de si próprio, a conduzia até ao limite do abismo. – Eu ajudo-te. Vês? Já estás aqui. Agora, basta um passo. É como adormecer...

Lentamente, a mulher assentiu. Depois, no momento em que os braços do anjo libertavam o seu corpo, ela deu um passo em frente, e o grito que soltou enquanto caía jamais deixaria de reproduzir o seu eco nos mais sinistros recessos da memória de Amiel, que, no instante em que o corpo se quebrava contra as rochas lá ao fundo, tinha já desaparecido.

Ainda não acreditava estar realmente a viver aquele momento, mesmo enquanto, hesitante, entrava na sala do trono do príncipe das trevas. Eram muito poucos os servos que Lúcifer alguma vez chamara à sua presença e, ainda que, pela sua fidelidade e dedicação, Amiel se tivesse tornado dono da confiança do príncipe, nunca lhe ocorrera sequer a possibilidade de uma tal honra lhe ser concedida.

Por mais que se forçasse a esconder os sentimentos que o habitavam, a verdade era que Amiel se sentia dominado por uma profunda ansiedade, e, a cada passo que dava em direcção ao interior da sala, olhos fixos no escuro vermelho do chão sob os seus pés, sentia que cada partícula do seu corpo se iria desintegrar. Foi quase com alívio que, ao chegar junto dos degraus do trono, ajoelhou perante o seu senhor, como se o seu próprio espírito lhe dissesse que era ali o seu lugar, prostrado no chão.

- Não tenhas medo, Amiel. – disse uma voz, profunda e sedutora, ainda que se assemelhasse a pouco mais que um sussurro débil – Olha para mim.

Silenciosamente, o anjo obedeceu, erguendo o olhar para encontrar a sublime e majestosa beleza do príncipe das trevas. Mesmo sentado no austero vulto do trono negro, as suas asas de escuridão abriam-se atrás de si, percorridas por laivos da cor do fogo, do mesmo fogo que irradiava dos seus olhos sanguíneos, tenebrosas luzes

irradiando poder, presas no seu rosto pálido, emoldurado pelas sedosas ondas do seu longo cabelo negro.

- Príncipe... - balbuciou Amiel, aturdido.

Lúcifer sorriu levemente, contudo, o seu olhar não deixava de reflectir toda a melancolia da eternidade.

- Não precisas de ter medo. – disse – Não te magoarei.

Amiel assentiu levemente.

- Porque me chamastes? – perguntou, hesitante.

- Sei – respondeu o príncipe – que me tens servido com lealdade e que tens colocado todas as tuas forças no cumprimento das missões que te são designadas, ainda que, por vezes, elas te desagradem. E é por isso, porque conquistaste a minha confiança com a tua fidelidade, que te vou confiar um segredo que não revelaria a ninguém mais, para te entregar, depois, a mais importante das missões.

Lentamente, Lúcifer estendeu a mão esquerda, para revelar, na sua palma, a forma de uma pequena esfera negra. Mas não... Não era negra. Algures no centro, oculto no seu interior, como se esperasse apenas que alguém o descobrisse, havia um leve cintilar de luz.

- Amiel, - explicou o príncipe – o que vês na minha mão nasceu diante dos meus olhos quando o Divino criou o mundo. Esta pedra é a mãe de todas as profecias, a voz da revelação do fim dos tempos. E, neste exacto dia, a pedra mostrou-me um rosto, um rosto humano, que não posso entender senão como pertencente àquela que desencadeará o Apocalipse. Compreendes-me?

Amiel assentiu.

- O que quereis de mim? – perguntou, perturbado.

- Vê o que eu vi. – respondeu Lúcifer – Conhece o rosto da humana que perturba o meu descanso. E, depois, regressa ao mundo dos humanos, encontra-a e descobre sobre ela tudo aquilo que conseguires. Entrega-me toda a informação que se revelar ao teu conhecimento e, quando tiveres terminado, faz-me saber. Eu tomarei a resolução final.

Era temível a revelação que acabava de escutar, principalmente sabendo que era nas suas mãos que o príncipe depositava toda a responsabilidade. Ainda assim, Lúcifer era o seu senhor e Amiel devia-lhe obediência. Como poderia recusar uma ordem sua? Forçou-se, pois, a silenciar as suas apreensões e, numa calma controlada, acabou por responder:

- Será como ordenais. Mas – acrescentou – como reconhecerei a humana de que me falais?

Lúcifer sorriu.

- Dá-me a tua mão. – ordenou, e, quando o anjo obedeceu, colocou nela a pedra da profecia, fechando, depois, cuidadosamente, os dedos do anjo em seu redor.

Amiel fitou-o, perturbado, enquanto sentia o estranho toque da pedra, cálido e confortável, mas ao mesmo tempo nauseante.

- Leva-a contigo – esclareceu o príncipe – e dorme durante algumas horas. Ela dir-te-á tudo aquilo que precisas de saber.

Não lhe foi fácil encontrar o sono, aturdido pela temível revelação que Lúcifer depositara no seu pensamento da mesma forma confiante e absoluta como colocara nas suas mãos a estranha pedra negra.

Preocupava-o o papel que viria em desempenhar em toda aquela situação. Sabia que detinha um dom especial para seduzir almas, por mais repulsa que isso lhe causasse, mas a verdade era que, na soturna apreensão que o invadira, Amiel pressentia já que aquela humana seria, para si, mais que um alvo contra o qual investir.

Ainda assim, Amiel era, acima de tudo, um servo fiel e dedicado ao senhor das trevas, e, como tal, não deixaria de lhe obedecer, pelo que obrigou o seu espírito a silenciar os medos que lhe inspirava, forçando-se a mergulhar numa meticulosamente construída tranquilidade, até, finalmente, adormecer.

As chamas pareciam enredar-se numa teia infinita, criando, diante dos seus olhos aturdidos, difusos labirintos que se enroscavam em formas confusas para depois se desvanecerem, voltando a surgir a seguir. Via, na semi-realidade da sonolência que

lhe demorava os movimentos, a sombra de inúmeras imagens abrigadas por entre o fogo, como se fosse de tal forma imenso aquilo que devia ver que o próprio sonho não sabia por que caminho começar.

Subitamente, formou-se um rosto, e depois um corpo diante de si, a figura serena, ainda que quase frágil, de uma mulher de olhos claros e longos caracóis negros, que o fitava intensamente. Sabia, de alguma forma que, naquele momento, lhe escapava, que devia memorizar aquele rosto e até as próprias chamas pareciam sussurrar o nome dela, mas as palavras vinham distorcidas quando alcançavam a sua mente e Amiel não as conseguia decifrar.

Foi então que, como se o tempo se precipitasse sobre si, o futuro se misturou com o passado e ele viu sobre o dela um outro rosto, progressivamente mais nítido à medida que o outro se desvanecia, dando lugar a um olhar de profundo negro num rosto emoldurado por cabelos de fogo.

Por um momento, Amiel não viu senão essa expressão, tão perturbadora na sua semelhança consigo. Depois, contudo, apercebeu-se do exército que a acompanhava, uma multidão de humanos, que, com expressões solenes e determinadas, olhavam fixamente para algo em frente. Algo atrás de si.

Bruscamente, Amiel voltou-se, para ver, aturdido, todo o esplendor das hostes imortais preparadas para a batalha. Anjos celestiais aguardavam, lado a lado com os servos do reino das trevas, esquecidos de todas as divergências para enfrentar somente o que seria a batalha final.

“Silêncio.”, ordenou, subitamente, uma voz na sua mente, enquanto a imagem se desvanecia. “O teu segredo não será senão dela.” E, enquanto o fantasmagórico sussurro da voz se dissolvia, Amiel sentiu uns braços que enlaçavam suavemente a sua cintura e viu, surpreendido, que a primeira mulher regressara e o fitava com um sorriso hesitante nos lábios.

Amiel tentou falar, mas ela silenciou-o colocando levemente a mão sobre os seus lábios. Depois, encostou-se um pouco mais ao seu corpo, e quando, inebriado por uma sensação que lhe era ainda desconhecida, Amiel sentiu a doçura da boca dela

na sua, tudo em seu redor desmoronou num novo labirinto de chamas e, tomado de assombro, o anjo despertou.

Ainda não compreendia que força o guiara até àquela rua movimentada, ao meio da multidão que lhe inspirava uma tão grande aversão, mas a verdade era que, desde o momento em que despertara, aquele lugar parecia pairar no seu pensamento, presente até no mais ínfimo instante, mesmo enquanto buscava o seu senhor para lhe devolver o que lhe pertencia e tratar dos meios necessários à sua missão, e era por isso que, sem margem para dúvida, Amiel sabia que seria naquele local, no meio daquela confusa mole de gente, que viria a encontrar a mulher que procurava.

Caminhava, portanto, no meio da multidão, oculto sob a máscara da sua forma humana. Os seus longos cabelos agitavam-se ao ritmo dos seus movimentos, rasgando com o seu fulgor a soturna sobriedade do longo sobretudo negro que cobria as austeras vestes da mesma cor. Nunca lhe teria ocorrido, contudo, que aquela que procurava viesse ao seu encontro de uma forma tão invulgar.

Distraidamente, Amiel fitava algumas das bancas do mercado, parando, esporadicamente, para lançar um olhar apreciativo a algum objecto mais invulgar. E, por entre as suas divagações, a mulher do seu sonho surgiu, apressadamente, diante dele, interpelando-o com um desprendimento impressionante:

- Não creio que alguém como vós deseje algo deste mercado, milorde. Vejo que sois nobre e as coisas que aqui vedes não passam de banais imitações.

Amiel sorriu, forçando-se a não fitar demasiado intensamente aquele rosto que a hipnotizava, o corpo fascinante escondido sob o singelo vestido azul. Emanava daquela mulher uma aura de carisma, mas havia algo mais, um certo misticismo que lhe escapava, como um toque de predestinação.

- Imitações? – perguntou Amiel, a sua voz sedutora reduzida a um sussurro intrigado – Oh, não... - esclareceu, subitamente, como se embaraçado – Na verdade, não procuro nada. Julguei apenas que deveria dar alguma atenção aos costumes da terra, visto que acabei de regressar.

- Sois natural de Maudville? – perguntou ela, surpresa – Penso que nunca ouvi falar de vós, e... Bem, - explicou ela – o meu pai é um dos vassalos do feudo, e o responsável pelo castelo, uma vez que o duque se encontra ausente há mais de vinte anos.

Amiel respondeu-lhe com um sorriso enigmático. “ O que farias, se eu te dissesse que este feudo pertence ao reino das trevas?”, pensou, notando a ironia do destino que levava a que ela referisse o misterioso homem cujo lugar ele escolhera ocupar.

- É natural que não me conheçais. – disse – Vós mesma não deveis ter mais de vinte anos... E foi há vinte anos atrás que eu parti, pouco mais que uma criança de mão dada com o meu falecido pai.

A mulher fitou-o com uma expressão de espanto.

- Vós sois... - balbuciou.

- Amiel de Liancourt, - apresentou-se ele – duque de Maudville.

- Oh! – exclamou ela, embaraçada – Eu não... Eu... Peço desculpa.

Amiel riu.

- Não creio que seja necessário. – respondeu – E vós sois...?

- Amelie. Amelie Sphyrna.

- Nesse caso, jovem dama, - concluiu Amiel – pedia-vos o privilégio da vossa companhia de regresso ao castelo. Passou tanto tempo, que creio que me perderei por entre estas ruas.

“Principalmente,”, acrescentou para si próprio “porque nunca as conheci.”

“Amelie Sphyrna...”, pensava Amiel, fascinado pelo estranho temperamento da mulher. Não tinha dúvidas acerca da genuinidade do embaraço que expressara ao identificá-lo como duque de Maudville e, portanto, senhor do feudo, mas, ainda assim, parecia demonstrar uma desenvoltura quase insolente na sua presença. Além disso, outros factores o preocupavam. Se o pai dela era da nobreza, seria certamente cioso da honra da sua filha, ainda que fosse um vassalo do feudo. “Talvez tenha que o fazer desaparecer.”, pensou, sentindo repulsa de si próprio perante tal pensamento.

O que Amiel nunca poderia imaginar era como se revelaria simples seduzir aquele coração teimoso, que, sob a máscara da irreverência, ocultava um espírito crédulo e inocente. Na verdade, também ela se sentia fascinada pela figura silenciosa e melancólica do duque, tão poderoso, mas aparentemente tão triste. E como era belo! Tão belo que quase se assemelhava a um deus e tão misterioso que dava vontade de mergulhar nos seus braços e desvendar pela força do amor todos os seus enigmas.

Num silêncio onde cada pensamento parecia gritar dentro das suas mentes, caminharam, tentando esconder do outro os sentimentos que os invadiam. Quando alcançaram as gélidas e soturnas paredes do castelo que se erguia diante dos seus olhos, sinistro e enigmático, Amelie lançou um breve olhar ao duque, como se tentasse ver os seus pensamentos, mas foi apanhada de surpresa ao encontrar aqueles olhos de infinita negrura fixos em si, reflectindo uma expressão que era quase angustiante.

- Milorde... - balbuciou ela – Estais... Estais bem?

Amiel assentiu bruscamente, como se tivesse sido arrancado a uma espécie de transe.

- Sim. – respondeu, devolvendo ao seu rosto a habitual expressão de austeridade – Vamos.

Nada encontrou no castelo que o surpreendesse. Para quem conhecera o sublime esplendor dos reinos celestes, bem como a soturna magia do reino das trevas, aquela era apenas mais uma casa de humanos, particularmente elaborada, mas de forma alguma comparável aos esplendores dos reinos imortais.

O encanto que a jovem Amelie exercia sobre a sua essência, contudo, era algo de simplesmente devastador, demasiado poderoso para ser ignorado. As ordens que recebera revelavam-se como irrelevantes face ao turbilhão emocional que o invadia. Amava-a. Tinha que a possuir.

- Milorde... - murmurou ela, num tom aparentemente embaraçado – Preciso de vos revelar a verdade... Por favor, tende piedade de mim... - pediu.

Amiel fitou-a, petrificado ao ver que o que tomara por embaraço se revelava na verdade como um medo tão profundo que só muito dificilmente era controlado.

- Fala. – ordenou, subitamente frio.

- Eu não... - balbuciou ela – Eu... Eu sou apenas uma das criadas do castelo.

Por um momento, um tenso silêncio surgiu entre eles, como uma cortina de gelo. Esta, contudo, rapidamente foi rasgada pela violência da voz do senhor.

- Mentiste-me. – acusou Amiel, forçando-se a imprimir dureza na sua voz, ainda que, na verdade, aquela revelação facilitasse em muito os seus planos.

- Oh, por favor... - suplicou ela, enquanto as lágrimas deslizavam pela sua pele – Por favor, não me mateis.

Amiel respondeu com um sorriso enigmático. Depois, lentamente, aproximou-se dela e envolveu-a nos seus braços, sentindo o corpo dela estremecer contra o seu.

- Terás que me compensar. – sussurrou, junto ao ouvido da mulher – E julgo que entendes o que quero... Ou preferes morrer?

Amelie não respondeu.

- Quando eu regressar – prosseguiu Amiel, impiedoso – espero encontrar-te à minha espera nos meus aposentos. Isto se desejas sobreviver, evidentemente. Toma a tua decisão. Eu vou recuperar o que me pertence.

Na verdade, Amiel esperara que ela tivesse fugido, demasiado aterrorizada para pensar com clareza. Isso afastaria parte do estranho fascínio que aquela mulher exercia sobre ele, desencadeando um desejo quase irracional. Talvez quando ela fugisse, ele conseguisse agir para com ela como para com tantas outras vítimas.

O facto, contudo, foi que, ao entrar nos seus aposentos, Amiel encontrou a figura trémula da mulher ajoelhada no chão, fitando-o com olhos vermelhos de tanto chorar. Por um momento, Amiel aproximou-se, mas, ao vê-la estremecer, uma súbita tensão imobilizou o seu corpo, como um choque de repugnância.

- Que fascínio tens tu, mulher, - exclamou, subitamente, revelando, face ao sofrimento de Amelie, uma ilimitada angústia na sua expressão – que me fazes

desejar-te com todas as forças, mas, que, ao mesmo tempo, me proíbes de tomar o objecto dos meus anseios?

Amelie olhou-o, espantada.

- Vai. – ordenou ele – Desaparece. Não te quero pela força, sabendo que sentes repulsa, enquanto eu te desejo com toda a violência da paixão. Vai! Vai, enquanto me consigo controlar...

Amelie, contudo, limitava-se a fitá-lo, aturdida.

- Não compreendeste? – insistiu Amiel, apesar de saber já que as suas emoções o condenavam – És livre. Vai! Não me atormentes mais...

Apenas nesse momento Amelie compreendeu que também Amiel alimentava por ela o mesmo estranho ardor que lhe invadia os sentidos, pedindo-lhe que o tocasse, que o beijasse, que o amasse.

- Quero-vos. – murmurou ela, subitamente.

Amiel fitou-a, incrédulo, enquanto, lentamente, ela se erguia, para depois deixar cair o vestido e se aproximar, encostando-se ao seu corpo tenso.

- Amo-vos, - continuou ela, enquanto o libertava das suas vestes – e vejo que o meu coração não se enganou quando, no mercado, me disse que éreis o homem da minha vida. Um anjo de amor e de nobreza...

- Um anjo... - sussurrou ele, pensativo, contudo, ela interrompeu-o com um beijo ardente e o desejo tomou posse dos seus corpos, arrastando-os um para o outro... e para a eterna condenação.

- Amelie... - sussurrou Amiel, alguns dias depois, enquanto a sua mão acariciava o corpo dela deitado a seu lado.

- Sim... - respondeu ela, numa preguiça sonolenta.

- Há poucos dias, - continuou ele – disseste que eu era um anjo.

Amelie sorriu.

- E és. – concordou.

Amiel hesitou.

- E se... E se eu te dissesse que sou um verdadeiro anjo? Um anjo caído, enviado do reino das trevas para te seduzir...

Ela riu.

- Julgar-te-ia louco. – respondeu.

A expressão de Amiel, contudo, tornara-se subitamente numa máscara de cristal, rígida na sua imensa tensão, pelo que ela se soergueu, olhando-o atentamente enquanto ele se levantava e circundava a cama até ficar de pé diante dela.

- Ouve-me até ao fim. – disse ele – Serei certamente condenado pelo que te vou dizer e pelo que te vou mostrar, mas... Eles não vão esperar muito mais para vir à tua procura e é preciso que fujas.

» O meu nome é Amiel, simplesmente, e sirvo o príncipe Lúcifer do reino das trevas. Tomei o lugar do filho do duque Dorsel, porque também este é propriedade do príncipe. Uma alma condenada, oportunamente morto em lugar desconhecido. Além disso, o meu alvo estava neste feudo. Tu.

Amelie olhou-o, incrédula.

- Não pode ser verdade... - murmurou, contudo, mesmo enquanto pronunciava estas palavras, do corpo de Amiel brotava uma estranha luminescência, enquanto das suas costas surgiam duas imponentes asas negras.

- Deixa-me terminar. – pediu ele – O príncipe enviou-me até ti porque um oráculo lhe revelou que tu és o rosto do Apocalipse. Enquanto eu estive aqui, o reino das trevas ficou a saber tudo o que eu lhes pude revelar sobre ti, mas é somente isso que sabem. O que eu lhes contei. Não sabem o que eu vi na pedra da profecia.

» Não és tu a mão do fim dos tempos. Séculos hão-de passar antes que isso aconteça, mas, ainda assim, é necessário que sobrevivias. A criança que carregas no ventre não pode perecer. O nosso filho.

Inconscientemente, Amelie sorriu, apesar da improbabilidade da situação.

- Nosso... filho? – perguntou, hesitante.

Amiel assentiu.

- Foge, Amelie. – disse – Salva-te. Eles não sabem... Nunca saberão, se eu o puder evitar, mas o confronto final não será entre a luz e as trevas. Será entre mortais e imortais. É por isso que apenas os dignos da vida sobreviverão.

- Amiel... - murmurou ela, fitando-o com um olhar infinitamente triste – Como poderei eu viver sem ti?

- Vive por ele. – respondeu o anjo, colocando a mão no ventre dela – E ama-o, como me amaste a mim.

Não passou muito tempo, na verdade, antes que a visita que Amiel esperava alcançasse o castelo de Maudville. A sinistra figura de Astaroth, de imponentes asas negras e olhos e cabelos cor de bronze atingia a torre do castelo, onde Amiel a esperava, pouco mais de uma hora após a precipitada partida de Amelie.

- Saudações, anjo caído. – disse ela, a sua voz suave realçando o esplendor da sua funérea beleza.

- Saudações, Astaroth. – respondeu Amiel, sem esconder a tristeza – Sei porque vieste.

A visitante assentiu.

- O príncipe sabe da tua ligação à humana. O senhor das trevas sentiu a tua traição e decretou o teu julgamento. Maldição, Amiel, em que é que estavas a pensar? Morrer por uma humana?

- Eu amo-a. – respondeu Amiel, num murmúrio.

- Enlouqueceste, certamente. – declarou Astaroth, impassível – Onde está ela? O príncipe deseja as informações que te mandou buscar.

- Ela partiu. – esclareceu Amiel.

- Deixaste fugir a tua única hipótese de salvação?

- Ela é inofensiva, Astaroth. O tempo que passei aqui deu-me a certeza desse facto.

- Lúcifer decidirá se deve acreditar em ti. – respondeu ela – Eu sou apenas uma enviada. És esperado, Amiel, e a tua pena aguarda-te. Sabes que o senhor das trevas

não é muito paciente. O que eu quero saber, pois, é se virás comigo de livre vontade ou se terei de te levar pela força.

Amiel não respondeu, demasiado perturbado pelas palavras que acabara de escutar. Astaroth, contudo, precisava da sua resposta para saber como agir.

- Amiel. – insistiu – Vais oferecer resistência?

Amiel fitou-a com uma expressão desolada.

- Não. – respondeu, reflectindo na voz toda a tristeza do mundo – Não vou.

Nada mudara na expressão do príncipe das trevas, constante na sua melancólica serenidade. Ainda assim, havia agora no seu olhar uma tristeza mais profunda, quase funérea, misturada com laivos de algo que não era censura, mas uma tão imensa desilusão que, ao vê-lo, Amiel se sentiu subjugado pelo peso da culpa, deixando-se cair de joelhos perante o seu senhor.

- Traíste-me. – acusou Lúcifer.

Amiel assentiu.

- Enviei-te na mais importante das missões, - prosseguiu o príncipe – confiante na tua lealdade, mas escolheste desobedecer até às minhas leis mais básicas e ligar-te a essa humana. Como se não fosse suficiente, apesar de saberes que reservara para mim a decisão quanto ao seu destino, deixaste-a fugir.

Mais uma vez, Amiel limitou-se a assentir em silêncio.

- Porquê? – perguntou Lúcifer.

- Senhor, - respondeu o anjo, num sussurro culpado – sei que os meus motivos não me desculпам e que mereço o castigo que me destinardes, mas... A verdade é que o meu coração caiu perante aquela humana. Amo-a.

Lúcifer esboçou um sorriso irónico.

- Traíste-me por um sentimento efémero... - murmurou – É pena. Julgava-te mais sensato.

Amiel não respondeu.

- Diz-me. – insistiu o príncipe – Onde poderei encontrar a humana? Como deves imaginar, continuo a querer saber tudo o que lhe diz respeito. Diz-me onde está, e talvez eu seja misericordioso.

Amiel hesitou.

- Eu não posso... - murmurou – Não sei para onde foi.

- Nesse caso, terei que dar ordens para que a procurem.

- Não! – exclamou Amiel, perturbado – Não, por favor... Ela não é uma ameaça. Já não...

Lúcifer fitou-o, intrigado.

- Não é uma ameaça? – perguntou – Aquela mulher sabe da nossa existência, mas dizes-me que não é uma ameaça?

Amiel assentiu.

- Ela sabe. – concordou – E, por isso, não poderá jamais ser manipulada pelos reinos celestes. A partir do momento em que eu lhe contei a verdade, deixou de ser uma arma. – mentiu.

Lúcifer sorriu levemente.

- Sofrerias se eu a matasse? – perguntou – Como castigo pela tua traição?

Amiel assentiu.

- Fui eu quem vos traiu. – murmurou, suplicante – É apenas justo que sofra as consequências dos meus actos. E vós sois justo. Mas ela é inocente! Resigno-me ao meu destino. Cumpri em mim a vossa justiça, mas, por favor, deixai-a viver!

Lúcifer respondeu com um gesto afirmativo.

- Pois que seja. – disse – Levanta-te.

Enquanto Amiel obedecia, dois outros anjos avançaram e agarraram o seu corpo. Sem que ele oferecesse resistência, arrastaram-no para o que, via agora, era o limite da torre de um templo, no topo da qual se encontravam.

- A pedra não sofre. – sentenciou Lúcifer – A pedra não sangra. A pedra não morre. Que sejas pedra nos séculos e para além deles, até que a minha vontade te liberte ou que os reinos celestes tenham piedade de ti.

Por um momento, um silêncio expectante pairou no ar. Depois, um gemido de surpresa brotou dos lábios de Amiel, ao sentir que as suas asas se abriam bruscamente, para, depois, se transformarem em pedra. Em seguida, sentiu o gélido toque da imobilidade espalhar-se por todo o seu corpo, que, passados poucos instantes, se tornava completamente pétreo.

- Adeus, Amiel. – murmurou Lúcifer, antes de se afastar, deixando atrás de si a estátua solitária do anjo caído, que ali permaneceria durante seiscentos longos e silenciosos anos.

- É isto que eles sabem... - murmurou Samael, pensativo, no momento em que regressavam do passado – Os herdeiros de Amelie Sphyrna são teus herdeiros também.

- Sim. – concordou Amiel – E eu sou o motivo que os levará à batalha. A segunda mulher que a pedra me revelou será a reencarnação de Amelie e ela recordará.

- E, por recordar, - concluiu Gabriel – por odiar aqueles que te afastaram do seu amor, conduzirá os humanos na batalha final contra nós.

- Sim. – assentiu o anjo de pedra.

- Porque escondeste a verdade? – perguntou Samael, genuinamente preocupado – Sabes como eu sei que teria atenuado o teu castigo.

- Eu sei. – concordou Amiel – Mas a pedra ordenou-me silêncio e eu não tive escolha a não ser a obediência. Se não o tivesse feito, o destino teria sido modificado. Amelie teria sido morta por transportar o meu filho no ventre.

- E tu amava-la. – concluiu uma voz suave, enquanto, como se surgisse do nada, a soturna figura de Lúcifer se aproximava do seu corpo petrificado.

- Príncipe Lúcifer. – cumprimentou Gabriel, enquanto Samael se curvava perante o seu senhor.

- Saudações, anjo Gabriel. – respondeu o príncipe, indicando, com um gesto, a Samael que retomasse a sua posição.

- Julgo que nada mais me prende aqui, - prosseguiu o anjo – agora que foi revelada a verdade que o Divino desejava saber. Daqui em diante, qualquer decisão é exclusivamente vossa.

Lúcifer assentiu.

- Vai em paz, Gabriel. – disse.

No momento em que o anjo desaparecia, a atenção do príncipe voltava-se inteiramente para Amiel. Não parecia, contudo, particularmente interessado nas revelações. Algo de mais profundo o preocupava.

- Sofres muito? – perguntou.

Amiel não respondeu.

- Diz-me. – insistiu Lúcifer – Já não precisas de te esconder de mim. Agora, eu entendo que forças moveram os teus passos. Sofres muito, Amiel?

- Sim. – respondeu este, num murmúrio.

- Fui demasiado duro contigo. – prosseguiu o príncipe – E, infelizmente, daquilo que agora és, não existe senão uma forma de libertação. Por isso, diz-me, meu anjo de confiança. Preferirias a morte ao teu estado actual? Desejarias morrer?

- Sim. – respondeu Amiel, sem hesitar.

- Nesse caso, - concluiu Lúcifer, aproximando-se e colocando as mãos sobre o corpo de pedra do anjo – liberto-te das correntes que te prendem à vida pelo meu serviço. Dorme em paz.

Um débil agradecimento brotou dos lábios de pedra de Amiel, como o derradeiro suspiro de um moribundo. Depois, sob as mãos do príncipe das trevas, a pedra fria da estátua desfez-se em pequenas partículas de pó, que, prontamente, foram arrastadas pelo vento forte.

- Voa longe, Amiel. – murmurou o príncipe, vendo os restos do anjo desaparecer – O teu legado prevalecerá.

PLUMA ESCARLATE

CARINA PORTUGAL

A nau navegava em alto mar, enquanto a sua bandeira se balanceava livremente pela brisa marítima. O fundo do tecido era negro e sobre ele repousava um símbolo de um branco esquelético, uma caveira. Era um barco pirata.

Pluma Escarlata, de verdadeiro nome Alexandra Vasconcelos, caminhou pelo convés do seu navio, Flecha Dourada, observando os inimigos que se mantinham a uma distância considerável. Os canhões estavam carregados e prontos a disparar. Afundá-los-iam sem piedade. Ninguém mais tinha o direito de correr aquele mar com intuito de roubar outros barcos, muito menos os malditos corsários do Marquês de Tomar.

- Alonso! – Gritou alto, num tom de comando, sem tirar os olhos do navio que se encontrava a menos de duas milhas deles.

Um homem de paleta e uma cicatriz que se derramava pelo lado esquerdo da face aproximou-se com passos rápidos. O seu único olho era de um verde forte e perscrutou a sua capitã meditativamente.

- O que pretendes fazer? – Perguntou, desviando o olhar para o navio longínquo.

- O que achas? O traidor do Marquês há-de parar de mandar barcos para atacarem as caravelas que partem de Lisboa. Malditos espanhóis... – rosnou, com um esgar de raiva.

O Marquês de Tomar era um homem rico que vivia nos arredores de Sines. Conhecido por ser perigoso, um inimigo que ninguém gostaria de ganhar. Todavia, Alexandra repugnava-se com o que ele fazia ao seu próprio país, a mando de

Espanha. E antes dela se repugnar, repugnara-se o seu pai, o Conde Vasconcelos. Fora tal a sua revolta que acabara na forca, e as suas terras confiscadas.

- Quais são as ordens?

- Aproximem-se dele. E quando estivermos suficientemente perto, abram fogo contra aquela escória.

- Sim senhora, vou passar as ordens – declarou Alonso, afastando-se.

Alexandra virou também as costas ao navio pirata e dirigiu-se ao seu camarote com passos largos e decididos. Era uma mulher ainda jovem e bonita. Os poucos que sabiam da sua dedicação ao mar e da sua guerra aberta contra o marquês censuravam-na e chamavam-lhe insana. Mas ela pouco ou nada se importava, aquelas palavras só a faziam sorrir e honrar-se.

A sua alcunha nos altos mares era Pluma Escarlate, pela pena vermelha que trazia presa no chapéu negro tal como todo o seu traje. Escolhera-a em honra de seu pai, pois ele fora uma ave a quem injustamente roubaram a liberdade. A sua espada, outrora também dele, permanecia presa à cintura na sua devida bainha, esperando sangue. E talvez o tivesse mais cedo do que esperava.

O camarote era um espaço amplo e limpo, com poucos objectos pessoais a que se pudesse afeiçoar. Dessa forma, dirigiu-se directamente ao baú, aos pés da cama, que abriu com cuidado, dando a mostrar algumas roupas que já não usava: vestidos. Revolveu-os e retirou do seu interior uma caixa onde estavam guardadas duas pistolas, as respectivas munições e um saquinho de pólvora. Carregou as armas e prendeu-as no cinto. Depois olhou para um grande retrato que se encontrava encostado a uma das paredes de madeira do camarote. Nele mostrava-se um homem de espada na mão e olhar decidido, de aparência justa e corajosa.

Esta é por ti, pai. Mais cedo ou mais tarde, irão ceder, pensou. Fez uma pequena vénia ao quadro e saiu.

- Senhor Almiro! O que me diz dos nossos inimigos? – Perguntou, lançando um olhar à gávea do mastro principal onde se encontrava um homem já com certa idade, um dos mais responsáveis e fiéis marinheiros.

- É uma nau portuguesa!

Alexandra franziu as sobrancelhas, intrigada. Normalmente as naus dos corsários eram de fabrico espanhol. Algo de estranho se passava ali. O que andaria aquele patife a tramar?

As milhas que os separavam depressa se aproximaram, colapsando-se em poucos metros. E isso preocupou-a ainda mais. O rosto dos marinheiros da nau inimiga não eram assustados ou desorientados, não corriam de um lado para o outro a precaver-se contra o assalto de outro barco pirata. Não... esperavam o Flecha Dourada de armas apostas, armas invulgares para simples corsários.

Quando o primeiro canhão disparou contra a nau e fez o seu barco estremecer, Alexandra percebeu o que se passava. Era uma armadilha!

Os seus inimigos posicionaram as espingardas e começaram a disparar contra eles, enquanto de ambos os barcos voavam tiros de canhão certos e destruidores.

- Alonso!!! Temos que sair daqui, imediatamente! – Gritou, correndo em direcção à popa. No entanto insurgia um problema. No meio da confusão, ninguém ouvia a sua voz.

Praguejou alto. Aquela escumalha estava a desfazer-lhe o navio! Não tinham outra saída sem ser combater. E dentro do próprio navio estariam a perder contra as espingardas dos inimigos. Tinham que tentar algo mais ousado.

- Abordagem!!!

Vários foram os que olharam para a capitã quando a viram a saltar para a amurada com uma das pistolas na mão esquerda, enquanto que a outra segurava uma corda áspera. E muitos imitaram-na de imediato.

Com o devido balanço, voaram de um barco para o outro, aterrando em vários pontos da nau. Alexandra encontrava-se perto do leme, onde a esperavam vários marinheiros que, agora de perto, não lhe pareciam minimamente corsários. Estavam demasiado organizados, demasiado fardados... E não havia muitas mais hipóteses.

Subitamente apeteceu-lhe morder o chapéu de raiva ao perceber no tamanho da armadilha em que tinham caído. Estavam a atacar um barco da guarda real. Maldito fosse o Marquês! Aquela peste suína nojenta...

Fez pontaria e disparou um tiro contra o homem que estava mais perto de si e que ficara momentaneamente apavorado ao ver que o aclamado Pluma Escarlata era uma mulher. O homem caiu para trás com o impulso, levando a mão ao ombro direito, agora ensanguentado.

- Capitão... – gemeu, enquanto as dores lancinantes se propagavam pelo braço que segurava a espada.

Ao ouvir estas palavras Alexandra olhou em volta e disparou outro tiro, mas o alvo esquivou-se, desembainhando a espada e atacando-a com rapidez. Com aquela proximidade as espingardas não eram as armas mais propícias.

Recuou vários passos para evitar que a lâmina a golpeasse e imitou-o, aparando o último golpe com força.

Ambos se fitaram. O seu opositor não deveria ter mais de trinta anos. Pouco mais velho que ela, mas bastante audaz na esgrima. Sorria-lhe, mas permanecia cauteloso, agora que também Alexandra o atacara.

- Capitão Henrique, quais são as suas ordens? – Inquiriu um dos marinheiros, ou talvez fosse mais correcto chamar-lhe soldado.

- Capturem-nos! O Marquês quer-los vivos, incluindo o seu capitão. – Os seus olhos não se afastaram de Alexandra nem por um segundo. – Mas desse trato eu.

Com esta ordem o soldado dirigiu-se para o convés desembainhando também a sua espada, deixando-os a defrontarem-se.

- Cometeu um erro grave com este ataque – declarou, sem desmanchar o seu sorriso algures de triunfo, algures de entusiasmo e também algures de certo receio. Estava a pisar um terreno pouco seguro. Nunca lutara com uma mulher, mas já ouvira falar de quem o fizesse, e os resultados não tinham sido dos melhores. Era muito mais perigoso defrontar uma mulher com uma arma na mão do que uma dúzia de soldados preparados para a guerra. E quando essas mulheres têm preparação suficiente para defrontar um homem treinado num mano a mano... o melhor seria precaver-se.

- Não preciso que mo diga, *monsieur*. Mas acautele-se, porque ainda não tem a vitória nas mãos.

Dito isto partiu num ataque rápido e ágil. Estava em vantagem pois o homem pouco estava habituado a lutar sobre uma plataforma instável. O mar estava a seu favor.

Fê-lo recuar até à amurada com sucessivos e fortes golpes que tinham uma única finalidade: desarmá-lo. Não o queria matar, pois isso sim, era declarar guerra aberta a Portugal. E se isso acontecesse, seria o seu fim e o da tripulação. Assim como da sua própria pátria.

Mesmo assim, tinha que admitir que o homem era forte e tenaz. Estava a deixá-la cansada e isso raramente acontecia.

Por fim, com dois últimos golpes, o primeiro vindo da direita e o segundo vindo de baixo, a espada do capitão saltou-lhe da mão e caiu ao mar, desamparada e sem retorno.

- Agora, ordene aos seus homens para que parem de lutar e se rendam – declarou Alexandra num tom autoritário.

- E porque faria isso? – Apesar de desarmado, o capitão da guarda ainda a desafiava.

- Para o bem de todos eles, não quero ver ninguém morto. Se não o fizer, a minha piedade para com eles deixará de existir. E se vir bem, mesmo que os seus homens estejam melhor armados, os meus têm uma preparação que ultrapassa qualquer guarda. Estamos em vantagem. – Enquanto dizia isto a sua espada não se afastou do pescoço do homem, e um simples olhar bastou para confirmar as suas palavras e a realidade.

Muitos dos soldados encontravam-se caídos no convés, não se sabia se mortos ou vivos. Alexandra esperava que maior parte estivesse vivo para o bem de todos.

Após alguns segundos de expectativa, em que o capitão pesou os prós e os contras, a resposta acabou por chegar.

- Como quiser.

- Foi uma escolha sábia da sua parte, capitão Henrique – frisou as duas últimas palavras, denotando o conhecimento do seu nome. Afastou-se alguns passos sem deixar de lhe apontar a ponta afiada da espada. – Agora, dê a ordem.

E ele assim fez. Ao fim de cinco minutos as lutas tinham cessado, as armas dos soldados jaziam abandonadas no convés, e muitos deles olhavam ultrajados para o seu capitão que fora inevitavelmente derrotado por uma mulher pirata.

- Senhores! Regressem ao vosso navio e preparem-se para partir! – Falou Pluma Escarlata para a sua tripulação, de forma pouco alegre. Aquela não fora a vitória desejada.

Esperou que maior parte dos seus marinheiros tivesse já embarcado antes de embainhar a espada e se afastar do capitão da guarda real.

- Pluma Escarlata! – Chamou este aquando Alexandra recebia a corda que a faria saltar para o outro navio. – Não me diz pelo menos o seu nome?

- O que lhe interessa essa informação? – Não se voltou para ele quando fez esta pergunta.

- Penso que seja justo, também sabe o meu – fez notar.

- Muito bem, capitão Henrique. É bonito ouvir os outros falarem de justiça quando não a praticam – disse ironicamente, olhando para o homem de soslaio. – Mas o meu nome é Alexandra Vasconcelos. Já agora esclareça-me uma suspeita, quem pediu a El-Rei D. João III que vos enviasse?

- O Marquês de Tomar. – Era uma resposta simples, e mais que óbvia e o homem não lhe pedira sequer uma explicação pela questão.

Lançou-se de um barco para o outro, acabando por ser ajudada a subir para dentro do Flecha Dourada por Alonso que trazia um arco e uma aljava presos às costas.

Do outro lado, o capitão Henrique segurava algo que lhe parecia vagamente vermelho e além disso, familiar. A sua mão retirou o chapéu da cabeça, mostrando um lenço negro que lhe prendia os cabelos compridos. A pluma tinha sido decepada! Premiu os lábios, contrariada com aquele incidente. A espada do homem tinha sido mais rápida do que dera a parecer.

Por fim, mirou a nau e o seu capitão antes de se retirar para o camarote. Mal sabia ela que aquela não seria a última vez que o veria.

Nos dias que se seguiram navegaram até França. Precisavam de se reabastecer, e havia feridos que necessitavam de um tratamento mais cuidadoso. As balas dos guardas portugueses tinham crivado as suas mazelas.

Durante a madrugada de uma dessas noites de viagem, Alonso foi encontrar a sua capitã quase a destruir a amurada com murros de raiva. Não lhe agradava aquele estado de espírito tão tempestuoso.

- Alexandra, o que se passa? – Quis saber, pousando-lhe a mão no ombro. O seu único olho brilhava intensamente, rasgando a noite estrelada como um punhal. Um fenómeno pouco natural e de certa forma assustador para maior parte das pessoas. E apesar de ter só um olho, era o que melhor via de entre todos.

- Nada, estou só um pouco ansiosa – resmungou, fitando o mar na sua negritude calma. A Lua erguia-se no alto, em quarto minguante, marejando-os com um pouco da sua luz.

- Claro que sim.

Alexandra praguejou para si por entre os dentes.

- A nossa última incursão fez demasiados feridos – murmurou.

- Não podíamos ter imaginado que era uma emboscada...

- Mas podíamos ter suspeitado! – Gritou a capitã do navio, furiosa. A sua face era marcada por um esgar de raiva. – Podíamos ter recuado, podíamos... AHHH!!

Um novo e violento murro voltou a abater-se sobre as bordas do navio.

Alonso encolheu-se ao ver aquela demonstração de fúria. Alexandra precisava de ser apaziguada. Pousou a sua mão sobre a dela, compreensivamente.

- Alexandra, tu não és Deus. Não podes adivinhar, nem guiar o destino dos outros. Nem sempre podes navegar e sair vitoriosa. O mundo está contra os justos, está contra ti, dificultando-te a tua missão, ou talvez, quem sabe, auxiliando-te de uma forma rebuscada – levou aos lábios a mão da sua capitã e depositou-lhe um pequeno beijo. – Esta missão nem deveria ser tua. Olho para as tuas mãos e vejo a delicadeza de uma flor. Este mundo não é o teu. Não deverias continuar no mar.

- Vou acabar o que comecei – declarou friamente, tirando bruscamente a sua mão de entre a do amigo. Conheciam-se desde crianças, tinham um ano de diferença.

Ele perdera o olho no dia em que tinham invadido a casa do Conde Vasconcelos para o prender. Ajudara-a a fugir, impedindo que fosse também julgada e morta.

- O Marquês não irá parar! Mandou uma nau contra nós no outro dia. Daqui a umas semanas mandará uma armada! Estás a condenar-nos à morte! – Finalmente os seus verdadeiros pensamentos vieram à tona.

- Eu não obrigo ninguém a ficar. Se ele os mandar, deixá-los vir. Irei ao fundo com o navio do meu pai, é a única e real memória que me sobra e ficarei com ela até ao fim. Se morrer antes disso, são livres de ir à vossa vida. Como já disse, não vos obrigo a nada.

Voltou-lhe as costas imponentemente, com a raiva a fervilhar no seu interior. Nesse momento tinha um único destino: subir à gávea e ali passar a noite a meditar no seu próximo passo.

Ao fim de quinze dias regressaram à costa portuguesa. Na sua ausência uma outra nau tinha sido atacada e saqueada pelos corsários espanhóis. Não tinham deixado um único sobrevivente para contar a história, logo os préstimos indesejáveis dos seus actos seriam oferecidos ao Flecha Dourada e a toda a sua tripulação. Ou seja, as culpas recairiam sobre si e os seus companheiros.

Depois de muito pensar, Alexandra decidira-se. Daria mais uma oportunidade ao seu navio de enfrentar e derrotar de vez o Marquês de Tomar. Se isso não acontecesse, tomaria medidas mais drásticas, apesar disso lhe poder custar a vida.

.....
Mal se vira o Sol nascer. Um nevoeiro cerrado cobria a embarcação e tudo o que a rodeava. Não se via mais que um braço à frente da face. A única coisa que se ouvia era o casco a cortar as ondas que se abatiam sobre ele. Aquele era um ambiente traiçoeiro que os ludibriava.

- Capitã!

Alexandra olhou para o mastro principal, donde vinha o chamamento, apesar de não ver nada além da densa nébula.

- Sim, senhor Almiro?

- Aproximamo-nos de algo a pouca distância! – Gritou a voz do velhote, do vazio. – Outro navio, parece-me!

A capitã franziu as sobrancelhas. Por entre o nevoeiro não conseguiria descortinar se eram amigos ou inimigos. Não se poderiam arriscar a atacar um barco mercantil. No entanto, seria só mais um para um currículo que outros tinham forjado para eles... e podiam sempre recuar se fosse engano.

- Preparem-se para atacar! – Gritou para a sua tripulação. – Vamos abordar o navio e certificarmo-nos de que não são os homens do Marquês.

- Alexandra, isso é demasiado imprudente. Pode ser qualquer pessoa, pode mesmo ser a guarda do rei! – Alonso agarrou-lhe o braço, impedindo-a de avançar para a amurada.

- Mesmo que seja, conseguimos escapar-lhes uma vez. Podemos muito bem escapar outra. É uma questão de superioridade estratégica.

- E tens alguma estratégia? – A dúvida planava como uma ameaça feroz na voz de Alonso.

- Não, mas se não os atacarmos nós, há a forte probabilidade de serem eles a fazê-lo. E eu não quero cair, não agora que podemos estar tão perto do final.

- Que final? Do nosso final?!

Alexandra puxou o braço da mão de Alonso e afastou-se dele sem lhe responder. Não queria admitir que as suas perguntas a perturbavam.

Depressa os seus inimigos se deram a revelar. Um colosso pareceu materializar-se ao seu lado vindo de outro mundo. Pouco conseguia desvendar naquela semi-cegueira e os rostos dos marinheiros adversários eram-lhe vagos.

Por enquanto também não tinham atacado. Não sabia a razão. Estariam à espera que dessem eles o primeiro passo? Se assim era, assim o fariam.

Não hesitaram. Abordaram o outro navio de imediato e o combate começou. Alexandra ouviu armas a dispararem. Por entre aquele nevoeiro era uma loucura disparar-se uma arma! Podiam acertar na pessoa errada, num companheiro!

Desembainhou a espada afiada, mas a falta do seu brilho por entre a brancura impura do ar deu-lhe um arrepio. Considerava aquilo um muito mau prenúncio. Estariam os mares contra eles?

Ouviru algo a cortar o ar por detrás de si e virou-se rapidamente, erguendo a espada a tempo de se defender. O entrechoque do metal repercutiu-se no ar com hostilidade. Alexandra fitou a face do seu atacante, por sinal sua conhecida.

- Seja bem vinda, Capitã Vasconcelos. Tenho esperado ansiosamente por si – declarou o capitão Henrique com um sorriso sarcástico. – Demorou a chegar, mas mais vale tarde que nunca.

- É um prazer reencontrá-lo, *monsieur* – disse esta com uma pequena vénia trocista. – Sentia falta de um bom combate e da última vez penso que tenha ficado com algo que me pertence.

- E tem toda a razão, *mademoiselle*. Estimo ao saber que ainda se lembra – desferiu outro golpe ao dizer isto, fazendo Alexandra recuar por entre os homens que lutavam desenfreadamente. Pingos quentes de sangue voaram até ao seu rosto, vindos de algures. Não queria saber de quem eram. Sentia-se mutilada só de pensar que poderia pertencer a algum dos seus marujos. – E desta vez não levará a melhor, porque não desistiremos. O lugar dos criminosos é na forca.

- NÓS NÃO SOMOS CRIMINOSOS! – A sua fúria voltou a evadir-se de dentro de si, repentinamente, investindo contra o capitão sem pensar. – É a escória que vos mandou que pratica os crimes! É a escumalha daquele marquês que mata por ganância! É a ele que os espanhóis pagam para contratar corsários!

Enquanto dizia isto, a sua espada rasgava o ar, embatendo contra a lâmina da do capitão sem saber o que fazia. Estava a agir impulsivamente. Queria que ele acreditasse nas suas palavras, queria que se fizesse justiça.

Ao mesmo tempo que duelavam, os seus passos levaram-nos para uma inclinação. Estavam a subir para a proa.

Alexandra golpeava a espada do homem incansavelmente. Todavia, quando ergueu o braço para desferir outra estocada, uma incompreensível e imensa dor perpassou-lhe as costas, por entre as costelas, parecendo quase vinda do coração. Sentia-la, a lâmina pequena e aguçada de uma flecha dentro de si. Mas como fora possível acertarem-lhe tão precisamente?

Recuou, tentando ganhar forças para respirar, mas cada movimento que o seu peito fazia parecia-lhe insuportável. O capitão baixou a espada, estupefacto e incapaz de agir. Sentia-se confuso com aquela paragem brusca do combate.

Assim, Alexandra ganhou forças para fazer o que tinha de ser feito. A única forma digna de finalizar tudo aquilo.

De dentro de si soou um grito, não de dor, apesar do esforço lhe destroçar o corpo.

- Voltem ao Flecha Dourada, já! Saiam daqui!

Fincou a espada no chão para se aguentar em pé. Não sabia se a tinham escutado, no entanto não conseguia gritar novamente. O seu espírito começava a toldar-se. Nunca pensara que uma simples flecha pudesse ter tais consequências.

Alonso viu, impávido, os seus companheiros de mar, regressarem ao navio. Ele e mais uma dúzia tinham ficado no navio, atacando o inimigo com flechas, apesar de, por entre todo aquele nevoeiro, terem disparado poucas com receio de ferirem quem não devessem. Foram lançadas só as que tinham um alvo certo. Ele mesmo dera a ordem.

- Porque estão a regressar? – Perguntou a um marinheiro que acabara de cair ao seu lado e se levantava com rapidez.

- A capitã deu-nos essas ordens, e disse para nos pormos a andar. Eu estava ao pé dela, foi atingida por uma flecha, muito possivelmente no coração – respondeu o homem. Tinha um aspecto lastimoso, um dos braços possuía uma chaga aberta, donde escorria sangue, e não tão pouco assim.

- Não... isso não é possível – murmurou Alonso incrédulo e ao mesmo tempo chocado. Parecia não querer acreditar no que ouvia.

- Ela deu-nos uma ordem, e muitos de nós ouvimo-la. Partimos, já!

- Não a podemos deixar lá! Não...

O homem não o ouviu e afastou-se agarrado ao braço ferido. Poucos minutos depois estavam a afastar-se da nau da guarda. Alonso continuava perto da amurada a

vê-la ficar cada vez mais distante. Do seu único olho derramava-se uma pequena e dissimulada lágrima. Por vezes o que estava certo era demasiado doloroso.

.....
Uma luz difusa entrava-lhe pelas pálpebras fechadas, acordando-a de forma lenta e suave. Todavia parecia que alguém lhe tentava arrancar o coração ao mesmo tempo que isto acontecia. Obrigou-se a abrir os olhos, pronta a desembainhar a espada e esquarterar o estupor que lhe causava a dor.

Ao fazê-lo, a luz laranja de um candeeiro ofuscou-a momentaneamente, mas o que vira nesse relance de segundo não lhe agradara. Quando se habituou à luz, confirmou as suas suspeitas pouco felizes. Estava deitada num camarote pequeno, aconchegada numa cama confortável. Sentado ao seu lado, um homem de meia-idade observava-a atentamente, como se esperasse que ela desse um salto e fugisse.

No momento em que os seus olhos se cruzaram, ele levantou-se da cadeira e dirigiu-se para a porta do camarote. Saiu e fechou-a à chave sem uma palavra.

Alexandra desviou o cobertor que a aquecia e tentou levantar-se, mas uma dor invadiu-a como um relâmpago, cortando-lhe a respiração. Deixou-se cair para trás, mordendo os lábios para abafar qualquer género de lamento. Começava a lembrar-se do que acontecera. O denso nevoeiro, o combate com o capitão Henrique e a flecha...

Olhou para si e para o seu estado lastimoso de vulnerabilidade. Alguém a tinha despido e colocado ligaduras em redor do tronco. Sentiu a sua face ganhar um tom rubro de vergonha e fúria.

Uma chave voltou a rodar na fechadura. Os seus sagazes olhos azuis fitaram a porta, enquanto ela se abria sem pressas. Um olhar simpático fitou-a daquele local. Era o capitão Henrique.

- Posso?

- Não sou eu a comandante do navio, não é a mim que tem de pedir se pode ou não – rosnou Alexandra, desviando o olhar para o tecto.

- Aceito isso como um sim, capitã Vasconcelos – declarou com um encolher de ombros, fechando a porta e avançando até à cadeira onde antes estivera o outro homem acomodado.

Durante alguns segundos impôs-se o silêncio. Alexandra não se dignava a falar-lhe e Henrique simplesmente esperava que ela o fizesse. Pairava o impasse no camarote. No entanto, numa questão de impulsividade, ele quebrou-se.

- O que vão fazer comigo? – A sua pergunta era autoritária, não queria dar parte de fraca. Continuou a olhar para as madeiras bem tratadas do navio, irresolutamente.

- Isso depende do que me contar.

- Sua escória mesquinha... está à espera que eu traia a minha tripulação, não é?! Prefiro morrer a vê-la nas suas mãos asquerosas...

- Imagino que prefira – interrompeu o capitão, pacientemente. – Mas não é isso que quero ouvir.

Alexandra mirou-o de soslaio. A desconfiança marcava-lhe pequenas rugas na testa. Se não era aquilo que o homem queria saber, então o que seria? Não via mais nenhum motivo de conversa entre eles.

- Gostava que me esclarecesse do porquê destes ataques. Há dois dias atrás fez graves acusações ao Marquês de Tomar, acusações essas em que não vejo fundamentos.

Os olhos castanhos do capitão fitaram os seus de forma inquiridora.

- A que ataques se refere? – Perguntou a capitã do Flecha Dourada, tomando uma atitude de plena ignorância, desviando o olhar.

- Aos que o seu navio perpetua às embarcações portuguesas.

- Não sei o que quer dizer com isso. Penso já ter referido o facto de não ter sido o meu navio a fazê-lo. Foram os seus amigos! – Uma dor perpassou-lhe o peito ao elevar a voz, o que a fez tentar acalmar-se e mentalizar-se de que não valeria de nada começar aos gritos. Só pioraria a situação em todos os sentidos. Tinha que se comportar. Talvez assim conseguisse congeminar uma forma de escapar.

- Eu não confraternizo com piratas...

- Mas o Marquês confraterniza! Com piratas e espanhóis que estão mortinhos para devorar Portugal – rosnou, com um esgar de raiva. – Não espero obviamente

que acredite na minha palavra, mas é esta e mais nenhuma. Agora pare de me importunar com perguntas inutilmente hipócritas.

- Tem provas do que está a afirmar?

- Não acha que se tivesse provas não as teria levado de imediato a El-Rei?! Pouparia tempo, dinheiro e tripulação! – Quase gritou, com os olhos a coriscarem. – Agora, por favor, saia. Não me sinto com disposição para isto.

- Não, ainda não vou sair. Quero conversar consigo sobre o porquê de estar deitada nessa cama.

- Talvez porque fui capturada? – Ironizou com um revirar de olhos.

- Também. Então falemos do porquê de ter sido capturada, do porquê dessa flecha lhe ter acertado exactamente em si quando a minha nau estava a transbordar de guardas – declarou com um sorriso, cruzando as pernas.

- Não está a insinuar que alguém da minha tripulação me tentou matar, pois não?

- Talvez até esteja – insistiu sobre a indignação de Alexandra. Levantou-se e disse as suas últimas palavras: – Pense nisso, capitã. Dar-lhe-ei o tempo que precisar.

- Desapareça! – Gritou a jovem mulher, erguendo o tronco como se fosse saltar da cama para o espancar. Aquelas maneiras arrogantes enjoavam-na e aquelas insinuações eram descomunais.

- Como queira, *mademoiselle* – disse, com uma semi-vénia. – Mas pense bem. E por favor, tenha consideração pelo trabalho que o doutor teve. Não queremos que a ferida abra.

- Para me poderem enforcar ainda viva?

- Sinceramente preferia que isso não acontecesse – murmurou, voltando-lhe as costas. E, como pedido, desapareceu porta fora.

Alexandra deitou-se para trás com dificuldade e, por fim, respirou fundo. O que pensava aquele idiota que estava a fazer? Tentar virar a capitã contra a tripulação era um truque infame e muito sujo. Fechou os olhos. Estava demasiado cansada.

Três sóis nasceram depois desta pequena conversa entre capitães. Em nenhum dos dias fora permitida a saída de Alexandra do camarote. Foram-lhe disponibilizadas

as suas antigas vestes, lavadas e com algumas costuras. O médico fora visitá-la algumas vezes mas a capitã recusara-se ameaçadoramente a ser vista.

- Parece uma criança – reprovava Henrique, num desses martirizantes dias, o que lhe valera um olhar assassino.

O crepúsculo chegara e Alexandra escutou o capitão entrar com um pequeno tabuleiro de comida no camarote. Era o único que a ia visitar, para além do médico, e só ele tentava com afínco falar consigo.

- Quando é que estão com intenção de me envenenar? – Perguntou sarcasticamente, sem o olhar. Estava sentada junto aos vidros da janela, observando o mar que se deixava navegar por aquela nau amaldiçoada.

Assim, não viu o revirar de olhos de Henrique, só ouviu o seu suspirar impaciente.

- Ninguém a quer envenenar.

- Ah pois é, querem-me enforcar. Agradeço a sua gentileza em me lembrar.

Estava mais calma agora. Já se habituara à ideia de que o cadafalso esperava por si. Por mais que navegasse, nunca fora uma verdadeira pirata, não crescia em si a necessidade de fuga, só a de justiça. E faria todos os possíveis para dar um fim a tudo aquilo, antes de morrer.

- Se é assim que pensa...

Levou o tabuleiro até a uma pequeníssima mesa-de-cabeceira e pousou-o. Nele repousava um rústico copo d'água, uma sopa de bom aspecto e um bocado de pão com carne seca. Era mais que muitos dos marinheiros do navio comiam, mas Alexandra não agradecia. Não queria que a tratassem bem. Não era uma convidada, era uma prisioneira.

- Diga-me mais uma vez – pediu o capitão – o porquê dos seus actos.

- Estou a defender a minha pátria, a fazer justiça pelo meu pai – continuou a olhar o mar aquando o seu murmúrio quase inaudível.

O capitão Henrique nada disse e o silêncio que se instalara entre a sua resposta e o homem fê-la olhar em volta. O camarote estava espantosamente vazio.

Aproximou-se do tabuleiro e pegou no copo d'água. Não chegou a levá-lo aos lábios porque um pequeno objecto amarelado lhe chamou a atenção. Era um pedaço de pergaminho velho que tinha permanecido sossegadamente escondido debaixo do copo. Segurou-o entre os dedos, de sobancelhas franzidas.

Henrique dirigiu-se com passos lentos e pensativos para a proa. Encostou-se à amurada e observou nostalgicamente o clarão alaranjado, mas difuso, que marcava o limiar entre o pôr-do-sol e a noite.

Perguntava-se se os seus actos eram os correctos, ou se estaria a cavar a sua própria sepultura mesmo rente aos pés.

As palavras de Alexandra não lhe soavam a mentiras rebuscadas, muito pelo contrário. Mas não havia forma de se provar a verdade. Ela era considerada pirata, nunca seria ouvida, e mesmo que não fosse, era uma mulher, a quem raramente davam crédito. Ajudá-la poderia significar a força para si também. No entanto, a sua consciência deixá-lo-ia sossegado noite após noite, depois de a ver enforcada, sem mesmo ter a verdade nas suas mãos? A certeza da sua culpa? A resposta era simples... simplesmente não deixaria.

Levou a mão ao bolso e tirou de lá uma pequena pena cortada rente à penugem. Era vermelha como o sangue que lhe corria nas veias, como a vida que se derramava na lâmina da sua espada sempre que combatia, como um espírito que se esvai quando a sua honra não é reposta.

A escuridão tinha tomado já conta do convés e uns brilhos espelhavam-se já pelo céu nocturno, quando o capitão Henrique deu a sua decisão por totalmente tomada. Não desonraria a sua pátria com actos incalculados, as leis da sua alma manter-se-iam. E o que elas lhe diziam era claro. Todos têm o direito de provar o seu direito à liberdade.

Dirigiu-se ao seu camarote onde deixou que a noite se alongasse. As horas passavam lentas sob a vaga ondulação, mas nelas sorria a esperança.

Por fim, quando lhe pareceu ser o momento exacto, levantou-se e saiu, determinado a fazer o que tinha de ser feito. Com passos calculados de cuidadosos

que eram, aproximou-se do marinheiro adormecido que supostamente guardava as armas da Pluma Escarlata: uma mortal espada criada pelos melhores forjadores franceses, e uma pequena adaga de lâmina um pouco curvilínea, com inscrições em Italiano.

O soldado descansava com a cabeça descaída sobre o ombro e a boca semi-aberta num ressonar ronronante. A espada e a adaga estavam abandonadas ao seu lado.

«Isto é que é cumprir ordens...», pensou o capitão, ironicamente, com um revirar de olhos, mas fora bom que assim acontecesse.

Baixou-se lentamente para apanhar as armas. Os seus joelhos estalaram inconvenientemente, fazendo-o conter a respiração. Mas fora uma preocupação vã. O homem não acordaria mesmo que uma trompa bárbara fosse entoada junto dos seus ouvidos.

Resgatou as armas rapidamente e afastou-se em direcção ao camarote da capitã Vasconcelos. Rodou a maçaneta devagar para que não chiasse ruidosamente e abriu-o. O escuro tomava conta do compartimento.

- Capitã? – Sussurrou para o seu interior. Nada conseguia discernir no negrume. – Alexandra?

- Penso não lhe ter dado autorização para me tratar pelo nome próprio, capitão Henrique. – A sua voz era bastante calma o que amenizava a situação. Vinha do seu lado direito.

Perscrutou a escuridão com mais atenção. Junto a si estava uma silhueta esguia, talvez elegante, numa perfeita camuflagem que era as suas vestes. Os seus olhos brilhavam densos num enigma intransponível.

- Peço-lhe as minhas mais sinceras desculpas. Fi-lo inconscientemente – murmurou o jovem capitão desviando o olhar.

- Não peça o que não lamenta, capitão – declarou Alexandra com um sorriso. – Gostava de conversar consigo sobre tudo isto, mas dir-me-á que não temos tempo. Estou correcta?

- Sim, está. Tome, tenho aqui as suas armas e preparei um bote dos mais pequenos para partir.

- Como vai explicar o meu desaparecimento e do barco? – A desconfiança dava agora lugar à incredulidade. – O que lhe vai acontecer?

- Preocupe-se consigo, capitã. Tenho todos os passos planeados. Ordenei para que um dos prisioneiros fosse deixado à deriva no mar. O bote foi preparado para isso, supostamente.

- Prisioneiros?

- Ninguém do Flecha Dourada, descanse – garantiu.

Deu passagem a Alexandra enquanto esta colocava a espada e a adaga no cinto. A Lua brilhava redonda no seu oceano negro, iluminando-os vagamente. Observou-a pelo canto dos olhos. Uma mulher tão bonita e tão séria, com aquele destino nas mãos. Os anjos eram cruéis.

- Muito obrigada, capitão – disse-lhe com sinceridade. – Provar-lhe-ei a verdade. Se não o conseguir, eu própria me entregarei.

O homem ignorou-a.

- O seu navio partiu em direcção ao Sul. Se quiser poderá segui-lo. Pela manhã seguiremos para Norte. Se nos voltarmos a encontrar espero que não seja nas mesmas circunstâncias. – Levou a mão ao bolso e retirou uma pequena bússola já velha com um ponteiro em metal. Junto vinha uma pequena pena vermelha. – Penso que vá precisar disto, Pluma Escarlate.

Alexandra remava há um dia e meio, quando o viu no seu porte imponente, parado sob a ondulação do mar. O Flecha Dourada parecia esperá-la pacientemente, assim como Alonso, que espreitava da amurada com um ar sério e preocupado.

Quando o gigante se encontrou lado a lado com o bote, o marinheiro lançou-lhe uma escada de corda velha, no entanto resistente ao forte ar salgado do oceano.

Já no navio, o amigo sorriu-lhe com o único olho a brilhar.

- Estás viva! Mas como? Disseram-me que tinhas sido atingida... como chegaste até aqui? Onde arranjaste o bote? Como...

- Alonso acalma-te, por favor. Não posso responder a tudo ao mesmo tempo. E depois... existem assuntos mais importantes que meras respostas. Preciso de uma boleia para a costa. Já vos envolvi em demasia.

- Mas... não estou a perceber... – murmurou o jovem marinheiro confuso.

- Voltei porque o meu navio precisa de um novo capitão, e porque num barquinho daqueles não chegava a terra este mês. Morria pelo caminho com certeza.

- Porque não desistes simplesmente da tua demanda e vives sossegadamente?

- Não conseguirei viver dessa forma se não provar ao mundo a inocência do meu pai – argumentou a capitã. – E estou em dívida para com o capitão Henrique. Ele deixou-me partir porque acredita em mim.

- O quê?! – O rosto de Alonso modificou-se por completo. A sua alegria fugiu como enxotada por uma forte tempestade e o seu único olho tornou-se calculista e desconfiado. – E não pensaste na probabilidade de ser uma armadilha? De que ele te seguiria só para nos capturar também? Que ingenuidade é essa, Alexandra?

- Ele não faria isso...

- Ele tentou afundar o Flecha Dourada!

- Mas pensava que éramos piratas! Agora isso já não acontece! – Gritou-lhe a mulher, fuzilando-o com o olhar. – E como é que ele me podia seguir se nem eu própria sabia onde vocês estavam? Limitei-me a remar na direcção que ele me indicou.

Alonso desviou o olhar para o horizonte marítimo que se espalhava por milhas e milhas em seu redor. A sua face era dominada por um esgar de raiva.

- Agora já não pareces tão feliz por me ver – observou Alexandra com ironia. – Pergunto-me qual a razão, já que nunca mais me verão possivelmente. É como te disse, só vim eleger um novo capitão, alguém com experiência suficiente para comandar o navio do meu pai.

- Se me confiares essa tarefa, fá-la-ei com toda honra, assim como a fiz nos dias da tua ausência – declarou o homem, acalmando-se.

- Pois, mas não a confiarei a ti. – Aquelas palavras balearam Alonso cruelmente em várias partes do corpo, e os que ouviam a conversa lançaram olhares espantados à

sua capitã. – O novo capitão será o senhor Almiro, um experiente marinheiro, que sempre me foi fiel, assim como ao grande iniciador desta conquista pela liberdade.

- Mas eu sempre te fui fiel, eu sempre quis o teu bem, eu...

- Tu... queres que te diga o que tu és? – Murmurou-lhe Alexandra de forma a que os outros não escutassem. – Ou será que a chaga nas minhas costas fala por ela própria?

- Como podes pensar...

- É tudo uma questão de lógica, meu caro amigo que só quer o meu bem. Conheço esta tripulação como a palma das minhas mãos assim como o mar que naveguei durante anos. Mataste a amizade que tinha por ti, e só não fizeste o mesmo comigo por uma unha negra – disse, num silvo ameaçador. – Cuidado com os teus próximos actos.

Virou-lhe as costas e caminhou em direcção ao mastro principal sob o olhar de Alonso que não demorou a afastar-se na direcção contrária, marejado em sem fim pensamentos, alguns talvez de arrependimento, outros ainda entristecidos.

Três dias foram suficientes para se aproximarem o necessário da costa portuguesa sem serem detectados. O vento soprava a seu favor.

Deitaram ao mar um bote do seu próprio navio, para não dar conta de que o outro era o desaparecido da nau da guarda. Depois de algumas despedidas e desejos de boa sorte, a Pluma Escarlata, embrulhada numa capa e com o capuz sobre a cabeça para a proteger do sol do alto mar, embarcou no pequeno barco a remos e afastou-se sem olhar para o que deixava para trás: uma vida inteira.

Alonso observava-a da proa. Pedia-lhe desculpa com o olhar e ela desculpava-o. Conhecia as razões dos seus actos, compreendia-as. Fora essa compreensão que a levava a abandonar os seus próprios amigos, abandonar Alonso. Ele só tentara impedir a sua loucura de se repercutir infinitamente.

Durante a sua reduzida viagem, passou por pequenos barcos de pesca que se atarefavam a apanhar o sustento de várias famílias. Olharam-na, desconfiados, sem

mesmo saberem que era uma mulher. Um barco, vindo do nada, com alguém de aspecto sombrio no seu interior, não era um bom presságio.

Chegou a terra firme ao anoitecer, desembarcando numa praia deserta onde muitos outros barcos se encontravam abandonados, esperando um novo dia para voltarem à lida.

Deixou-o ali ficar. Alguém lhe daria melhor uso, já que não precisaria mais dele.

As suas botas enterravam-se levemente na areia húmida a cada passo que dava e o cheiro a terra firme chegava até si como uma vaga lembrança de tempos passados. Eram poucas as vezes que saía da sua nau, principalmente quando essas saídas eram definitivas. E ainda lhe revoltava saber que o capitão Henrique tinha razão quanto à traição de alguém da sua tripulação. Dar razão a fosse quem fosse nunca fora o seu ponto forte.

As nuvens cercavam a Lua pouco menos que Cheia, ocultando a passagem da sua sombra esquiva. Tinha que se concentrar nos seus objectivos, não no que as ondas revoltas levavam já para longe.

Os pés guiaram-na até a uma estalagem mal frequentada situada não muito longe da praia. Ali encontravam-se um só género de pessoas: homens do mar, piratas ou não. Era um óptimo local para obter informações, ou comprá-las, que no mundo nada era de graça.

A porta rangeu ruidosamente sobre o barulho das canecas de cerveja a baterem nas mesas e as vozes grossas dos marinheiros ébrios, mas ninguém deu pela sua entrada, ou lhe dirigiu a menor importância. Era só mais um estranho, entre muitos, pensariam.

Dirigiu-se até ao balcão onde muitos outros se encontravam sentados a beber e a comer carne de mau aspecto. O taberneiro dirigiu-se-lhe. Era um homem que navegava em gordura, de cabeça rapada. Pediu-lhe uma cerveja, como exemplo seguido, e retirou do bolso o seu preço, com um extra de devidas proporções. Quando a sua caneca chegou, debruçou-se e sussurrou-lhe. Queria informações de como estava guardada a casa do Marquês de Tomar. Pagaria mais, se necessário, para que a informação fosse célere. Esperaria por ela na praia.

Depois de ouvido isto, o homem afastou-se com o dinheiro, como se de nada tivessem falado.

A capitã não chegou a beber a cerveja, limitando-se a sair da taberna logo de seguida. A informação só chegaria mais tarde, quando a penumbra reinasse e os negócios mais escuros florissessem.

Vagueou então à beira-mar, não totalmente desatenta ao que a rodeava, mas mergulhada em si. Uma das mãos segurava a adaga, dentro do manto negro. Não se deixaria apanhar desprevenida.

Nessa noite as águas infinitas mostravam-se serenas, brilhando o luar que agora reflectiam. As nuvens tinham-se evaporado.

Pacientemente, esperou três longas horas interrompidas por uma leve tosse. Tinha chegado a hora. Voltou-se para trás e mirou a aparição. Era um jovem de dezassete anos, no máximo. Não aparentava ser marinheiro, era franzino demais, mas o seu olhar era calculista e observou o vulto de Alexandra, avaliando-a.

- Uma mulher – confirmou, num murmúrio de espanto intrigado. – Para que quer uma mulher este género de informação?

- Cala-te e limita-te a fazer o teu trabalho. É por isso que te vou pagar – a resposta fora ríspida e severa. – Diz o que tens a dizer.

O rapaz olhou para ela de cenho franzido. Não lhe agradara a resposta, todavia o melhor seria não ripostar. Aproximou-se um pouco mais, correndo os olhos pela areia deserta, desconfiado. Parou ao fim de uma distância segura de Alexandra. Preferia prevenir a ver-se com a garganta cortada.

- Dois homens do senhor em questão guardam o portão principal, mais dois o das traseiras. Três vagueiam pelo jardim e cinco percorrem o palacete, palmilhando cada canto. O homem tem muitos inimigos – a mensagem implícita na última frase do rapaz fez a Pluma Escarlata sorrir. Sim, definitivamente deveria tê-los. E não sabia ele o que o esperava dentro das paredes da própria moradia. Os fantasmas iriam voltar, num assombro mortífero e inescapável.

Levou a mão ao bolso e retirou uma pequena bolsa de veludo escarlate. No seu interior repousavam várias moedas de ouro. Esperava sinceramente que as informações valessem o dinheiro.

O gradeamento em volta da casa do Marquês de Tomar era alto, num tom austero de conjura. Conjugavam na perfeição.

Alexandra deslizou por entre os arbustos baixos, observando atentamente cada um dos homens que guardavam a porta. Não pareciam propriamente inteligentes, mas tinham uma pose que amedrontava qualquer um. Eram típicos brutamontes. Seria mais simples do que alguma vez imaginara. A sua mão afagou a pequena pena que transportava no bolso. Nessa noite estaria tudo acabado, para o bem ou para o mal.

Descreveu um círculo à volta do palacete, formando uma ideia de como entrar e, principalmente, de como sair se encontrasse o que ambicionada. Era fácil demais...

Com passos leves correu até ao muro donde se erguiam as grades e espreitou para o seu interior, perscrutando cada pedaço de relva. Ao longe viu outro “brutamontes” virar uma das esquinas da casa. Depois de sair do seu raio de visão, agiu rápida e silenciosamente.

Com um salto subiu para as grades, trepando-as rapidamente e tendo o cuidado de não se empalar viva nos finos e mortais recortes do topo. Deixou-se cair no relvado escuro, aterrando como um cuidadoso e calculista felino por entre a densa e perigosa selva. O próximo passo seria arrombar uma janela do piso térreo.

Avançou rapidamente sob o chão almofadado, e quando se aproximou de uma das janelas, retirou a adaga do cinto e infiltrou a sua ponta pela fresta. No entanto, e para sua surpresa, estava incalculavelmente aberta. O Marquês estava a tornar-se descuidado.

Alexandra entrou sem hesitar, pouco antes de um dos guardas-nocturnos aparecer no seu raio de visão. Agora a parte mais difícil: encontrar o local onde o Marquês guardava os seus documentos. Haveria um comprovativo qualquer das suas conjuras, entre eles. Um acordo com os espanhóis.

Segurou a adaga firmemente entre os dedos e avançou, com os ouvidos atentos. Percorreu cada ponta do primeiro andar, vasculhando todo o escritório que por fim encontrara. Nada. Só pergaminhos velhos sobre a compra, ou roubo de terras, como Alexandra preferia pensar.

Furiosa saiu pela porta com urgência. Não podia perder tempo. Todavia não percebeu com antecipação suficiente que alguém a vira realmente entrar, apesar dos seus cuidados.

Ouviu um movimento atrás de si e tentou voltar-se, contudo sentiu uma ponta afiada tocar-lhe levemente nas costas antes de o poder fazer e estacou muito direita, com um esgar de contrariedade na face. Não queria que aquilo acabasse assim.

- Eu sabia que iria aparecer mais cedo ou mais tarde.

Os olhos abriram-se-lhe de espanto, deixando um suspiro de alívio soltar-se. Sorriu com ironia sem se voltar para trás. Reconhecera-lhe a voz.

- O que pretende fazer agora? – Quis saber.

- Já lhe disse duas vezes, vou lhe dizer uma terceira: não quero que seja enforcada – murmurou Henrique, baixando a espada. – É por isso que aqui estou. Farei tudo para o impedir.

- Porquê?

Voltou-se e encarou-o com os seus perturbantes olhos azuis.

- Porque sinto que é inocente.

Alexandra sorriu-lhe agradecida, por entre a escuridão da sala contígua ao escritório. Aquele voto de confiança era muito para si.

- O que pretende fazer então?

- Ajudá-la – declarou simplesmente, com um encolher de ombros e um sorriso que podia esconder o que procurava.

Não lhe perguntou como poderia saber da sua vinda, nessa precisa noite. Talvez se tivesse informado na mesma taberna em que comprara as informações.

Juntos subiram até ao andar de cima, trespassando a penumbra com os seus vultos esguios. Deslizaram por corredores que se entrecruzavam medindo cada passo

que davam. Henrique ia à frente, guiando-a. A espada repousava caída do seu lado direito, mas pronta para atacar.

Pararam subitamente o seu avanço, encostando-se à parede. Passos pesados dirigiam-se para aquele preciso lugar.

Alexandra olhou para o homem, pedindo indicações. No final de contas, ele era capitão da guarda real, se fosse apanhado ali com uma pirata seria enforcado juntamente.

Esperaram segundos ansiosos. O dono dos passos aproximava-se cada vez mais e ouvia-se já a sua respiração forte e roufenha. Henrique ergueu a espada com cuidado e no preciso momento em que o homem ia a virar a esquina encostou-lha à garganta. Alexandra tinha a certeza de que nunca teria aquela precisão. No seu lugar, ter-lhe-ia cortado a garganta. Mas o importante era que agora tinham um grave problema: alguém que tinha pleno conhecimento da sua presença.

O “brutamontes” olhou-os estupefacto com os olhos abertos em demasia. Numa das mãos segurava uma garrafa de vinho tinto.

- Não te atrevas a abrir essa boca imunda – murmurou-lhe o capitão Henrique.
– Ou corto-te a garganta.

Não era preciso o aviso. Era mais que óbvio que o homem não estava interessado em morrer e, muito menos com a cabeça separada do resto do corpo.

- Agora, volta-te lentamente e caminha.

- Mas não tentes nenhuma fuga, ou sentirás a minha adaga perfurar-te o coração – completou Alexandra num tom rouco. – A minha pontaria nunca me desiludiu.

O guarda acenou, seguindo as indicações dos dois.

Finalmente encontraram o que queriam, num segundo escritório.

Enquanto Alexandra vasculhava as gavetas, Henrique fechara a porta e não deixara de apontar a espada ao “brutamontes”.

- Encontrei! – Murmurou a jovem mulher com um sorriso resplandecente que contagiou o capitão da guarda real. Ali estava um dos documentos que comprovavam o contrato de corsários. Estava assinado por ele, o idiota do Marquês. O rei de

Espanha nunca deixaria o seu nome num documento que poderia chegar às mãos de El-rei D. João III.

Dobrou o pedaço de pergaminho e pô-lo no bolso da casaca negra. Tinha a prova de que precisava! Agora só tinha de chegar viva até ao Rei.

Fechou a gaveta da secretária de mogno e dirigiu-se a Henrique.

- Obrigada – murmurou, com vontade, se possível, de o beijar.

- Não agradeça já, ainda não saímos do território inimigo – volveu o jovem capitão.

Iam a meio do corredor quando o guarda se resolveu a fugir, com um grito de alerta que revibrou pelos vidros.

- Merda! – Praguejou Henrique, imitando-o para o apanhar. Mas Alexandra foi mais rápida.

Com pouco menos que um segundo de concentração por entre a negritude da casa, atirou a adaga com força e precisão. Não lhe acertou no coração, mas na base da nuca, matando-o de imediato.

Henrique olhou para trás, estupefacto e talvez receoso.

- Eu avisei-o – declarou Alexandra com um encolher de ombros.

Depois de a capitã do Flecha Dourada recuperar o seu pertence mortal, correram o mais que puderam para a janela por onde parecia que ambos tinham entrado. Por várias vezes iam sendo apanhados, mas o aparato do homem morto fora, talvez, uma ajuda. Acorreram todos para dentro de casa, esvaziando o jardim e deixando-lhes as saídas livres.

Treparam as grades com agilidade e refugiaram-se nos arbustos em redor. Rastejaram para o mais longe possível do palacete do Marquês sem que qualquer ser os denunciasse.

Contudo, insurgia agora a dúvida em Alexandra. Não tinha a certeza de onde poderia encontrar-se o Rei. E se não soubesse o mais depressa possível, o Marquês teria tempo de a capturar, ou se assim não fosse, de avisar e convencer sua majestade

de que tudo aquilo não passavam de papéis forjados. “E qual o motivo”, perguntar-lhe-ia D. João III, “Por vingança”, responder-lhe-ia o traidor.

- Segue-me – murmurou-lhe Henrique, tomando o comando da pequena expedição por entre o bosque que fazia ligação com a praia. Todavia não se dirigiram para as águas do Atlântico.

Henrique seguia um trilho seu desconhecido, andando agora já completamente direito. Não havia forma de serem reconhecidos por entre a espessa zona arbórea.

- Para onde vamos? – Quis saber Alexandra semi-desconfiada.

- Ter com o rei, obviamente – respondeu-lhe o capitão.

- E vamos ter com o rei mais precisamente onde? – O sarcasmo fazia-se notar no seu tom de voz. O rei não estaria escondido por ali, com certeza.

- Ao Paço. Não quero ofendê-la, mas tinha já previsto todos os seus passos um pouco precipitados. Tinha a certeza de que agiria sem pensar em todos os pormenores. Pensei-os por si. – Alexandra lançou-lhe um olhar pouco simpático. – Aluguei uma cabana perto de um trilho pedestre e escondi lá dois dos cavalos mais céleres da guarda real. Esperam por nós nesta altura.

A capitã não lhe agradeceu, mas Henrique não se importou. Limitou-se a seguir caminho em silêncio.

A casinha começou a desvendar-se por entre os troncos das árvores, como uma sombra gigantesca. Mas a aproximação revelou-lhes algo não tão assustador assim. Era construída em firmes troncos de madeira de aspecto resistente. O silêncio que os rodeava era leve e descondensado, ao contrário da efémera névoa que se começava a elevar do solo musgoso.

Henrique tirou uma chave pesada do bolso e abriu a porta semi-perra com um encontrão forte. O seu interior emanou o bafo quente da respiração dos animais, contrastante com o frio da noite.

Os dois possantes cavalos encontravam-se deitados num manto de palha fresca, já selados. Dormitavam sossegados e Alexandra esperava que tivessem descansado todo o possível, pois teriam um longo caminho pela frente.

Cinco minutos depois da sua chegada voltaram a partir. Henrique tinha também providenciado mantimentos para a viagem. Porém, Alexandra não tinha a certeza se teriam tempo para comer.

Ao todo gastaram oito horas na sua viagem, oito horas que podiam ter sido poupadas se tudo estivesse já planeado. Tiveram que atravessar os leitos dos rios Sado e Tejo, para tornar a viagem mais curta, e foi um problema arranjar alguém que quisesse levar consigo os cavalos. Tinham medo de que os animais se enervassem e causassem o afundamento da embarcação. Só levaram os bichos quando Henrique lhes garantiu que estavam bem treinados e lhes pagou uma quantia que calasse os seus argumentos.

O cais, perto do Terreiro do Paço, estava pejado de pequenos barcos. Algumas caravelas faziam-se notar de velas recolhidas. Foi por entre este pequeno labirinto que Alexandra e Henrique chegaram. Tinham deixado os cavalos num quartel de Almada antes de partirem. Não podiam perder muito mais tempo com negociações inúteis com marinheiros.

Porém, o fado nunca facilita a vida a ninguém. Quando tudo parece resolvido, faz surgir problemas atrás de problemas. Neste caso, o rei não se encontrava no Paço, tinha partido há cinco horas, tendo como destino Guimarães.

- Por Cristo! É a pior coisa que poderia ter acontecido – murmurou Henrique lamentoso, despenteando os cabelos com os dedos. Alexandra não compreendia o seu desespero.

- Podemos alcançá-lo. Um coche não anda assim tão depressa.

- É verdade o que diz, no entanto El-Rei recusar-se-á a receber-nos a meio de uma viagem e, se assim for, os mandatários do Marquês chegarão antes, serão escutados e...

- Se assim é, continuarei sozinha, insistirei para que me oiçam. Se for enforcada, simplesmente serei.

- Não! Não podes! – Exclamou o capitão da guarda real, fitando-a ultrajado, sem reparar que a tratara na segunda pessoa do singular. – Vais dar a tua causa como perdida, vais desperdiçar a tua vida!

- Nada foi em vão, capitão. Não mudarei os meus intentos. Tracei já o meu destino.

O homem soltou um suspiro de compreensão, apesar de ser uma insanidade tudo aquilo.

- Então, traçou também o meu. Irei consigo, corajosa, ou talvez, insensata donzela – declarou com uma vénia. – Jurei a mim mesmo que não a deixaria. A minha espada servi-la-á até ao final da demanda, mesmo que isso signifique a minha morte.

Alexandra entreabriu os lábios para agradecer, mas as palavras faltaram-lhe. Nunca ninguém se tinha oferecido tão livremente pela sua causa. Mordeu o lábio inferior, desviando o olhar.

Nesse preciso momento, um cavalo ultrapassou-os com uma fúria que fez os seus cabelos esvoaçarem. A capitã observou o seu cavaleiro atentamente, franzindo as sobrancelhas, como se tentasse lembrar-se de algo remoto.

- Aquele rapaz era o mesmo que me vendeu as informações. O que...

As palavras faltaram-lhe, não concluindo a questão formada. Era-lhe agora tão claro como água límpida o motivo da sua presença. Henrique também se apercebeu.

- Temos de detê-lo! O Marquês deve ter-lhe pago para entregar a sua fatal mensagem, e com o seu selo terá a máxima atenção de El-Rei – disse, apesar de Alexandra ter perdido metade da frase quando o homem começara a correr algures para o interior do Paço.

Henrique conhecia cada pedaço dos arredores de Lisboa, cada trilho musgoso e acidentado. Segundo as suas palavras, quando criança caçara por aquelas paragens em companhia do pai, viajando dias e dias com pouco ou nenhum descanso.

Cavalgaram por esses caminhos pouco frequentados como se fosse uma estrada regular, não se dando à lembrança de rezar ou pedir à Divina Trindade que os auxiliasse. De momento era secundário. Se os Poderosos os quisessem ajudar, fá-lo-iam de livre vontade, sem preces ou pedidos.

A única força que os impelia a continuar era a sua vontade de justiça, era nela que se seguravam, e foi com ela que palmilharam quilómetros de atalhos encurtados.

Cansados ou esbaforidos não pararam durante horas. Tinham um destino marcado que não iriam simplesmente apagar com o sopro vil da desistência.

Ao fim de três horas, desembocaram no trilho que a carruagem do rei deveria seguir. Pedira-o Henrique, para orientação.

Baixou-se e perscrutou o chão atentamente, deixando que os dedos acariciassem a terra seca e batida. Após alguns segundos um sorriso formou-se-lhe na face e Alexandra não precisou perguntar-lhe o porquê.

- A carruagem do Rei já passou, mas o nosso caro amigo não, tenho a certeza. Não se atreveria a meter-se por atalhos. Os rumores de existência de ursos são demasiado intensos. O que prefere, capitã? Esperamos por ele ou alcançamos o rei?

Alexandra mirou o caminho de curva a curva, onde se perdia da sua vista. Se apanhassem o estupor que se vendia a todos e qualquer um, teriam na sua posse uma prova de como o Marquês de Tomar tentaria enganar o Rei. Mas como utilizá-la? Mordeu o lábio, acertando as ideias, antes de lhe responder. A sua mão escorregou até ao punho da adaga que fora já utilizada na noite passada.

- Esperaremos.

Deslizara cada um para o seu lado do trilho, escondendo-se sob as sombras do entardecer. O vento sacudia o caminho, formando pequenos e vazios redemoinhos de pó. Há meia hora de paciência que ali se encontravam.

Antes de mais nada, tinham feito uma pequena combinação: Henrique apareceria na estrada e tentaria pará-lo, com a alta patente a que pertencia. Caso isso não acontecesse, Alexandra agiria, tentando atingi-lo com a adaga de uma forma não mortal.

Não tiveram que esperar muito mais para porem o seu plano em andamento.

Começaram por ouvir cascos a embaterem violentamente na terra e as incitações do cavaleiro, para que o animal se esforçasse mais. Nesse preciso momento, o capitão da guarda real saiu para a beira da estrada, enquanto a Pluma Escarlate dirigiu toda a atenção, por entre a folhagem dos arbustos. O seu alvo aparecera na mira.

O rapaz da praia vinha embrulhado numa velha e descuidada capa de viagem, possivelmente repleta de vastos remendos. O cavalo que montava era veloz, e nunca poderia ser seu. Não possuía dinheiro suficiente para o comprar.

Mal reconheceu o capitão, parou. Mas no seu rosto ampliava-se a suspeita.

- Porque ides com tanta pressa? – Inquiriu Henrique.

- Transporto uma mensagem para El-Rei.

Ao mesmo tempo que a conversa se sucedia, Alexandra retirava a adaga do cinto e rodava-a entre os dedos, impaciente.

- Entrega-ma, levá-la-ei eu próprio – ordenou Henrique autoritariamente, estendendo-lhe o braço de mão aberta.

A mão do rapaz dirigiu-se para uma pequena bolsa que transportava presa ao ombro, mas era hesitante. Não tinha vontade alguma de lhe entregar a mensagem.

Henrique aproximou-se um pouco mais com a mão ainda estendida, mas a sua intenção para com o rapaz estava ainda encoberta. Num movimento rápido e imprevisto, agarrou o manto do jovem e arrancou-o do cavalo que se empinou assustado. Desprevenido, o rapaz caiu e rebolou no chão, mas não teve tempo de desembainhar um pequeno punhal, pois quando se voltou, tinha já uma afiada e mortal espada apontada à garganta. O medo da morte cercara-o. Era mais que óbvio que daria o que fosse preciso para sair ileso daquele caminho de terra batida.

Alexandra saiu por fim do seu esconderijo, trocando a adaga pela perfeita espada que outrora pertencera a seu pai. Com um golpe cortou a fivela que prendia a bolsa do rapaz e apanhou-a, observando-lhe o conteúdo. Ali estava ele, o pergaminho do Marquês, as suas reles mentiras.

A raiva encheu-a subitamente, e apeteceu-lhe rasgá-lo em mil pedaços, todavia limitou-se a guardá-lo no sítio onde pertencia.

- Se quiseses posso levá-lo – voluntariou-se Henrique, sob o olhar assustado do rapaz que ainda se via sob o riste da ponta da espada.

- Não. – Era uma negação resoluta. Levá-lo-ia ela, falaria ela com o rei, seria ela que defenderia e vingaria tudo o que merecia ser defendido e vingado.

- Vemo-nos mais tarde, então?

Sorriu, um sorriso sincero que lhe amenizou a expressão dura que lhe marcara a face durante anos e anos de árdua luta.

- Fica combinado.

Foi buscar um dos cavalos escondidos entre os arbustos altos que rodeavam o trilho e montou-o, incitando-o a seguir a uma maior velocidade a cada metro percorrido, sem olhar para trás. Pois em frente é que era o caminho.

Alcançou a carruagem do rei em menos de uma hora de cavalgada, e abrigou-a a parar pela sua mera presença. Uma escolta seguia à frente e atrás do transporte de sua majestade, preparados para qualquer ataque de ladrões ou assassinos e foram os guardas que seguiam atrás que a cercaram, de espadas desembainhadas. Considerou aquilo um pleno exagero, mas não o comentou. Qualquer ofensa que a sua boca pudesse proferir, virar-se-ia de imediato contra ela e de forma letal. Explicou, então, ao que vinha, calmamente, resguardando-se da desconfiança que a sua apressada chegada causara. Pelos cantos dos olhos, viu a porta da sumptuosa carruagem abrir, e um homem de ricos trajes saiu do seu interior. Supunha que fosse o rei, pois nunca antes o vira.

- Porque parámos? – Quis este saber, num tom comedido que mostrava mais curiosidade do que propriamente irritação.

- Senhor! – Um dos guardas saltou do cavalo e aproximou-se do rei, murmurando-lhe algumas palavras junto ao ouvido. O soberano não afastou o olhar de Alexandra, julgando-a sem mesmo a conhecer. Depois de escutar tudo o que o guarda tinha a dizer, aproximou-se, encarando-a sem rodeios. Pluma Escarlata desceu do cavalo e fez uma vénia honrada ao seu senhor, voltando a fitá-lo.

- A que vens, senhora?

A capitã explicou-se, desta vez mais pormenorizadamente, permitindo que a verdade extravasasse do seu interior como um rio furioso prestes a saltar do leito. Mas o rio não saltou, mantendo-se dentro do seu carreiro até desaguar no vasto oceano. Assim foram as suas palavras para o espírito do rei que, ao fim de algum tempo, fez um leve aceno com a cabeça, demonstrando a sua grande compreensão. Mostrou-lhe ambos os documentos, como prova de tudo o que dissera. Enquanto o rei os

analisava com atenção, Alexandra rodou o pescoço, ao escutar cascos de cavalo contra o piso duro. Henrique aproximava-se, célere. Sorriu novamente. Finalmente, tudo acabara em bem.

BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS

Carina Raquel da Costa Portugal Monteiro nasceu a 19 de Junho de 1989, no distrito de Lisboa. Mora actualmente na Amadora e estuda Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Escreve prosa e poesia por gosto e amor às letras e participou já em alguns projectos, entre os quais a revista literária *Alterwords*. Alguns dos textos, principalmente de poesia, podem ser consultados no blog da autora: <http://asameiasdocrepusculo.blogspot.com>

Carla Ribeiro, estudante de Medicina Veterinária, natural de S. Martinho de Mouros, nasceu a 20 de Julho de 1986. Premiada em vários concursos literários, tem textos publicados em diversas antologias e colabora assiduamente em diversas publicações electrónicas. Publicou, além disso, os livros “Estrela sem Norte”, “Alma de Fogo”, “Canto de Eternidade”, “Herdeiros de Arasen, vol. I”, “Herdeiros de Arasen, vol. II”, “O Deus Maldito”, “Alma Abandonada”, “Dualidades” (este em co-autoria com Susana Catalão) e “E Morreram Felizes para Sempre”, bem como os e-books “Derivações de Além-Vida”, “Coração Selvagem” e “Fragmentos de Sombra” (este último também na Neolivros). Informação sobre as publicações e excertos das mesmas podem ser encontrados em www.freewebs.com/carlaribeiro